



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE MATEMÁTICA, ESTATÍSTICA E FÍSICA
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Exatas



**O Ensino da Tabela Periódica para Turmas com Alunos
Autistas de Grau 1**

Mônica de Quadros Silva

Santo Antônio da Patrulha
2024

MÔNICA DE QUADROS SILVA

**O Ensino da Tabela Periódica para Turmas com Alunos
Autistas de Grau 1**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Ciências Exatas.

Orientador: Dr. Marcelo Godoi

Coorientadora: Dra. Patrícia Ignácio

Coorientadora: Dra. Maria do Carmo Galiuzzi

Santo Antônio da Patrulha

2024

O Ensino da Tabela Periódica para Turmas com Alunos Autistas de Grau 1

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Ciências Exatas.

Data da Aprovação: 30/09/2024

Banca Examinadora

Orientador: Dr. Marcelo Godoi (FURG)

Coorientadora: Dra. Patrícia Ignácio

Coorientadora: Dra. Maria do Carmo Galiazzi

Dr. Anderson da Silva Rosa

Dra. Fernanda Trombetta da Silva

Ficha Catalográfica

S586e Silva, Mônica de Quadros.

O ensino da tabela periódica para turmas com alunos autistas de grau 1 / Mônica de Quadros Silva. – 2024.

154 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, Santo Antônio da Patrulha/RS, 2024.

Orientador: Dr. Marcelo Godoi.

Coorientadora: Dra. Patrícia Ignácio.

Coorientadora: Dra, Maria do Carmo Galiazzi.

1. Autismo 2. Ensino de Química 3. Tabela Periódica I. Godoi, Marcelo II. Ignácio, Patrícia III. Galiazzi, Maria do Carmo IV. Título.

CDU 376.3:54

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me guiado e iluminado em todo o percurso e permitido que pudesse seguir adiante. Sua presença em meu coração me permitiu avançar.

Ao meu esposo Daniel de Ávila de Oliveira e aos meus filhos queridos Matheus e Arthur Silva Oliveira pela paciência incansável e compreensão diante minha ausência em diversos momentos que foram fundamentais para minha total dedicação.

Ao meu Orientador Marcelo Godoi, manifesto minha sincera admiração pela sua dedicação, calma e paciência em auxiliar em momentos críticos e que pareciam sem saída, foi uma luz em meio a escuridão. Agradeço em me escolher como sua orientanda e acreditando no meu potencial enquanto pesquisadora onde outros não viram. Na jornada da vida, podemos nos deparar com várias portas fechadas, quando uma se abre é possível acreditar que tudo é possível. Foi assim que me senti quando fui escolhida por ele. Gratidão eterna.

A minha dedicada Coorientadora Patrícia Ignácio pela sua forte presença e perseverança em fazer com que esse trabalho se concretizasse. Pela generosidade em ceder seu tempo em qualquer hora ou situação que fosse preciso, suas contribuições foram todas necessárias. O nome dela é perseverança, desistir jamais. Ensinaamentos para a vida toda.

A minha Coorientadora Maria do Carmo Galiazzi, minha professora querida da faculdade de Química e que de bom coração se prontificou em ajudar na construção da metodologia, usando sua sabedoria para desmistificar o que era a princípio pra mim uma escrita confusa. Agradeço sua presença inspiradora e apoio constante.

A minha amiga de mestrado e para a vida Aline Braga por estar ao meu lado, me incentivando a continuar e ouvindo as mais diversas reclamações. Sua amizade foram verdadeiros pilares nos momentos desafiadores e nas boas risadas que surgiram quando dividimos o quarto de uma pousada longe de nossa cidade apenas para assistir às aulas de mestrado.

Agradeço igualmente à minha amiga de mestrado Carine Silveira que junto com a Aline formamos um grupo excelente de trabalho. Sempre em sintonia, mesmo todas nós estando sobrecarregadas, achamos nosso ritmo e tudo deu certo. A parceria exemplar, qualquer um quer do lado.

A minha querida estagiária dedicada e amiga Diúli de Seta Lopes que se prontificou em ajudar no que fosse preciso para que as atividades práticas fossem realizadas com alegria e leveza. Todas as práticas que ela estava ao meu lado me dando o suporte e a tranquilidade que eu precisava, foram essenciais. Este Mestrado me presenteou com mais uma amiga para a vida toda.

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Duprat, uma escola pública, por abrir suas portas de forma acolhedora e por acreditar e apoiar nossa proposta. Sua parceria foi importante para a realização e o desenvolvimento deste trabalho ao longo desses dois anos.

A minha banca de qualificação Professora Dra. Fernanda Trombetta da Silva e a Professora Dra. Andrielli Leitemberger Nunes pelas excelentes contribuições, fizeram toda a diferença.

Aos professores e professoras do programa de mestrado, aprendi muitas informações que contribuíram para a minha sala de aula. Obrigada por compartilharem comigo seus conhecimentos

A Universidade Federal do Rio Grande, gratuita, especialmente ao Campus Santo Antônio da Patrulha, pela oportunidade de me tornar Mestre em Ensino de Ciências Exatas. Sua dedicação em oferecer educação acessível é importante na vida de todo o estudante.

A todos mencionados e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, sem esse apoio não seria possível. Minha sincera GRATIDÃO.

Ninguém começa a ser um educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde, ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

(FREIRE. 1991, p.58)

RESUMO

O ensino de Química é fundamental para a formação científica dos alunos, mas apresenta desafios particulares para alunos com autismo de grau 1, devido às características do espectro autista e a complexidade da disciplina. Este trabalho propõe a criação de uma sequência didática adaptada, observando as particularidades de alunos autistas, que permitirá a construção de uma Tabela Periódica gigante. A proposta foi aplicada a 1 (uma) turma do 2º ano do Ensino Médio na cidade de Rio Grande, resultando em um aumento significativo na compreensão das particularidades dos alunos autistas e sobre os elementos químicos, além de promover maior socialização entre os alunos. Em análise de entrevistas com profissionais da área percebeu-se a necessidade de promover estratégias inclusivas para a aprendizagem e socialização. Estes resultados destacam a importância de adequações curriculares e pedagógicas para promover um ensino de Química inclusivo e acessível.

Palavras-Chave: Autismo, Ensino de Química, Tabela Periódica.

Abstract:

The teaching of Chemistry is fundamental for the scientific training of students, but it presents particular challenges for students with grade 1 autism, due to the characteristics of the autism spectrum and the complexity of the subject. This work proposes the creation of an adapted didactic sequence, observing the particularities of autistic students, which will allow the construction of a giant Periodic Table. The proposal was applied to 1 (one) 2nd year high school class in the city of Rio Grande, resulting in a significant increase in the understanding of the particularities of autistic students and chemical elements, in addition to promoting greater socialization among students. In the analysis of interviews with professionals in the field, the need to promote inclusive strategies for learning and socialization was noted. These results highlight the importance of curricular and pedagogical adjustments to promote inclusive and accessible Chemistry teaching.

Keywords: Autism, Chemistry Teaching, Periodic Table.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BGV	Bairro Getúlio Vargas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CID	Classificação Internacional das Doenças
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNE	Plano Nacional de Educação
PNI	Pesquisa de Natureza Interventiva
SAP	Santo Antônio da Patrulha
TEA	Transtorno do Espectro Autista

LISTA DE TABELAS E QUADRO

Esquema 1 - Desenho Livre	38
Esquema 2 - Jogo da Memória	39
Esquema 3 - Phillips 66	40
Esquema 4 - Oficina 1	41
Esquema 5 - Oficina 2	42
Esquema 6 - Phillips 3	43
Figura 1 - Símbolo do Autismo	25
Figura 2 - A colagem	77
Figura 3 - Cartela de Bingo	80
Figura 4 - Nome para sorteio	80
Figura 5 - Atividade do Bingo da Tabela Periódica	81
Figura 6 - Atividade em Sala de Aula	83
Figura 7 - Cartas do Trilhando a Tabela Periódica	84
Quadro 1 - Minha Trajetória	18
Quadro 2 - Classificação do Autismo CID - 11	26
Quadro 3 - Níveis de Suporte	27
Quadro 4 - Resultado dos trabalhos selecionados durante o estado de conhecimento	33
Quadro 5 - Metodologia utilizada com autistas na Educação Especial	36
Quadro 6 - Temas envolvendo a Química	37
Quadro 7 - Estratégias para promover a inclusão	44
Quadro 8 - Jogos de Inclusão	47
Quadro 9 - Categorias Iniciais	50
Quadro 10 -Categorias Intermediárias	51
Quadro 11 - Categorias Finais	51
Quadro 12 - Entrevistados	58
Quadro 13 - Características do aluno autista “Lantanídeo”	74
Quadro 14 - Características observadas na atividade do Lantanídeo	78

Quadro 15 - Sequência do jogo trilhando a Tabela Periódica.....	82
--	-----------

SUMÁRIO

Minha	
Trajetória.....	13
1. Introdução e Objetivos.....	19
2. Revisão de literatura	
2.1 Conhecendo o Autismo.....	23
2.2 Conhecendo o Ensino de Química.....	30
2.3 Autismo e o Ensino de Química: O que Dizem as Pesquisas....	33
2.4 Generalidades do Método ATD como procedimento de Análise.....	47
3. Caminho Metodológico	
3.1 O caminho trilhado até chegar nas Análises.....	52
3.2 Caracterização da Pesquisa.....	55
3.3 Escolha e Caracterização da Escola.....	56
3.4 Caracterização da Turma.....	57
4. Resultados e Discussões	
4.1 Caracterização e Contato com os Entrevistados.....	58
4.2 Explorando as Entrevistas - Análise dos Dados sobre o Autismo.....	60
4.3 A Caminhada com um Aluno Autista e os desafios da Construção das aulas de Química Inclusa.....	74
4.4 O Bingo da Tabela Periódica.....	79
4.5 Trilhando a Tabela Periódica.....	81

5. Considerações Finais.....	85
6. Referências bibliográficas.....	89
7. Apêndices	
Anexo 1 - Aceite do Comitê de Ética.....	91
Apêndice 1 - TCLE para os responsáveis dos alunos menores de 18 anos.....	95
Apêndice 2 - TALE para os alunos menores de 18 anos.....	99
Apêndice 3 - TCLE para maiores de idade.....	101
Apêndice 4 - TCLE para os participantes da pesquisa.....	105
Apêndice 5 - Entrevista com a psicopedagoga da Clínica.....	111
Apêndice 6 - Transcrição da entrevista com a Psicopedagoga da Clínica.....	112
Apêndice 7 - Entrevista com a Psicopedagoga da Escola.....	130
Apêndice 8 - Transcrição da entrevista com a Psicopedagoga da Escola.....	130
Apêndice 9 - Entrevista com a Psicóloga.....	137
Apêndice 10 - Transcrição da Entrevista com a Psicóloga.....	137
Apêndice 11 - Entrevista com a Mãe de Autista.....	142
Apêndice 12 - Transcrição da Entrevista com a Mãe de Autista.....	143

Minha Trajetória

Nasci, me criei e moro em Rio Grande. Nessa cidade, a minha trajetória sempre foi de muita batalha e de muito estudo. Eu pensava: se está ruim com estudo, imagina sem! Atualmente, sou professora de Química, trabalho em duas escolas de Ensino Médio e sou Tutora da EAD no curso de Administração Pública.

Meus pais não tiveram muita instrução, mas fizeram muita questão de propiciar a minha educação. Durante minha juventude a minha principal fonte de conhecimento foram livros, muita leitura, pois naquela época o acesso à internet não existia. Estudei do Ensino Fundamental até o Ensino Médio na escola particular Liceu Salesiano Leão XIII, em Rio Grande. Terminei o Ensino Médio em 1991. Dessa época tenho meus amigos até hoje e guardo com carinho muitas lembranças significativas dessa vivência escolar.

O Pensamento sempre foi ir mais longe. O sonho de entrar para a Universidade não estava longe. Em 1993, entrei para a faculdade de História Bacharelado, mas ainda assim não era suficiente. Quando tive a oportunidade de ingressar em outra faculdade, não perdi a oportunidade, em 1995 entrei para a faculdade de Química Licenciatura Habilitação em Ciências. Não desisti da História, pois também achei que, para o meu currículo, quanto mais conhecimento, melhor seria para a minha vida profissional, as duas faculdades foram na FURG (Fundação Universidade do Rio Grande). Em 2001, me tornei Bacharel em História Licenciatura. Na época, eu estava preocupada com o ensino, e a minha pesquisa de final de curso foi sobre “O Atual Ensino de História nas Escolas de Ensino Médio”.

Em 2003, me formei em Química. Não fui padrão, pois eu trabalhava para me sustentar, mas consegui a formatura. Nesse meio tempo, eu casei e engravidei do meu primeiro filho. Continuava olhando para a frente. O Trabalho de conclusão de curso foi “O Estudo da Química utilizando como ferramenta as embalagens: sua história e do homem”.

Mesmo assim, não queria parar por aí, sentia a necessidade de continuar os estudos e em 2007 entrei para o curso de Administração de Empresas, na antiga faculdade Atlântico Sul, que depois se tornou Anhanguera Educacional. Concluí o curso em 2010 com o trabalho “A Qualidade no atendimento ao Cliente”.

Em 2009, fui chamada na 18ª. Coordenadoria Regional de Educação (CRE 18) para ocupar o cargo de professora de Química. Foi um presente muito grande, pois sempre sonhei em estar na sala de aula. Senti que havia chegado a hora de pôr em prática tudo que eu havia estudado.

Nunca tinha assumido uma turma em sala de aula, a não ser como aluna ou estagiária. Como professora, foi uma imensa emoção. A jornada em sala de aula começou na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, onde, inicialmente, eu trabalhava com o Ensino de Química. Em seguida, me convidaram para dar aula no Curso Técnico em Secretariado e Comércio Exterior como professora de Administração de Empresas. Permaneci nessa escola por 8 anos.

Por diversas vezes eu senti medo. A sala de aula assusta um pouco, ela te causa ansiedade ou apreensão, uma reação natural para essas situações desafiadoras de turmas de escola. Mas esse medo foi meu combustível, uma energia para nunca desistir e sempre continuar buscando o conhecimento. Meus alunos mereciam isso de mim.

Em 2012, lecionei Química para o Ensino Médio na Escola Particular São Francisco, permanecendo apenas esse ano, pois foi para suprir a falta de um professor. Mas, tudo nessa vida são experiências.

Ainda em 2012, fiz Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Nesse curso, o amor pela docência só aumentou. Parece que abriu meus olhos para um mundo cheio de possibilidades e, principalmente, da inclusão. Porque percebi a importância de entender que meus alunos, independente de suas características individuais, necessitam de acesso igualitário à educação e se sintam pertencentes à comunidade escolar. A especialização proporcionou ferramentas para promover esse ambiente acolhedor.

Em 2014, atuei como supervisora no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), uma experiência maravilhosa que resultou em muitos trabalhos e

muita interação com a escola, alunos e professores. Destaco que, na época, trabalhamos com os experimentos investigativos.

De acordo com Ninin (2008, p. 21):

Nesse sentido, podemos definir “pesquisa escolar” como atividade sistematizada e mediada entre sujeitos, pautada em instrumentos que propiciam a construção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia, por meio de ações com características de reflexão crítica, que priorizam descobrir, questionar, analisar, comparar, criticar, avaliar, sintetizar, argumentar, criar.

Logo, o PIBID se constituiu em um espaço colaborativo de pesquisa e de construção coletiva de conhecimentos.

Na ânsia de que todos aprendam, é importante salientar a responsabilidade que cada um têm. Por isso, se tornam essenciais as rodas de formação, pois ali, naquele momento, é que estamos indagando e questionando uma melhor forma de aprendizagem, e, a partir dessa ideia, conseguimos desenvolver um ótimo trabalho.

Acredito que o processo de investigação da experimentação, associado à escrita de narrativas, possibilita a transformação da aprendizagem coletiva. Dessa forma, a experimentação investigativa é um modo de operar o fenômeno em estudo, em que a mediação ocorre por meio da indagação coletiva dos modelos explicativos a serem aperfeiçoados. (Motta et al., 2013)

Dando prosseguimento ao meu processo formativo, em meio à Pandemia da COVID-19, surgiu a oportunidade de fazer uma especialização em Atendimento Educacional Especializado, a qual conclui em janeiro de 2022. A partir desta, vejo a necessidade de saber cada vez mais sobre meus alunos inclusos. "É apenas a ponta do Iceberg". Por isso, segui com minha vontade de aprender sempre. Cada um de nós tem um sonho e é isso que nos motiva a buscar e querer sempre mais e melhor.

No ano de 2022, voltou a vontade de fazer um mestrado. Um degrau acima de tudo que já fiz. Aprender sempre e nunca parar. Esse mestrado profissional em Ensino de Ciências Exatas da Universidade Federal do Rio Grande - FURG tem total relação com o que venho buscando para o aprimoramento dos meus conhecimentos na sala de aula e contribuição para melhorar a educação.

Conforme Dorneles e Galiazzi (2012, p. 184) “A experiência, quando escrita, favorece a reflexão a respeito do fato narrado, logo o desafio que se estabelece é o de escrever sobre a experiência da docência”. Sendo assim, encaramos a escrita como parte essencial do nosso trabalho, tanto para o professor quanto para o aluno, pois só assim, podemos perceber e aprimorar todos os trabalhos.

No final sempre iremos nos perguntar se fizemos um bom trabalho, mas o mais importante é que estamos nos aperfeiçoando. E, se estamos conseguindo marcar os nossos alunos, então, acredito que estamos no caminho certo.

Sabemos que há um longo percurso até a educação de qualidade estar disponível para todos. E, para a escola alcançar esse nível, é preciso que possamos analisar determinadas práticas de ensino.

Fernandéz (1991, p. 27) afirma que:

Esta busca criativa é a que age como chave para encontrar dentro de nós essa zona de jogo, esse espaço lúdico e criativo, a partir dos quais, no tratamento, conseguiremos vinculadamente vencer ao sintoma que nos ocupa, que não é outra coisa além de inteligência atrasada, isto é, a criatividade encapsulada, a curiosidade anulada, a renúncia a pensar, conhecer e crescer.

Fico extremamente satisfeita quando estou em sala de aula, mas sei que é meu ponto de vista que os alunos estão ouvindo, por isso a necessidade de indagar, questionar e buscar mais.

Com relação ao ensino de Ciências, é muito importante que os alunos tenham consciência do quanto é importante a investigação e a noção de que está presente em nosso cotidiano.

De acordo com Sasseron (2019, p. 565):

Compreender fenômenos corriqueiros, buscar respostas para o que é, como surge e como se desenvolve a vida, avaliar condições para o bem-estar, considerar elementos para a conservação da saúde são apenas alguns dos propulsores que levam pessoas a se embrenharem com ações de investigação que podem culminar com a proposição de novos conhecimentos.

Em 2023 entrei para o Residência Pedagógica (FURG), um programa de formação de professores que procura complementar a formação acadêmica de estudantes. O objetivo principal é proporcionar aos alunos de licenciatura uma experiência em sala de aula, é nesse ponto a minha função, auxiliar nas

propostas de atividades em sala de aula, estando sempre junto e monitorando, contribuindo com a minha experiência de professora. Um programa importante que cria laços entre a universidade e as escolas, incentivando a troca de conhecimentos e desenvolvimento.

Dentro de sala de aula sempre existiram desafios, como carga horária pesada, falta de tempo e remuneração, mas quando se envolve emocionalmente e com amor pelo que faz os momentos de recompensa será sempre ver o seu aluno seguir adiante, sem desistir, percebe-se nesse momento que foi feita a diferença na vida dessas pessoas. Sou professora de 40 horas, todo ano quando começo é como se estivesse iniciando um ciclo novo, pois sempre estou aberta a aprender e a compreender as rotinas de uma escola.

E para finalizar, desde 2022, o Rio Grande do Sul está sofrendo mudanças no ensino médio. Dentre essas mudanças estão disciplinas novas e a possibilidade do aluno escolher algumas dessas de acordo com seu interesse, a ideia também é que busque promover a teoria com a prática, possibilitando ao estudante oportunidade de prepará-lo melhor para o mercado de trabalho. Mas, tudo isso tem gerado muitos debates, pois mudanças radicais necessitam adaptações às necessidades específicas de vários alunos e isso requer um grande esforço e trabalho em conjunto.

Neste momento para muitos tudo está muito confuso e para nós professores também. Mas, cada momento vivido dentro da sala de aula é um presente e um aprendizado. Acredito no potencial de todos os meus alunos, por isso quero levar novos conhecimentos, aprender a aprender, afinal ensinar exige muita responsabilidade.

Quadro 1 - Minha trajetória



Fonte: Elaborada pela autora

1. Introdução e Objetivos

A Química e o ensino da mesma desempenham um papel marcante na vida escolar dos alunos e na sua formação. Cabe destacar que existem habilidades importantes envolvendo a Química que se tornam necessárias para compreender a sociedade em que vivemos. Essas habilidades vão desde o uso de medicamentos até os materiais utilizados em um carro, para quem gosta e quer entender mais sobre esse assunto.

As habilidades supracitadas compreendem um amplo conhecimento, sendo necessário conectar a Química ensinada na escola com o dia a dia. O entendimento de medicamentos, por exemplo, é importante para profissões como enfermagem e farmácia, pesquisadores que sempre precisam tomar decisões importantes quanto ao uso deles, procurando garantir a segurança das pessoas e a eficácia dos tratamentos, entre outros. É importante para o cidadão entender sobre dosagem e medicamentos e cuidados de higiene básica. E sobre o conhecimento utilizado em carros, nota-se que são necessários conceitos de engenharia, ciência dos materiais, entender as propriedades físicas e químicas dos materiais, dos plásticos, borracha e como são processados para utilizar nesses veículos - também visando a eficácia e a segurança.

Nesse sentido, a articulação dos conhecimentos químicos com o dia a dia, é importante para que o pensamento crítico, o raciocínio lógico e a comunicação científica sejam trabalhados nas salas de aula de Química como habilidades importantes, aplicadas diretamente no dia a dia do aluno.

De acordo com Nogueira e Sachs (2013, p. 07):

A disciplina de Química tem como objetivo formar um aluno que ao mesmo tempo em que adquire os conhecimentos químicos necessários, seja capaz de desenvolver um pensamento crítico sobre o seu aprendizado e a relação que a química tem com sua vida.

Contudo, é preciso que se diga que o ensino da referida disciplina, bem como de outras mais, não se dá de forma igual e linear para todos os

estudantes. Desse modo, se faz necessário promover o ensino em uma perspectiva inclusiva.

A Declaração de Salamanca (1994) foi muito importante para a Educação Inclusiva, pois procurou beneficiar as crianças que por algum motivo não estavam na escola. Em convergência com essa declaração, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 12.796- 2013 e o Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.005-2014 garantem os direitos de acesso a todos os níveis de ensino e a inclusão, assegurando a sua socialização e não a sua exclusão. São alunos com determinadas especificidades, as quais devem ser observadas com bastante atenção¹.

No campo da educação inclusiva se busca ambientes e estruturas que promovam a participação de todos os estudantes dentro de um ambiente escolar. Ela não está apenas limitada a remover barreiras, mas sim criar ambientes propícios a vivências e de convivências, respeitando as raças, as diferenças de gêneros, etnias, entre outras. A esse respeito, Mantoan (2015, p. 80) afirma que: “incluir é não deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças indistintamente”. Logo, é preciso que a escola, bem como professores se organizem para promover a inclusão.

Em linhas gerais, a falta de conhecimento acerca da educação inclusiva tem acabado por generalizar esses estudantes como desatentos e inquietos. Nesse sentido, acabam por desmotivar este aluno e por fazer com que ele não participe das aulas. Mantoan (2004, p.29) explica que “Nem todas as diferenças necessariamente inferiorizam as pessoas”. A sociedade cria padrões que, por fim, levam à discriminação e à exclusão daqueles que não estão nesse perfil. Então, é necessário saber identificar as diferenças, respeitar e aprender a conviver com a diversidade.

Em particular, para este estudo, as discussões serão produzidas em relação aos alunos autistas. Hudson (2019, p. 144) explica que: “Alunos com TEA podem considerar outras pessoas confusas e imprevisíveis, pois acham difícil entender as normas sociais e padrões de comportamento informais”. O aluno autista de grau 1, também chamado de autismo de suporte nível 1, é considerado um grau mais leve do espectro autista e têm algumas

¹ O ensino para esses alunos e maiores informações destes sujeitos serão descritas na seção 3.1 conhecendo o Autismo

características como: poucas demonstrações de dor, quase não tem interesse em interações sociais, dificuldades em lidar com barulhos e mudança de rotinas. Tendo em vista essas condições, o ensino se não for planejado e organizado podem ter dificuldades no processo de aprendizagem desse estudante.

Pensando nesse aluno autista, o desenvolvimento de atividades relacionadas à Tabela Periódica surge como uma interessante alternativa, uma vez que, em geral, o layout da Tabela é muito colorido e muitos autistas têm habilidades visuais bem desenvolvidas. Alguns desses alunos possuem o espectro e apresentam hiperfoco e gostam de entender determinados assuntos específicos, podendo assim se interessar por alguns elementos químicos. Assim sendo, se o professor conseguir adaptar as atividades para esses alunos com necessidades específicas, pode promover uma aprendizagem mais inclusiva em Química.

Nesse contexto, a Tabela Periódica emerge como um foco de ensino, possível, para que o estudante compreenda a representação organizada e sistemática dos elementos químicos que fazem sentido no cotidiano do aluno. Importante salientar que para o aluno autista esse mesmo sentido pode ser um desafio complementar. Então a conexão com o cotidiano se torna interessante pelo fato de eles compreenderem como os conceitos químicos se relacionam com o mundo em que vivem.

Sendo assim, uma proposta didática inserida nesse contexto, visa propor uma interação maior desses alunos com essas especificidades dentro da escola e busca promover a sua socialização. O desafio é transpor o conhecimento e desenvolver habilidades de comunicação, socialização e melhorar o entendimento que os alunos têm sobre a química.

Partindo desse entendimento, a questão investigativa é: Desenvolvimento da Tabela Periódica: Busca de atividades para turmas com alunos autistas de Grau 1 a partir do desenvolvimento da Tabela Periódica.

De fato, na presente dissertação almeja-se desenvolver uma sequência didática de modo a proporcionar a aprendizagem do conteúdo de Tabela Periódica a turmas do Ensino Médio com alunos autistas de grau 1. Além disso, o que se propõe nesta pesquisa são estratégias pedagógicas voltadas ao ensino da Tabela Periódica adaptadas aos alunos autistas. Essa abordagem

inclusiva vem ao encontro do entendimento de que os alunos autistas devem ter qualidade de ensino. E, de acordo com Bastos (2016, p. 923), "o bom ensino no contexto da inclusão é aquele que responde às necessidades educacionais dos alunos, mediante a mobilização de recursos variados".

No que diz respeito aos objetivos específicos pretende-se:

- Identificar os interesses específicos dos alunos com autismo de grau 1 em relação a Tabela Periódica, como forma de personalizar o processo de ensino;
- Compreender as especificidades do autismo no que se refere aos processos de ensino e aprendizagem em química no ambiente escolar;
- Avaliar estratégias de ensino de Tabela Periódica para alunos autistas;
- Propor estratégias de inclusão nas aulas de Química.

Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, exploratória e interventiva. A partir de atividades desenvolvidas em sala de aula e entrevistas com profissionais que lidam com o Autismo mapearam-se importantes informações de modo que a pesquisadora mediou esse trabalho, elencando as demandas que passaram a ser analisadas posteriormente.

2. Revisão da Literatura

2.1 Conhecendo o Autismo

De acordo com Vargas e Schmidt (2019), o primeiro caso de autismo foi considerado por volta de 1800 com um menino, chamado posteriormente de Victor de Aveyron. Ele foi encontrado nas florestas do sul da França vivendo com lobos, supostamente desde pequeno, isolado de todo o contato humano. Jean Itard o adotou e passou a estudá-lo. Após, na primeira década do século XX (1906), Plouller acabou introduzindo o termo autista na literatura psiquiátrica e era entendido como pacientes com demência precoce.

Bleuler, em 1911, foi o primeiro a difundir o termo autismo enquanto perda de contato com a realidade, causado pela impossibilidade ou dificuldade de comunicação interpessoal. Ele referiu-se ao autismo como transtorno básico de esquizofrenia.

Em 1943, Leo Kanner publicou "Os distúrbios autísticos de contato afetivo". O pesquisador estudou um grupo de 11 crianças com situações diversas, como a falta de comunicação, movimentos repetitivos, a obsessão por rotina e dificuldades de relacionamento com outras pessoas desde o início da vida. Ele, também, afirmou que haveria possibilidades de que o autismo tivesse haver com as características dos pais e o modo de vida deles. Com isso, os descreveu como sendo altamente intelectualizados, emocionalmente frios e com poucos interesses nas relações humanas.

A Síndrome de Asperger foi estudada pelo pediatra Hans Asperger em 1944 e, segundo ele, as características eram deficiências na interação social e problemas nos padrões de comportamento. Ele observou que essas características se manifestaram desde a infância e, também, destacou que esses indivíduos manifestaram comportamentos repetitivos e rotineiros.

Na Síndrome de Asperger, os indivíduos têm características às vezes acima da média e eles se interessam por assuntos específicos, onde se desenvolvem muito bem, o que hoje é chamado de Hiperfoco, enquanto os indivíduos com autismo eram vistos como limitados. Com o passar dos anos, os pesquisadores entenderam que esse transtorno poderia ser visto como pertencente à mesma categoria de autismo e, a partir desse momento, a Síndrome de Asperger passou a fazer parte dos Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo chamado de Autismo de Grau 1² em 2022.

Nos anos 70, o autismo era associado à esquizofrenia pelo CID-9 (1979). A associação ao termo esquizofrenia vem do estudo original de Kanner e a nomenclatura era Psicose infantil ou Síndrome de Kanner.

Contudo, os estudos mostram que a esquizofrenia se manifesta tardiamente, mais precisamente na adolescência, e o autismo pode ser diagnosticado antes dos 3 anos de idade. Vale ressaltar que, Autismo é por toda a vida e se manifesta durante todo o tempo. Já a esquizofrenia ocorre em surtos e em espaços curtos de tempo. Contudo, não se pode excluir que a esquizofrenia pode se manifestar em indivíduos com autismo. Para chegar a esse caso clínico, a esquizofrenia deve permanecer pelo menos 1 mês com as alucinações ou delírios (DSM- IV TR, 2003).

Atualmente, o termo autismo foi substituído pelo Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é considerado um distúrbio do neurodesenvolvimento, caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades, conforme classificado no DSM-5 (2013).

A figura ilustrada abaixo é o símbolo da neurodiversidade e significa que a abrangência do autismo é muito maior do que imaginamos e foi criada pela

² Após a última revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos de Saúde Mental (DSM-5), as pessoas com Síndrome de Asperger passaram a se enquadrar no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista nível 1. A nomenclatura Síndrome de Asperger ainda está vigente na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), porém, em 1º de janeiro de 2022, quando a CID-11 entrará em vigor, será também englobada no espectro autista nível 1. Para maior contextualização, pode-se dizer que: toda pessoa com Síndrome de Asperger está no espectro autista nível 1, porém, nem toda pessoa que está no espectro nível 1 se enquadraria na Síndrome de Asperger. Fonte: [Síndrome de Asperger ou Transtorno do Espectro Autista nível 1? - Dra. Deborah Kerches \(dradeborahkerches.com.br\)](https://dradeborahkerches.com.br), acessado em 18/04/2023.

Autism Speakes³ (2005). Significa que está faltando algo e que precisa ser resolvido.



Figura 1 - Símbolo do Autismo

Em 2012, foi aprovada no Brasil a lei da viabilização dos direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é a lei nº 12.764/2012⁴, a qual se chama Lei Berenice Piana, nos mostrando que esse sujeito é considerado pessoa com deficiência.

No Brasil, a preservação do direito legal destas pessoas está descrita em quatro documentos: Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), (ECA) (1990), Lei da Inclusão (2015), Lei Berenice Piana (2012) e Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015).

Estes documentos regulamentam e servem de parâmetros para que as instituições acolham as famílias deste público específico, proporcionando igualdade de condições como: suporte escolar, prioridade em filas, capacitação, direitos previdenciários, redução de carga horária, cobertura de planos de saúde entre outros (Lino; Lino. 2022, p. 440)

Em 2022, O Transtorno do Espectro do Autismo - TEA (código 6A02), passou a constar como um diagnóstico unificado na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, ao CID-11.

Stravogiannis (2022, p. 42) afirma que :

O diagnóstico do autismo é clínico, segue critérios estabelecidos no DSM - 5 e 11º versão da Classificação Internacional das Doenças (CID-11). Ambos trazem instruções detalhadas e códigos distintos para a devida diferenciação entre autismo com e sem deficiência intelectual, comprometimento da linguagem funcional, além da

³ A **Autism Speaks Inc.** (AS) é a maior organização de defesa do autismo nos Estados Unidos e uma das maiores do mundo. É responsável por financiar pesquisas sobre autismo e promove atividades de conscientização e divulgação voltadas para famílias e governos. A organização foi fundada em fevereiro de 2005 por Bob Wright, quando seu neto foi diagnosticado com autismo. Fonte: Autism Speaks – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

⁴ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm

gravidade de cada caso. em geral, a pessoa diagnosticada com TEA apresentam alguma comorbidade, como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), problemas motores, distúrbios do sono, deficiência intelectual, epilepsia, entre outras.

As subdivisões passaram a ser apenas relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual. A intenção é facilitar o diagnóstico e simplificar a codificação para acesso a serviços de saúde.

De acordo com CID-11⁵ (2022, pág.7-8) a classificação do autismo se encontra no quadro abaixo.

Quadro 2 - Classificação do Autismo CID-11

6A02	Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)
6A02.0	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional
6A02.1	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional
6A02.2	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada
6A02.3	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada
6A02.4	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
6A02.5	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional

⁵ CID-11: Classificação Internacional de Doenças

6A02.Y	Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado
6A02.Z	Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado

Fonte: CID-11 (2022)

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2022, pág. 96) os níveis de suporte do autismo são:

Quadro 3 - Níveis de Suporte

NÍVEL 1 DE SUPORTE:	Alguém neste nível tem dificuldades para iniciar interações e mostra menor interesse nos relacionamentos. O comportamento inflexível leva a dificuldades nas atividades cotidianas.
NÍVEL 2 DE SUPORTE:	Neste nível, as pessoas têm dificuldade acentuada com a comunicação verbal e não verbal. Eles têm habilidades sociais limitadas. Sua inflexibilidade é óbvia para observadores casuais.
NÍVEL 3 DE SUPORTE:	Pessoas neste nível têm graves dificuldades de comunicação, incluindo modos verbais e não verbais. Eles têm acentuada dificuldade de funcionamento

Fonte: DSM 5 (2022)

Com relação aos direitos, toda a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem direito à vida digna, à integridade física e moral, ao livre desenvolvimento da personalidade, à segurança e ao lazer; à proteção contra qualquer forma de abuso e exploração; ao acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde. (Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012).

Nesse contexto, é muito importante saber interagir com eles. Por isso, se torna essencial conviver, observar, aprender e ler muito sobre esse assunto. Conforme Pego (2003, p.13), “[...] trabalhar com quem tem problemas de

aprendizagem exige que se tenha uma postura investigativa, numa constante busca de respostas”. Neste sentido o autor ressalta que lidar com as questões do autismo requer muito mais que burocracias a serem seguidas, é necessário uma abordagem atenta, que busque entender as especificidades de cada autismo, e os profissionais devem estar dispostos a entender esse universo avaliando propostas de estratégias para atuar junto a inclusão. E devido a toda essa complexidade, Santos, Lourenço e Capelinni (2013, p.386), “o autismo é um tema intrigante devido às incertezas de sua causa e aos questionamentos relacionados a ele que não possuem uma resposta exata.” O Autismo não tem uma resposta definitiva, existe uma série de perguntas que ainda não foram respondidas então não tem uma manual de como trabalhar com o eles, por isso é um tema complexo e muito desafiador.

Nota-se que até o presente momento não há um consenso, referente à origem do autismo, mas existem diversas situações que podem ocasionar tal transtorno, como as influências pela predisposição genética e fatores ambientais. Com relação aos fatores ambientais causadores, se pode encontrar doença mental materna, obesidade, idade avançada dos pais, baixa nutrição, ambiente de trabalho nocivo e muitos outros fatores. Mas, é possível minimizar os riscos com um bom acompanhamento gestacional. Teixeira (2016, p.20) assevera que: “Não sabemos exatamente as causas do autismo, entretanto, podemos enumerar diversos fatores de risco que parecem favorecer o desenvolvimento dessas condições comportamentais, incluindo fatores genéticos e ambientais”.

De acordo com Teixeira (2016, p.18), acontece “um caso de autismo para 42 nascimentos de meninos, enquanto que para meninas a relação seria de um caso para cada grupo de 189 meninas”, o que mostra que a incidência é maior em meninos.

Ressalta-se que a desinformação se torna perigosa, pois pode causar severos problemas no desenvolvimento dessas crianças. Quanto mais cedo o diagnóstico, melhor. Muitos pais não aceitam o diagnóstico favorável ao autismo. Negam e, com isso, muitos problemas emocionais são difíceis de serem vivenciados.

De acordo com Pinto (2016, p.5):

É muito difícil para os pais, especialmente para as mães, vivenciarem essas diferenças. Para elas, perceber que as pessoas se sentem incomodadas pela presença da criança autista constitui um gesto de preconceito. Ademais, qualquer ofensa direcionada ao filho é tomada como se fosse para si própria. O prejulgamento e a discriminação fazem com que a mulher busque superproteger ainda mais o filho, caracterizando-o como um ser frágil e indefeso.

Por esses motivos, se torna importante o entendimento do TEA. Quando as oportunidades são oferecidas, a aprendizagem é possível. Para isso, é necessário que os pais, os professores e a escola aceitem e compreendam esse transtorno.

A esse respeito, Rogers e Dawson (2014, p. 07) afirmam que: "Os pais devem participar na intervenção, bem como na definição de objetivos e prioridades, e devem ser ensinados a como implementar as estratégias de intervenção em casa." A família é um dos fatores importantíssimos para a contribuição da evolução do desenvolvimento e comportamento de quem tem essa Síndrome.

Já em sala de aula, para que esses sujeitos participem dos processos educativos, o professor deverá se atentar que eles podem ter atitudes diferentes dos outros e se mostrarem socialmente isolados. No entanto, é possível possibilitar uma educação de qualidade, podendo promover práticas voltadas ao ensino de Química, trabalhando assuntos voltados à sua realidade.

Mahl (2022, p.146) ressalta que:

Nesse sentido, torna-se necessária a reorganização das escolas tanto nos aspectos pedagógicos quanto administrativos. Isto porque a educação em uma perspectiva inclusiva causa uma ruptura com os antigos modelos educacionais, estáticos e elitizados, que se materializam por meio de práticas pedagógicas e ações administrativas que correspondem a uma escola classificatória e excludente.

A autora explica que é necessário serem pensadas formas pedagógicas diferenciadas e inclusivas para promover a educação. Procurando sempre respeitar a individualidade de cada aluno e quanto às administrativas ela reafirma que necessita de uma revisão das políticas escolares para que possam conseguir combater a exclusão. Tudo isso implica em romper com os antigos modelos tradicionais para que, no futuro, se possa ter a participação de todos os alunos.

Associando esse atendimento humanizado, com o sentimento de pertencimento dentro da escola, -onde não há espaço para preconceito e discriminação - estariam sendo produzidos e, com isso, se conseguiria criar estratégias importantes para a aprendizagem, podendo gerar respeito à diversidade e às diferenças.

2.2 Conhecendo o Ensino de Química

A Química faz parte das ciências da natureza e está presente em todos os materiais que ocupam o planeta.

Isso porque:

A Química é uma ciência fundamental para nossa compreensão e adaptação do mundo, é um dos ramos mais importante na vida moderna, pois a sua função é estudar a natureza da matéria, sua estrutura, composição, propriedades dos corpos, as reações e transformações dos materiais, contribuindo para a compreensão dos fenômenos naturais.(Paiva; Fonseca; Colares, 2022, p. 2)

Para que exista uma contextualização, entende-se que a Química é uma disciplina de grande importância, pois permite estabelecer conexões entre seus conteúdos e situações reais do cotidiano. Dessa forma, os alunos podem perceber como essa ciência está presente em diversos aspectos de suas vidas. Segundo Gérson de Souza Mól (2005, p.23), em seu livro "Química e Sociedade", "Estudar Química não só nos permite compreender os fenômenos naturais. O seu conhecimento nos ajuda a entender o complexo mundo social que vivemos." Nesse sentido, a conversa em sala de aula e os exemplos da vida cotidiana facilitam a compreensão de conceitos e aplicações dos mesmos.

Neste contexto, alguns autores ressaltam a importância de analisarmos como o ensino de química está sendo assimilado pelos alunos e como eles estão entendendo os conceitos básicos. De acordo com Pozzo e Crespo (2009, pág. 16) "o problema é que eles sabem fazer as coisas, mas não entendem o que estão fazendo e, portanto, não conseguem explicá-las nem aplicá-las em novas situações". Já Mól et al. (2011, p.9) enfatizam que, "As transformações Químicas não são estudadas apenas pelos químicos. Os cozinheiros, por exemplo, estudam constantemente as melhores maneiras de combinar

diferentes temperos (...)"'. Essa afirmação mostra que a Química não está presente somente na sala de aula e que pode fazer parte, por exemplo, da culinária, onde existem diversas transformações químicas. Ressaltando que a Química permeia muitos lugares em nosso cotidiano, os alunos conseguem relacionar com situações reais.

O Ensino de Química durante todos esses anos tem se mostrado de difícil aprendizagem em sala de aula. Fórmulas, cálculos são utilizados, sem fazer sentido para o estudante, o que torna a disciplina, por vezes, sem interesse.

Lima (2016, p. 25) afirma que:

(...) essa prática tem caracterizado a Química como uma ciência quase que exclusivamente teórica, quando se sabe que sua natureza é essencialmente experimental. Isso tem gerado sentimentos de desmotivação e desinteresse por parte dos estudantes, de modo a poder se afirmar que o Ensino de Química desenvolvido na maioria das escolas brasileiras está baseado no processo simples de transmissão de informações, de conceitos e de leis isoladas, não apresentando nenhuma relação com o cotidiano dos estudantes.

No que diz respeito à experimentação em Química, essa prática se torna um método de demonstrar conceitos teóricos que motivam mais os educandos a uma participação mais ativa em sala.

Atualmente, algumas escolas têm laboratório para que os professores possam desenvolver suas aulas. É verdade que os recursos são poucos, mas é possível criar algumas atividades significativas. Colocar o aluno para investigar em sala de aula torna o ensino mais agradável, pois passa a ser o sujeito que vai dar vida às suas ideias e desmistificar que apenas os cientistas fazem ciência. Se os alunos gostam de laboratório, por que não criar atividades que sejam mais significativas para todos?

Conforme Silva, Souza e Prochnow (2020, p. 402):

Ao promover a pesquisa, a ação do professor acaba sendo facilitada, uma vez que ele cria condições efetivas para um bom aprendizado. Neste sentido, entende-se que também é importante propiciar situações, tanto coletivas como individuais, para que as crianças possam fazer observações, questionamentos, formulação de hipóteses, experimentação, análise e registro, estabelecendo um processo de troca entre professor e aluno fazendo com que novas indagações sejam geradas.

A pesquisa no ensino de Química avança sempre que a necessidade de melhorias da sociedade aparece. Um tratamento de esgoto, lixo, água,

alimentação são algumas das necessidades básicas e, por isso, se tornam necessárias e abordadas em sala de aula. Gerson Mól (2005, p. 22) enfatiza que “A Ciência, a tecnologia e a sociedade têm caminhado na busca de soluções de grandes problemas, mas também têm provocado consequências desastrosas para a vida humana no planeta”. Conforme Dutra, Soares, Figueiredo e Gomes (2019, p. 02):

Entendemos que uma das formas de se engajar os alunos, desenvolver autonomia de estudo e proporcionar condições para que eles se entendam como protagonistas é disponibilizar metodologias que incentivem à participação e o entrosamento dos estudantes dentro e fora de sala de aula.

Nesse contexto, o professor tem seu papel importante para fazer essa conexão com a Química. Uma aula com recursos motivadores é essencial para apreender, estimular a discussão e promover o pensamento crítico, gerando futuros pensadores preocupados com o meio ambiente e com a sociedade.

Para além da experimentação e da pesquisa, o uso de tecnologias se constitui em uma aliada nos tempos atuais.

Todas essas questões levantadas pelos autores com relação ao ensino de Química mobilizam a compreensão da necessidade de o ensino levar em conta as diferentes maneiras de aprendizagem, procurando adaptar o ensino às necessidades individuais.

Paulo Freire (1996, p.17) diz que é importante pensar no todo.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez.

Dentro dessa abordagem, é importante que as escolas se preparem para receber e propiciar a inclusão, oferecendo um ambiente que esteja adaptado às necessidades dos estudantes. Em particular, a inclusão do aluno

autista requer um comprometimento e o envolvimento de toda a comunidade escolar. Um indivíduo com TEA, pode ter um ensino de qualidade, uma sala de aula saudável, fazer amizades e também aprender química, pois a mesma é envolvente e não precisa ser ensinada de forma maçante. Para isso é necessário utilizarmos os instrumentos certos e/ou espaços adaptados para o estudante com autismo.

2.3 Autismo e o Ensino de Química: o que dizem as pesquisas

Para o desenvolvimento deste tópico, realizou-se a busca por trabalhos relacionados ao Autismo e ao Ensino de Química. Os repositórios de pesquisa foram: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Revista Química Nova, Capes, Scielo e Revista Educação Especial (UFSM), sendo as palavras-chaves utilizadas: Ensino, Química e autismo. Nessa busca da literatura, o espaço de tempo foi utilizado de 2013 a 2023, totalizando 10 anos. Foram selecionados pela similaridade ao tema de pesquisa, aqueles que apresentam autismo e se relacionam com a Química.

O resultado da pesquisa totalizou 09 trabalhos relacionados diretamente com a dissertação de mestrado. Para melhor entendimento do leitor, foi elaborada a tabela a seguir, contendo o local da consulta, tipo de trabalho, o título do trabalho, os autores e o ano de publicação.

Quadro 4: Resultados dos trabalhos selecionados durante o estado de conhecimento

Sites de Busca	Tipo de trabalho	Título do Trabalho	Autor (a)	Ano
Revista Educação Especial - UFSM	Artigo	O professor da Educação Especial e o processo de Ensino Aprendizagem	Boettger, Andréa Rizzo dos Santos Lourenço, Ana Carla	2013

			Capellini, Vera Lúcia Messias	
Capes	Artigo	O Ensino de Química na Escola Básica: o que se tem na prática o que se quer na teoria	Lima, José Osiam Gadelha	2016
(BDTD)	Dissertação	A inclusão de alunos com transtorno de espectro autista (Síndrome de Asperger): Uma proposta para o ensino de Química	Ane Maciel Dias	2017
Revista de Ensino de Ciências e Matemática	Artigo	O uso da leitura para ensinar o conteúdo de fenômenos no Ensino Médio	Martins, Maria Alice Diniz Oliveira, Maria Orminda Santos Dias, Daiane Souza Ribeiro, Karoline Rocha Vasconcelos, Pedro Fonseca de Cunha, Izabella Renata Gomes	2017
	Livro	Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC	Hudson, Diana	2019
(BDTD)	Dissertação	O Ensino de Química na perspectiva inclusiva: Estratégias de ensinagem em uma turma com estudante autista	Thainá Pedrozo Machado	2020

Revista Química Nova	Artigo	Práticas docentes que podem contribuir para a inclusão de alunos com Síndrome de Asperger	GODOI, Marcelo, IGNÁCIO, Patricia e SOARES, Jéssica	2020
Capes	Artigo	Como tornar a aula de ciências inclusiva para alunos com transtorno do Espectro autista	Lino, Géssica Cristina de Lima e Lino, Thiago Henrique de Lima	2022
Capes	Dissertação	Estratégias Didáticas potencializadoras no Ensino e aprendizagem de Química	Paiva, Maria Mabelle Pereira	2022

Fonte: Elaborado pela autora

De modo a realizar uma análise mais concisa, foram elencadas as categorias dos autores que sustentam as discussões sobre o Autismo e o ensino de Química. Com isso, foram analisados os seguintes trabalhos:

No artigo “O professor da Educação Especial e o processo de Ensino Aprendizagem”, Boettger, Lourenço e Capellini mostraram como o processo de ensino-aprendizagem em Química de alunos com autismo pode existir de forma mais interessante. Foi analisado nos estudantes com esse transtorno a forma como eles interagem, as habilidades, a comunicação e o comportamento. Além disso, os autores mostraram que ainda existem lacunas entre a escola e o ensino inclusivo, principalmente, devido aos desafios enfrentados pelos estudantes com Autismo e a falta de criar novos caminhos que visem possibilitar a participação ativa desses alunos, proporcionando oportunidades para todos.

Nesta pesquisa eles buscaram compreender qual a metodologia de ensino utilizada em adolescentes com autismo na Educação Especial e como auxilia no processo ensino-aprendizagem. Foi feita uma entrevista

semi-estruturada com à professora e 19 observações de atividades realizadas com 3 alunos autistas. As observações foram feitas em uma escola de Educação Especial nas disciplinas de:

Quadro 5: Metodologia Utilizada com autistas na Educação Especial

Artes	Envolvia colagens, pinturas e desenhos. Aprendiam a forma de segurar um lápis, treina coordenação motora fina, percepção e descrição de imagens a partir das figuras que eles pintavam
Matemática	Contagem ou jogos matemáticos. Contavam os dedos, os lápis, os brinquedos, encaixar formas geométricas
Língua Portuguesa	Mostrar as letras dos nomes dos alunos
Informática	Assistir vídeos no youtube, ouvindo músicas infantis
Desenho Livre	rabiscar e desenhar o que quiser, ensinar diferentes cores
Coordenação Motora	Utilizavam jogos e brinquedos próprios . Brinquedos de rosquear e de manipulação infantil
Educação Física	Atividades de Pula-pula e caminhada. Conceitos como rápido e devagar.
Esquema Corporal	Ensinar partes do corpo. Utiliza bonecos e usa espelho para auto reconhecimento
Brincadeiras e Brinquedos Diversos	Bola e bexiga, bonecas, urso de pelúcias, carrinhos. Atividade Livre
Percepção e Discriminação de figuras	Mostram figuras de livros infantis para desenvolver a percepção e a discriminação de imagens
Hora do parque	atividade livre
Hora do Lanche	cada aluno tinha seu lugar determinado
Hidroterapia	Momento para relaxamento e caminhada na água.
Higiene Pessoal	Envolvia escovação de dentes e lavagem das mãos após o lanche e banho dirigido, que ocorria após o parque
Sala de vídeo	Vídeos infantis, analisar a percepção do

	aluno.
Atendimento Com a Psicóloga e Terapeuta ocupacional	Trabalhou-se atividades da vida diária

Fonte: Boettger, Lourenço e Capellini (p. 393-394, 2013)

Diante dessas informações percebe-se a quantidade de profissionais para trabalhar o desenvolvimento de crianças com autismo, e o quanto é importante esse trabalho. Sempre enfatizando que requer profissionais capacitados para atender esse transtorno.

Lima (2016), em seu artigo, fez discussões sobre temas pertinentes que envolvem a Química como por exemplo:

Quadro 6: Temas envolvendo a Química

Atividade experimentais (Aulas Práticas)
As Atividades de Estudo do meio ou da realidade
Diversificações de recursos e materiais didáticos
Computador e a Internet
Metodologia de projetos
Processo de Avaliação

Fonte: Lima (p. 23, 2016)

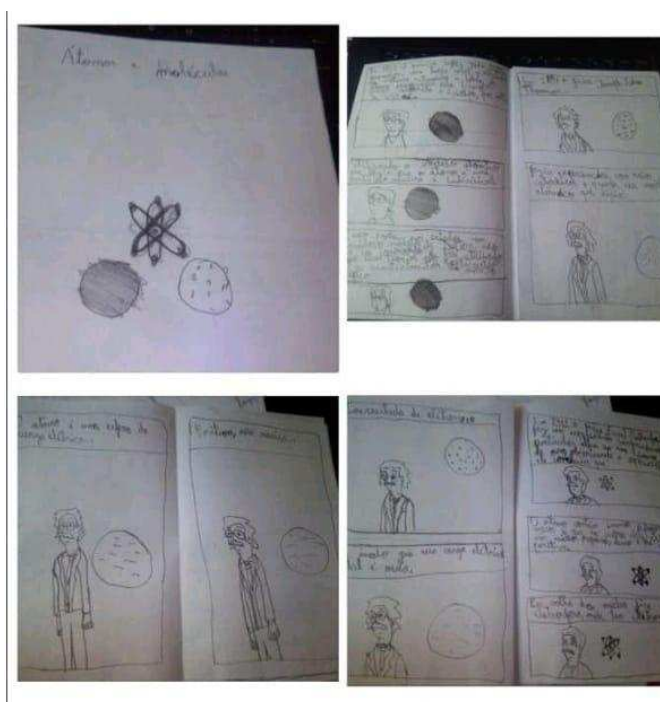
Essas reflexões vêm ao encontro com o nosso tema, pois as aulas de Química podem ser repensadas de maneira a ser mais interessante para o aluno e que ainda existe um grande caminho até chegar na educação de qualidade.

Dias (2017) propôs discussões sobre a inclusão e os recursos adaptados para sala de inclusão, ensino de química e propostas para trabalhar esse ensino de química com alunos que tenham síndrome de Asperger. Para atingir seu objetivo ela obteve a parceria dos professores de sala de aula e da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola em que trabalhou.

Nesse estudo, a autora focou também na atuação dos professores de Química com o aluno Autista, onde através de entrevistas procurou conhecer a realidade dos mesmos em sala de aula. Nesses relatos foram citados que os

alunos tinham dificuldades com o abstrato, então ensinar o que é o átomo era complicado, a partir de tais ideias a autora elaborou atividades voltadas para a inclusão como desenhos, jogos como xadrez, usados como caminhos para conquistar o aluno Autista e chegar na Química. Quando foi o momento de ensinar Química, utilizou-se de um vídeo sobre a disciplina: “A história da Química: Tudo se Transforma, História da Química, História dos Modelos Atômicos - YouTube (13 min). A partir desse vídeo foi solicitado aos alunos que apresentassem da maneira como quisessem, resultando do trabalho do autista uma história em quadrinhos.

Esquema 1. Desenho Livre

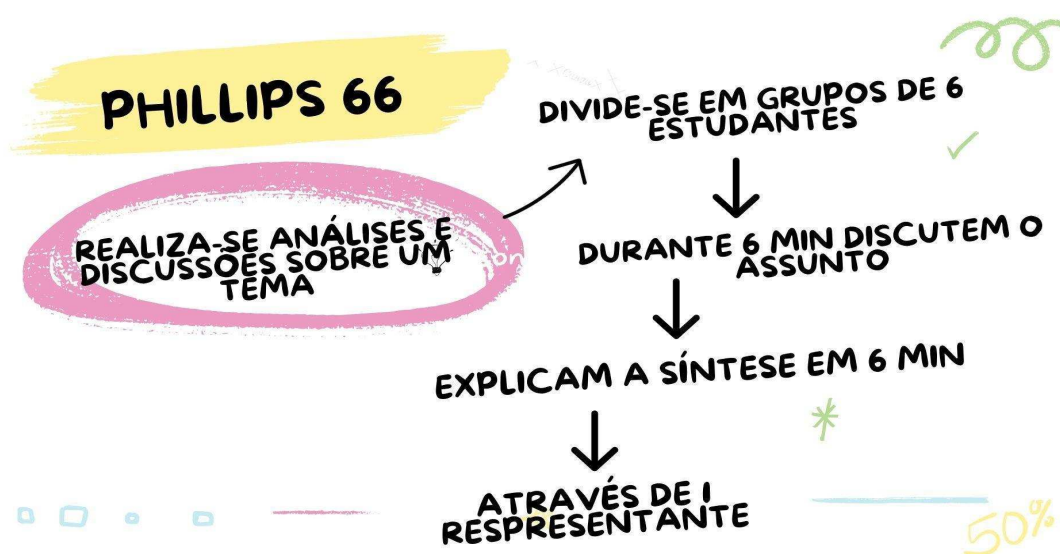


Fonte: Dias, Ane Maciel (2017, p. 89)

Outra atividade que utilizou em seus estudos em sala de aula foi o jogo de memória. Nessa atividade foi solicitado aos alunos que os mesmos unissem o nome do composto à fórmula correspondente (Esquema 2). Com o desenvolvimento deste trabalho a mestranda enfatizou a importância de ter um entendimento maior sobre educação inclusiva, o seu processo histórico, as leis que a regem, bem como as necessidades de adaptação das escolas .

sentença e plenário. No que tange à técnica de ensinagem Phillips 66, foram trabalhados resultados momentâneos e que ajuda a melhorar habilidades como raciocínio rápido e a oratória.

Esquema 3 : Phillips 66



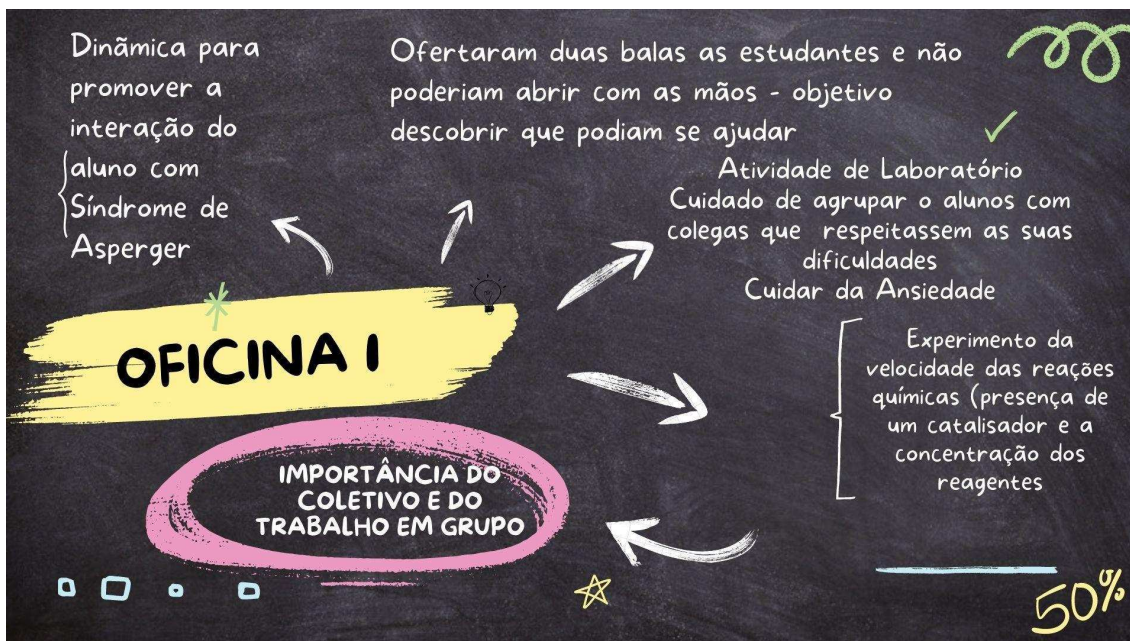
Fonte: Machado (2020, pg. 109)

A metodologia Phillips 66, representada no esquema 3 acima, é uma técnica de dinâmica de grupo que consiste em dividir a turma em grupos de 6 estudantes, ou adaptar conforme o número de alunos que a turma tem. A ideia é formar grupos para atingir resultados rápidos e ajudar a aperfeiçoar habilidades de comunicação e raciocínio rápido. Após a divisão, os alunos em grupo, têm um tempo de 6 minutos para a discussão do tema e depois mais 6 minutos através de um representante por grupo para explicar as conclusões que chegaram.

Para tanto, outro estudo selecionado foi o artigo relacionado com a Síndrome de Asperger e o Ensino de Química escrito por Marcelo Godoi, Patrícia Ignácio e Jéssica Soares, onde o título é “ Práticas docentes que podem contribuir para a inclusão de alunos com Síndrome de asperger: Uma abordagem alternativa para o ensino de química” (2020),

Os autores mostram que quando se refere ao ensino de Química, falta muita discussão sobre a inclusão, ressaltando que as escolas deveriam adaptar-se. Nesse pensamento procuraram desenvolver metodologias que fossem contribuir com o aluno portador da Síndrome de Asperger. Dessa forma, foram realizadas três oficinas.

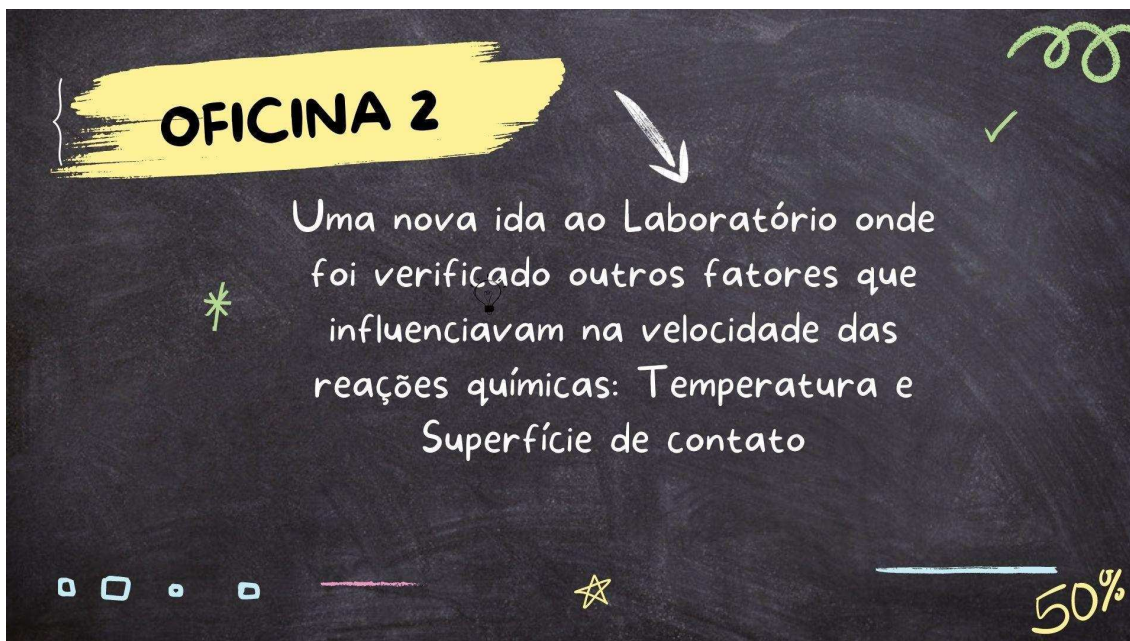
Esquema 4: Oficina 1



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Godoi et al. (2020)

De acordo com o esquema 4, a Oficina 1 ofereceu uma dinâmica para promover a interação do aluno com Síndrome de Asperger, de início foram ofertadas duas balas aos estudantes, esclarecendo que não poderiam utilizar as mãos, com o objetivo de que os alunos entendessem que poderiam ajudar uns aos outros. Nesse momento o aluno autista interagiu com os colegas sugerindo ideias para abri-las, mas não quis comer as balas. Após, os alunos foram encaminhados para o laboratório de química onde trabalharam Velocidade das reações e, nesse sentido, estudarem os fatores que influenciam nessa velocidade (catalisador e concentração de reagentes). O experimento foi feito na água oxigenada. O aluno autista interagiu ao alcançar as vidrarias e trabalhar em grupo no qual os mesmos respeitam as diversidades desse aluno.

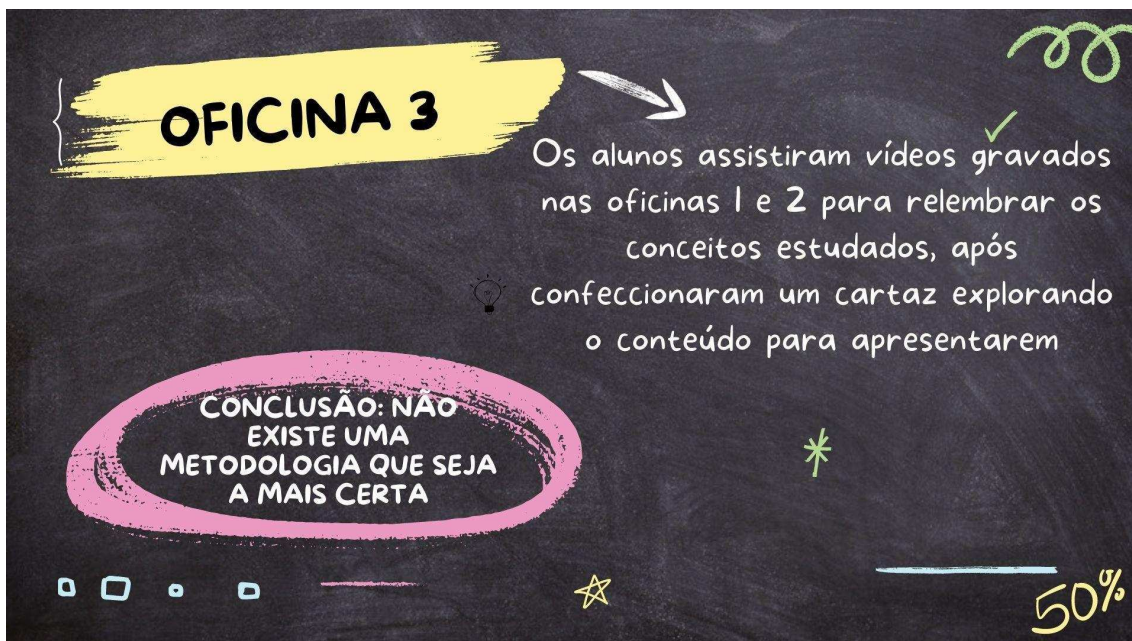
Esquema 5: Oficina 2



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Godoi et al. (2020)

Como apresentado no esquema 5, a Oficina 2 foi realizada a segunda parte do experimento velocidade das reações químicas, onde foram observados outros fatores que influenciam nessa velocidade (temperatura e superfície de contato). Utilizaram comprimidos efervescentes e água em diferentes temperaturas. Um item foi observado a audição, escutaram a efervescência do comprimido na água, importante para o autista que apresenta hipersensibilidade sensorial. Nesta oficina, o aluno autista se mostrou prestativo em alcançar os materiais, mas não quis manusear os reagentes do experimento. Quando acabou, os alunos voltaram para sala de aula e a professora explicou a importância dos catalisadores e o aluno autista respondeu aos questionamentos feitos.

Esquema 6: Oficina 3



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Godoi et al. (2020)

Segundo o esquema 6, a Oficina 3 aconteceu em sala de aula. Foi passado um vídeo das Oficinas 1 e 2 para que os alunos relembrassem o experimento e, em seguida, a atividade era elaborar um cartaz explorando o conteúdo de maneira livre para depois apresentar. O aluno autista, nessa aula, ficou disperso e agitado, observou-se que ele não gosta de atividades que envolvam a escrita. Nas oficinas 1 e 2, houve interação do aluno com Síndrome de Asperger, mas na Oficina 3 perceberam que ele não estava à vontade para realizar a atividade. Os autores chegaram à conclusão que não existe uma metodologia correta, mas que o educador precisa entender quais dificuldades esses alunos apresentam.

A pesquisa de Lino e Lino (2022) engloba temas como a educação inclusiva, diferentes problemas enfrentados pelos professores em sala de aula, como a falta de recursos. Se pode utilizar informações deste trabalho para

entender a inclusão em sala de aula com alunos Autistas. O autor afirma que o professor precisa ter uma percepção das dificuldades apresentadas em suas turmas, sabendo que cada autista é um ser único, ainda assim, é possível entender as dificuldades desses alunos promovendo a inclusão, pensando nas possíveis estratégias para trabalhar com eles.

Em seu artigo os autores ressaltam várias estratégias e que uma delas são as terapias, essenciais para o desenvolvimento social na escola, também entende que os professores enfrentam dificuldades no sentido de sala de aulas cheias, falta de monitores para apoio, assim como a falta de recursos para trabalhar. Eles analisaram 8 (oito) artigos. Abaixo está a descrição de suas pesquisas.

Quadro 7: Estratégias para promover a Inclusão

Título do Artigo/ Estudo (Autor, Ano)	Estratégia Proposta	Considerações do Autor
Ensino de Ciências inclusivo para alunos com transtorno do espectro autista e o uso de sequências didáticas (XAVIER; SILVA; RODRIGUES, 2017)	Utilização de esquemas ilustrados; solicitar ao aluno que pontue as palavras mais importantes do tema como forma de avaliar o conteúdo aprendido; elaboração de desenhos que exemplifiquem elementos	É imprescindível que a Sequência didática seja produzida com atividades diferenciadas e dinâmicas e que priorize as especificidades do aluno
Educação Especial: Autismo no ensino fundamental II da escola estadual de ensino fundamental e médio Casimiro de Abreu (MORAES; ANJOS, 2016)	Para melhor aprendizado é preciso que o aluno autista frequente a sala de recursos, pois, nesta terá maior facilidade para desenvolver e aperfeiçoar suas aptidões; organização do ambiente físico através de rotinas, organizadas em quadros, painéis ou agendas e sistemas de trabalho	A família e a escola devem sempre estar em constante colaboração na vida de uma criança, procurando melhoria tanto na vida social quanto afetiva e principalmente na aprendizagem dos mesmos; Cabe ao educador pesquisar, estar lendo e se atualizando sobre o assunto
A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática (BATTISTI; HECK, 2015)	Proporcionar às crianças com autismo a convivência com outras na mesma faixa etária possibilita o estímulo a suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo; O professor deve ter um olhar atento às necessidades para que de fato esse aluno se sinta incluído e se efetive o ensino/aprendizagem;	A educação de crianças autistas é algo que inclui muitas habilidades sociais, visuais, comportamentais e de rotina. Todas as estratégias são fundamentais para que a criança autista cresça cognitivamente e socialmente, além de elevar o bem-estar psicológico e da criança e família.

	Deve-se estruturar rotina da criança, mudanças podem influenciar em seu comportamento	
Material didático: método educacional para crianças com TEA da escola municipal José Castro de Caxias - MA (MASCARENHAS et al., 2019)	Mudanças nas práticas pedagógicas e postura diante das demandas dos estudantes, em uma escola inclusiva que propõem um modo de organização educacional que considera as necessidades de todos os alunos; Professores precisam de mais informações e materiais didáticos específicos as limitações dos alunos	A adaptação de material didático configura-se em uma importante ferramenta no auxílio ao ensino e aprendizagem de crianças com o Transtorno do Espectro Autista
A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades (BIANCHI, 2017)	O professor deve partir das potencialidades do aluno, de todas as possibilidades de aprendizagem que ele possui, e não se deixar frustrar	O docente precisa compreender que indivíduo autista é alguém que involuntariamente resiste à aprendizagem, o professor é desafiado então a conquistar sua atenção que mesmo sendo mínima, deve ser considerada com um sucesso, pois é seu ponto de partida para estabelecer uma maneira de comunicação e para oferecer as ferramentas educativas
A mochila sensorial de ciências: o uso de recursos didáticos adaptados e adequados no ensino de ciências para estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) (SOUZA, 2020)	O autor propõem a criação de uma definição diagnóstica do aluno, destacando possíveis comportamentos, através de experiências vivenciadas por professores de salas de recurso, a partir deste diagnóstico foi criada A Mochila Sensorial de Ciências, considerando a individualidade de cada aluno	A Mochila Sensorial de Ciências é um recurso adaptado para as mediações em ciências para estudantes com TEA, porém só será considerada adequada quando estiver associada às necessidades individuais do/a estudante com TEA que a utilizar. Esta ferramenta foi elaborada a partir das informações obtidas na pesquisa, onde tenta contemplar as sugestões e aspectos levantados pelos/as docentes que trabalham diretamente com esses estudantes
Construção de Sequências Didáticas com Realidade Aumentada para Alunos com Transtorno do Espectro Autista nos anos finais do ensino fundamental - 6º ano	O autor propõem um passo a passo para realizar uma análise diagnóstica para então realizar a adaptação do recurso; O autor sugere ainda plataformas e	O autor traz que em todo o percurso da dissertação proporcionou a visualização de possibilidades de atividades, bem como a redução de falhas na

(MELO, 2021)	aplicativos gratuitos com a realidade aumentada para a criação de sequências didáticas; o foco do autor é a criação de sequências didáticas de forma que proporcione a adaptação de recursos utilizando ferramentas de realidade aumentada. O tema do artigo não é especificamente em aulas de ciências, porém a proposta pode ser utilizada para todas as disciplinas	construção de sequências didáticas. Medida que o contato com o aluno aumenta. O autor ressalta ainda que o processo de inclusão nas escolas regulares já ocorre e tende a aumentar, porém para que a inclusão aconteça em todos os seus aspectos se faz necessário formação continuada, acompanhamento individualizado e processos cada vez mais claros para que se torne cada vez mais natural.
Práticas Metodológicas na Inclusão de Alunos Autistas no Ensino de Biologia/Ciências (GOMES et al., 2018)	A proposta do autor foi a utilização e a criação de dois jogos, objetivando fixar os conteúdos, as regras se restringiam apenas a limitar o número de participantes por grupo, e que todos tinham que responder pelo menos uma vez, ao término o grupo com mais acertos venceu. Sendo que o primeiro jogo utilizou imagens e no segundo com a utilização do programa Power Point, apresentando aos alunos questões relacionadas com o tema da aula. Foi proposto ainda paródias, como forma de tornar a aula dinâmica e estimular a fixação dos conteúdos. Para finalizar foram realizadas questões aos alunos a respeito da metodologia utilizada, com o Objetivo obter um feedback do aluno.	Os autores consideram a experiência um exercício importante para a sensibilização tanto dos professores quanto dos alunos para a inclusão integral e entende que cada indivíduo é único, portanto, a busca por metodologias de ensino inclusivas são uma ferramenta indispensável

Fonte: Lino e Lino (p.445, 2022)

Paiva, Fonseca e Colares (2022) abordou assuntos como as aulas tradicionais e que os aprendizes são meros receptores. Também mencionou que a Química é vista pelos estudantes como difícil compreensão e procurou pensar em estratégias de ensino que melhorem essa visão, como por exemplo aulas mais contextualizadas e com a linguagem acessível e estratégias de aulas utilizando jogos. Inicialmente o autor fez pesquisas de estratégias que

pudessem promover aulas de químicas mais interessantes, após confeccionou jogos didáticos em turmas de 2º anos e 3º anos. Sugeriu jogos como adivinhações, quebra-cabeças, cruzadinhas, kahoot, plickers, jogo da escada e serpente, descobertas das palavras, cabo de guerra, quiz, jogos do play store, roleta química, advindas da tabela periódica, segredo químico, na intenção de atrair a atenção desses alunos. Afirmo que o lúdico está presente nos jogos. E todos esses jogos podem ser adaptados ao ensino de química. Abaixo está um exemplo de dois jogos para utilizar nas aulas adaptando para autistas citados pelos autores.

Quadro 8: Jogos de Inclusão

Jogo Serpente e Escada	Utiliza dados, peões, um tabuleiro, cartas com perguntas de conteúdos estudados. Objetivo é construir relacionamento sobre assuntos abordados em sala de aula.
Kahoot	Plataforma e ambiente virtual baseado em jogos, o professor pode criar jogos e quizzes e compartilhar com os alunos.

Fonte: Paiva, Fonseca e Colares (p. 09, 2022)

O professor tendo um papel de articular as situações vivenciadas em sala de aula, consegue proporcionar novas aprendizagens. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Investigar e vivenciar o cotidiano do aluno dentro da sala de aula se torna uma possibilidade de uma Educação Inclusiva em Química.

É urgente falar da inclusão, pois está cada vez mais presente em sala de aula, os textos trabalhados acima abordam assuntos como a Educação Especial, o ensino de Química, estratégias para trabalhar com o autismo em sala de aula, jogos. Ideias novas ou adaptadas sempre são importantes para melhorar o ensino criando um ambiente acolhedor e de respeito e todas essas propostas estão conectadas contribuindo para um bom desenvolvimento e para que todos possam ter oportunidades de aprendizagem.

2.4 Generalidades do Método ATD como Procedimentos de Análise

Quando se utiliza a pesquisa qualitativa ela se torna uma peça fundamental para compreender alguns fenômenos e explorar territórios do conhecimento. Portanto, nesse contexto foram utilizadas as pesquisas qualitativa e exploratória e o método da Análise do Discurso (ATD) para interpretação dos dados coletados através de entrevistas e dos resultados encontrados ao longo da aplicação das atividades.

A ATD é essencialmente um método de análise qualitativa, voltado para a compreensão de significados subjacentes em textos. Ela estrutura o processo de análise em etapas que envolvem a desconstrução dos textos em unidades de significado, categorização dessas unidades, e posterior síntese interpretativa. Como mais adiante é demonstrado.

Trata-se de uma abordagem muito flexível, que permite aos pesquisadores se aprofundarem no trabalho coletado. A compreensão foi feita através de metatexto. Para Galiazzi e Moraes (2006, p.120): “a utilização da análise textual discursiva tem mostrado tratar-se de uma ferramenta aberta, exigindo dos usuários aprender a conviver com uma abordagem que exige constantemente a (re)construção de caminhos”. Justamente por esse pensamento é que foi escolhido o método de Análise Textual Discursiva por ter essa capacidade de proporcionar uma compreensão mais profunda e uma abordagem rica e contextualizada para a análise das entrevistas e dos dados produzidos durante a aplicação da sequência didática.

Moraes (2020, p. 594) afirma que: “A Análise Textual Discursiva (ATD) constitui uma metodologia de análise de informações que tem sido cada vez mais utilizada em pesquisas sociais, especialmente na Educação”. Foi aplicada como ferramenta a Análise Textual Discursiva (ATD), que é um processo que envolve examinar todo o contexto das entrevistas e da sequência didática com o objetivo de pesquisa.

De acordo com Galiazzi e Moraes, o processo de ATD se inicia:

A análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização,

que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. (2006, p. 118).

As etapas do método ATD começam pela **Unitarização** dos textos, onde se decompõem os textos em unidades de significado. Para tanto, é preciso analisar as unidades de sentido. Nessa primeira parte, Roque (2020, p. 595) explica que: “(...) focaliza mudanças epistemológicas e paradigmáticas implicadas no trabalho com a ATD”. O segundo passo é a **Categorização** onde as unidades de significado semelhantes são agrupadas, as categorias podem ser criadas indutivamente, a partir dos próprios dados. Para Roque (2020, p.595), “(...) os pesquisadores se envolvem ao trabalharem com esta metodologia, implicando desconstruções e reconstruções, sempre à procura de maior compreensão dos fenômenos investigados”. O terceiro passo é a **Interpretação**. Nesse momento, procura-se analisar o conteúdo das análises de significado, buscando padrões entre as categorias.

Moraes (2020, p. 595), nesta terceira parte, enfatiza:

Aprofundam-se as questões de autoria e aproximação sujeito-objeto implicadas no uso da ATD, com exigência de constantes interpretações do pesquisador em relação aos seus materiais de análise e necessidade de assumir seus próprios pontos de vista na organização dos resultados de suas pesquisas.

A quarta parte são os **Metatextos Analíticos**, os quais são produzidos como parte do processo de Análise Textual Discursiva, representam uma forma de comunicação entre o processo de análise e o resultado da pesquisa. Moraes (2020, p. 595) mostra que acontece nesse momento: “(...) a inserção do pesquisador em espirais reconstrutivas, em que a criação e imaginação são partes integrantes da produção e expressão de novas compreensões”.

Todas as etapas são um ciclo contínuo de análise e reflexão sempre permitindo que o pesquisador explore de uma forma mais profunda todos os significados presentes e construa uma compreensão mais contextualizada.

Seguindo os passos, a transcrição das entrevistas e das gravações das atividades foi feita em sua integralidade, conforme o passo a passo identificado acima, procurando capturar todas as palavras dos entrevistados e participantes, onde conseguiu-se identificar padrões recorrentes. Após, foram

criadas as unidades de significado e unidas as palavras-chave, de modo indutivo. Elas resumem e capturam conceitos significativos nas respostas. A partir desse momento, criou-se as categorias iniciais onde as ideias iniciais surgem de maneira natural, elas não são predefinidas, mas vão surgindo conforme são organizadas as respostas das entrevistas e narrativas das atividades. Obtivemos 20 categorias iniciais.

Quadro 9: Categorias Iniciais

1-Formação do profissional
2-Formação Continuada
3-Trabalhar a parte social e de sentimentos do autismo
4-Identificação de Autismo em Bebês
5-Características do Autismo
6-Diagnóstico Profissional
7-Autista não entende suas características
8-Família em posição de Defesa
9-Escola não Inclui
10-Relação Saudável com os terapeutas
11-Sala de recursos encaminhar alunos sem laudo
12-Sala de Recurso
13-Sala de aula do Professor
14-Orientador
15-Relação Profissional do AEE com o professor da sala de aula
16-Cuidados do Profissional
17-Professor deixa de Lado
18-Aprendizagem a Perceber Características nos alunos
19-Monitor
20-Entender de Leis

Fonte: Elaborada pela autora

Seguindo adiante, a categoria intermediária surge nesse passo. O nível é mais elaborado de organização e interpretação dos dados, momento importante pois é necessário agrupamentos de ideias e padrões mais emergentes e abrangentes de uma análise mais profunda. Nesse processo, conseguiu-se unificar em 6 categorias (de A até F).

Quadro 10: Categorias Intermediárias

A-Formação profissional
B-Família
C-Tratamento Clínico
D-Características do autismo
E-Sala de recurso e o professor
F-Sala de aula e o professor

Fonte: Elaborada pela autora

Nesse sentido, pode-se ir adiante com as categorias finais que mostram as conclusões mais amplas que podem ser discutidas em relação aos objetivos da pesquisa. Essa última é crucial para a construção da narrativa significativa dos resultados da pesquisa. Obtivemos 4 categorias:

Quadro 11: Categorias Finais

1-Autismo e seu tratamento
2-Formação de Profissional
3-Família
4-Escola

Fonte: Elaborada pela autora

Com as categorias prontas, é possível fazer a análise e criar os metatextos. Galiazzi e Moraes nos explicam que (2006, p. 118):

A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta-textos analíticos que irão compor os textos interpretativos.

Segundo eles, é importante perceber os sentimentos e a insegurança nesse processo novo de reconstrução de conhecimento que está carregado de aprendizagem.

3. Caminho Metodológico

Neste capítulo serão descritos a abordagem e os métodos utilizados, a proposta de trabalho desenvolvida, a coleta e a metodologia de análise. Buscou-se explorar e conhecer os elementos que influenciam na aprendizagem do aluno autista em sala de aula onde serão descritos no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, a presente pesquisa emprega uma abordagem metodológica abrangente desde a coleta de informações até a análise e interpretação dos resultados. A escolha desse método se alinha diretamente com os objetivos da pesquisa e com os teóricos selecionados para corroborar com os resultados obtidos.

3.1 - O caminho trilhado até chegar nas Análises

Neste subcapítulo, foi utilizado o método ATD (Análise Textual Discursiva), para analisar as entrevistas realizadas com três profissionais que atuam na área do autismo e uma mãe de autista. O objetivo deste estudo foi compreender como as experiências profissionais dos entrevistados poderiam auxiliar e contribuir para atividades pedagógicas em sala de aula e na construção da atividade da Tabela Periódica.

Encontram-se nos apêndices deste trabalho as transcrições das entrevistas realizadas na íntegra que foram conduzidas da seguinte forma:

Para proteger as suas identidades foram denominadas com um elemento químico, conforme está na Tabela Periódica, assim, buscando de forma criativa preservar a privacidade de cada participante, não comprometendo a compreensão do trabalho e do contexto.

A entrevista com “Cloro”, psicopedagoga da clínica, foi feita via meet. Durou 56 min. Ela trabalha em uma clínica e tem muitos pacientes, formada na graduação de Ciências Biológicas e Pedagogia, Pós-graduação em

Psicopedagogia Clínica e Institucional e Pós-graduação em Psicologia. Fez relatos de suas vivências profissionais, destacando os desafios em trabalhar com pacientes autistas, como por exemplo:

E eu atendia numa clínica onde tinha uma aula de música perto, então eles ficam, tapando os ouvidos, eles se desorganizam. Então é um desafio bem grande a gente poder fazer com que eles voltem. Porque eles gritam, eles batem, eles mordem. Essa também é um desafio, muitos deles mesmo. Grau um, eles têm muitas vezes essa impulsividade.

A entrevista com “Molibdênio”, Psicopedagoga da Escola, foi feita presencialmente na escola, em seu ambiente de trabalho. Durou 20 min. A sua formação é Pedagogia, entrou em um concurso de Educação Especial e fez um curso de 360 horas de Educação Especial que habilita para trabalhar em qualquer deficiência, por último fez o curso de Atendimento Educacional Especializado.

A entrevista com a “Boro”, psicóloga, foi pelo meet e durou 23 min. Ela estava em sua casa e seu bebê estava presente na sala. Ela trabalha como psicóloga em uma clínica. Formada em Psicologia, tem curso em ABA, que significa que é uma ciência que estuda os comportamentos humanos.

A entrevista com a “Vanádio”, mãe de autista, foi feita pelo meet e estava em sua casa, também estava com seu filho. A legislação para ela sempre foi muito importante, pois como precisa incluir seu filho a todo momento na sociedade, sente a necessidade de entender muito de Leis para o processo de inclusão ser efetivo na sociedade.

As respostas mostraram diversos pontos de vista, a fala em comum de todas elas é a necessidade de uma abordagem multidisciplinar no tratamento e desenvolvimento desses alunos com TEA, ou seja, é preciso vários profissionais que ajudem no desenvolvimento de quem tem o Transtorno do Espectro Autista, como por exemplo Fonoaudiólogos, Psicólogos, Terapeuta Ocupacional, Psicopedagogos, mas todos eles chegam a um denominador comum que é o bem estar do Autista.

Todas elas têm suas suas qualificações para lidar com o tema. As respostas, obtidas nessas entrevistas que são citadas no capítulo das Análises, enriqueceram o trabalho de mestrado qualificando as informações que estão contidas no mesmo, mas com relação ao tema de pesquisa que é a construção

da Tabela Periódica para autista, nenhuma delas possui conhecimento. Ainda assim, foi importante entender bastante sobre o assunto autismo, a partir destas perspectivas para dar segmento ao trabalho de Tabela Periódica adaptada.

E para agregar conhecimento desses entrevistados, foi pensado em como a Tabela Periódica se mostra na psicopedagogia, na psicologia, na professora e na mãe de autista? Cada profissional tem uma maneira única de trabalhar, mas todos compartilham da necessidade de desenvolver as habilidades que os autistas apresentam, e isso é um ponto importante dentro da sala de aula e promove o bem estar e convivência com os colegas.

Todas as entrevistadas pensam no lado emocional que o autista e a família apresentam, nutrindo a ideia de que eles consigam vencer os obstáculos que aparecem ao longo da vida. A mãe, ou o cuidador cuidam de todo o suporte emocional e acabam fazendo papel de advogados, nutricionistas, professores entre outros profissionais.

De acordo com Oliveira e Coelho (2022, p.17):

O “Impacto” do Diagnóstico de autismo muda a percepção que a mãe tem do filho, vendo-o como um ser indefeso e com graves comprometimentos para o desenvolvimento, necessitando constantemente de sua presença próxima para auxiliá-lo nas dificuldades e demandas diárias.

Desta forma, as mães acabam sendo multitarefas, mas de uma forma importante pela luta da inclusão do autista na sociedade e para fazer com que sejam atendidos as necessidades e os direitos que eles têm.

Na escola, a professora auxilia na adaptação de currículo, nessa percepção e olhar diferenciado que no fim faz toda a diferença no aprendizado desse aluno. É um conjunto de profissionais que se auxiliam e quem desenvolve as habilidades é o Autista.

Após esse conjunto de informações, indo para a sala de aula, surgiu a pergunta de pesquisa: “Como a construção da Tabela Periódica pode ajudar os alunos autistas (grau 1) a compreender melhor os Elementos Químicos?”

Baseado nas entrevistas, pode-se perceber que para trabalhar com alunos autistas devem ser observados diversos fatores como por exemplo, o abstrato, a maioria tem dificuldades em entender os conceitos abstratos da Tabela Periódica. O Autista entende melhor o concreto, e como fazer isso? A

comunicação social e a interação são outros fatores. A rotina é muito importante, sem isso eles acabam se desorganizando.

Com os depoimentos das entrevistas podemos concluir que, não há uma abordagem única de como ensinar os autistas, sempre será necessário estudar as características de cada um, para traçar um plano de aula adequado de acordo com as necessidades de cada um. Desse modo, a aprendizagem pode tornar-se inclusiva, criando um ambiente de aprendizagem adequado, tendo a noção que cada ser é um ser diferente.

Nessa perspectiva, trabalhar com um aluno autista requer um olhar diferenciado. O “Lantanídeo” apresenta relações com a Tabela Periódica, como por exemplo, é reativo quando se desorganiza, mas gosta de participar das atividades propostas e interage bem com os demais.

Os procedimentos analíticos à luz da ATD resultaram em quatro categorias finais: Autismo e seu tratamento; formação profissional; família e escola.

3.2 Caracterização da Pesquisa

Com o intuito de propor uma abordagem didática voltada a proporcionar a aprendizagem de conceitos relacionados à Tabela Periódica no Ensino Médio, direcionadas para alunos com autismo grau 1, as informações obtidas foram transformadas em atividades de modo a contemplar todos os alunos da sala de aula. A partir dessa perspectiva, a pesquisa terá uma abordagem Qualitativa. Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p.31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é exploratória para que possamos ter um entendimento mais aprofundado sobre o assunto, visto que não foram encontradas muitas informações relacionadas ao tema. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”

Além de exploratória, foi utilizada, também, a pesquisa interventiva, onde se pode promover mudanças ou melhorias em determinadas situações, como é o caso de propiciar aulas para autismo de grau 1.

Segundo Teixeira e Neto (2017, p. 1056):

Pesquisas de Natureza Interventiva (PNI) pode ser utilizado com vantagem para enquadrar uma multiplicidade de modalidades de pesquisa caracterizadas por articularem, de alguma forma, investigação e produção de conhecimento, com ação e/ou processos interventivos.

Nesse estudo a motivação pelo tema Autismo surgiu do anseio de propiciar uma interação do aluno com grau 1 e a Química então a pergunta é: Como a construção da Tabela Periódica pode ajudar os alunos autistas (grau 1) a compreender melhor os Elementos Químicos?”

Esta proposta foi desenvolvida através de uma sequência didática, com a temática Tabela Periódica, produzindo-a em conjunto com a turma, de modo a auxiliá-los na compreensão dos elementos químicos. Destaca-se que essa atividade poderá ser desenvolvida na rede regular de ensino, em sala de aula com alunos autistas de grau 1.

Em geral, as atividades para os autistas devem ser voltadas para a lógica e os elementos repetitivos devem aparecer, de modo que os estudantes se sintam seguros. Cabe destacar que os estudos têm mostrado que eles não entendem ironias, duplos sentidos, ficando difícil de trabalhar alguns assuntos. Ademais, é preciso se preocupar com o excesso de estímulo para não sobrecarregá-los.

Teixeira (2016) relata que é importante “criar rotinas de trabalhos”, pois eles adoram rotinas, trabalhar com assuntos de interesse da turma, mas que sejam principalmente de interesse de quem tem grau 1.

3.3 A Escolha e a Caracterização da Escola

A escola selecionada para a realização do presente trabalho de mestrado está localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul.

A comunidade escolar, ou seja os pais dos alunos, vivem com a privação de seus direitos civis, como desemprego, ausência de assistência de saúde e

social, esporte, lazer, cultura e demais direitos necessários para o desenvolvimento pleno e integral dos estudantes. Portanto, com essas restrições de necessidades básicas, a violência e a drogadição encontram terreno fértil para sua propagação, trazendo as dinâmicas criminais para a vida de boa parte dos estudantes.

Esse contexto de realidade social é tema do fazer pedagógico, o que faz a escola referência no bairro, tendo no corpo docente, funcionários e equipe diretiva o comprometimento e o envolvimento constante na tentativa de amenizar os danos causados por estas relações de desumanização, que a grande maioria dos estudantes vivem. Os discentes em sua ampla maioria residem nos bairros BGV (Bairro Getúlio Vargas) e Vila Militar.

A estrutura da escola conta com uma área de 10.800m², contando com um prédio de dois andares, com 25 salas as quais são: cozinha/refeitório, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca, sala de vídeo, 14 salas de aula, 5 banheiros, sendo um com acessibilidade. A parte administrativa é composta por 110m², a qual abriga as seguintes salas: dos professores e funcionários, secretaria, coordenação, orientação, direção e dois banheiros. Atualmente, a escola é composta por 420 alunos matriculados. É uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio.

A escolha dessa escola foi porque a estrutura e os recursos que ela oferece são de ótima qualidade, ou seja, os espaços são tranquilos, acolhedores e respeitosos para as necessidades dos autistas, a escola promove a inclusão de todos os alunos e tem uma comunicação aberta com os pais e por último a pesquisadora já trabalha na mesma facilitando a produção do trabalho.

3.4 Caracterização da Turma

Os colaboradores da pesquisa foram alunos regulares de uma turma de segundo ano do ensino médio de uma escola localizada na cidade de Rio Grande. Tal turma é composta por alunos de diferentes origens étnicas, culturais e socioeconômicas, refletindo a diversidade da comunidade escolar do bairro. Cada estudante tem suas habilidades específicas, com um ambiente que promove o respeito e a aceitação de todos. A turma apresenta 10 alunos (6 meninas e 5 meninos) na faixa etária entre 15 e 17 anos, sendo que um

estudante possui autismo grau 1 que tem acesso ao recurso de monitoria. Cabe salientar que a escolha dessa turma foi feita justamente por estar alinhada com a presente pesquisa.

4. Resultados e discussões

4.1 Caracterização e contato com os Entrevistados

Para o desenvolvimento do estudo foram realizadas entrevistas, com psicopedagogos de clínica e de escola, psicóloga e uma mãe de autista as quais aconteceram via Meet e foram gravadas com uso de gravador de voz de celular. Todos os dados no Meet⁶ são criptografados em trânsito por padrão entre o cliente e o Google para videochamadas em um navegador da Web. O Meet usa várias medidas de segurança para proteger suas videochamadas. Isso inclui controles contra invasão de videochamadas na Web e de ligações para reuniões.

Também foi assegurado a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes. O respeito foi mantido aos participantes em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade e a prevalência de sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. Dessa forma os símbolos de elementos químicos utilizados e retirados da Tabela Periódica foram usados para preservar a identidade dos entrevistados.

As entrevistadas foram:

Quadro 12: Entrevistados

Nome/Idade	Profissão/ tempo	Formação
Cloro (46 anos)	Psicopedagoga de Clínica e trabalha com Educação Ambiental (15 anos de Profissão)	Graduada em Ciências Biológicas e Pedagogia Pós- graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional Pós-Graduação em Psicologia

⁶ Meet é um aplicativo desenvolvido pela Google para a realização videoconferências

Molibdênio (45 anos)	Psicopedagoga de Escola/ 23 anos de profissão	Graduada em Magistério e Pedagogia Pós-Graduação em Educação Especial Pós-Graduação em AEE Curso de Autismo
Boro (40 anos)	Psicóloga (15 anos de Profissão)	Graduação em Psicologia Pós em Autismo Curso em ABA
Vanádio (25 anos)	Mãe de Autista	Estudante de Matemática

Fonte: Elaborada pela Autora

As entrevistas presenciais na escola, foram em período de hora-atividades, de acordo com a rotina da instituição. As duas formas envolveram questões sobre formação inicial e continuada, tempo de docência, concepções dos professores. Por se tratar de ações que envolvem interação, participação e diálogo - em 1 encontro para a entrevista de, aproximadamente, uma hora foi garantido que sejam respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes da comunidade escolar e/ou clínica.

.De acordo com o levantamento de pesquisa com temáticas análogas ao presente trabalho, constatou-se que não existem muitas discussões acerca do ensino de Química para autistas. Assim, as discussões apresentadas com o desenvolvimento desta pesquisa trazem como benefício a possibilidade de (re)pensarmos não somente a prática docente na Educação, mas também a formação de professores neste segmento.

Para dar suporte aos conceitos apresentados neste trabalho e fortalecendo os pontos de vista expressos procurou-se incorporar entrevistas feitas com psicopedagogo de clínica e de escola, psicólogo e uma mãe de autista. Somente com o psicopedagogo da escola foi feita a entrevista presencialmente e os outros entrevistados foram via meet.

Com o psicopedagogo escolar evidenciamos a parte onde é trabalhada a socialização, na importância da construção de um ambiente escolar acolhedor. Já com o psicopedagogo da clínica o lado emocional e cognitivo, procurando mostrar as estratégias de aprendizagem que possuem efeitos positivos e com a mãe de autista para ter um olhar das vivências e do dia a dia.

A professora e pesquisadora do assunto em questão fez da sala de aula um ambiente mais inclusivo, procurou conhecer as necessidades desses alunos, adaptando o ambiente de aprendizagem, uma comunicação mais clara e direta e procurou promover a aceitação e o respeito que eles merecem. A inclusão é um processo importante e contínuo, sendo assim contribuindo para aulas de Química mais acessíveis.

4.2 Explorando as Entrevistas - Análise dos Dados sobre o Autismo

Nesse passo, é possível observar e se aprofundar nas narrativas dos entrevistados.

Segundo Galianzi,

O maior desafio de escrever é o ato inaugural. Depois, à medida que se escreve, vão se estruturando os pensamentos, e os assuntos surgem, assim como os temas a serem aprofundados. Assumi que é pelo ato de escrever que a pesquisa precisa iniciar, sem que haja perda de tempo. A partir do exercício da escrita, desenrola-se toda a pesquisa, e chega um momento em que a pesquisa adquire vida própria e ela própria determina seu caminho. (2020, p. 621).

Ela afirma que a escrita é muito desafiadora, mas é necessário iniciar para que os assuntos explorados comecem a surgir, sem ter a necessidade que tudo esteja de forma mais clara, tendo a forma inicial para poder desdobrá-la. E à medida que se envolve a escrita, começa-se a ter vida e ela pode ser moldada ao longo do tempo.

Dessa forma, a escrita começa a surgir com a **primeira categoria “Autismo e seu tratamento”**. Aqui os entrevistados relataram sobre o que é o Autismo, tratamento e as características do mesmo.

O conhecimento sobre o autismo é importante na promoção de ambientes inclusos. Segundo Mantoan (2004, p. 13), “(...) a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor, nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelas quais forma e instrui alunos”. Sabendo disso, se aprende a conviver com suas peculiaridades, ajudando a combater o preconceito, promovendo o respeito à diversidade, construindo ambientes de aprendizagem e desenvolvimento de quem se encontra no espectro autista.

Molibdênio, a psicopedagoga da escola, fala:

Pensando no nosso aluno aqui de grau um é aquele autista que ele tem dificuldade na interação, mas ele tem um bom cognitivo, é preservado. Ele consegue acompanhar, tanto a parte de aprendizagem como as, vamos se dizer assim: Apesar das interações ele consegue fazer o seu trabalho, seguir a rotina da escola, mas tem algumas limitações, principalmente nas questões de interação. Ele funciona super bem, mas na interação ainda tem alguma coisa.

Com essa compreensão, ela traça o perfil do aluno e consegue orientar os professores para ajudar no desenvolvimento e pode promover o bem estar dentro da escola. Além disso Silva (2014, p.12) diz, "Sabemos bem da aflição pela qual passamos diante do desconhecido, porém, não devemos esquecer nossa responsabilidade para com a aprendizagem e o acolhimento a todos os alunos"

Cloro, a psicopedagoga da clínica explica que, especificamente os autistas diagnosticados no Nível 1 possuem alterações mais leves e conseguem realizar atividades diárias com mais facilidade e independência, mas enfatiza que cada indivíduo tem necessidades específicas.

Características de pessoas com autismo Nível 1 apresentam menos interesse ou dificuldade em iniciar interações sociais, respostas atípicas ou não sucedidas em interação social, baixa habilidade de conversar/interagir. Preferir ficar sozinho e ter pouco interesse em conversas; Dificuldade em entender regras de jogos e brincadeiras, principalmente as que não estão escritas; Dificuldade em saber o que falar e como agir em situações sociais.

A esse respeito, Silva (2014, p.37) ressalta que devemos estar "enfrentando o grande desafio que isso nos impõe, ou seja, propiciar um ambiente de aprendizagem que capacite todos os alunos a obter êxito em suas aprendizagens."

Boro, a psicóloga, nos explica que devemos observar os sinais iniciais de como perceber o autismo em crianças, como por exemplo o comportamento estereotipado, falta de reciprocidade social e dificuldades na socialização. Essas características são importantes para perceber precocemente o autismo e poder dar o suporte necessário desde cedo.

Kerches (2022, p.6) explica que, "A intervenção precoce, especializada e intensiva, é determinante para o desenvolvimento pleno de capacidades, autonomia, independência e qualidade de vida."

Boro complementa:

Bom. De início assim, a gente percebe coisas simples, né? Assim, tipo não atender pelo nome, né? Quando é chamado, faz alguma estereotipia, não é? Geralmente faz, né? E às vezes, a mãe não é, ou é uma criança quietinha, né? A gente vê muito disso. Há. É um bebezinho quietinho, sempre foi. Mas essas características são mais específicas assim, né? Principalmente as estereotipias, né? E não fazer contato, não buscar o contato no outro, né? Essa parte social que quando a gente ri para o bebê e ele ri de volta, geralmente a criança com autismo, ela não busca isso. Né? Então são coisas bem iniciais, assim, que às vezes até para nós passa batido, não é? Mas é são características assim, bem iniciais. Assim, principalmente essa reciprocidade de contato mesmo, né? Quando tu sorri, a criança não sorri de volta, não é? Ou seja, eu estou brabo e a criança tipo, não tem nenhuma reação quanto a tua reação, ela não esboça reação nenhuma. Isso são assim, são coisas mais sutis, né? Que às vezes a gente precisa prestar atenção, principalmente essas coisas de sentimento, grau suporte um, ele tem um pouco de dificuldade na socialização e em reconhecer as emoções no outro e em si. Né?

A partir da formação dos profissionais, do entendimento que eles têm sobre o autismo é possível compreender como deve ser o tratamento.

Caramori sugere (2016, p.28)

Enfrentar a realidade pode ser um caminho para a aprendizagem e também para gerar conhecimento daquilo que espera o professor em seu futuro como profissional, por isso, é de suma importância que os cursos de formação inicial de professores formem profissionais qualificados e preparados para lidar com o aluno, seja ele considerado normal ou com deficiência.

Molibdênio, psicopedagoga da escola, enfatiza que, durante a permanência na escola, o aluno autista deve ter todo um suporte educacional especializado, que mostre suas necessidades específicas e promova o seu desenvolvimento. É necessário o envolvimento das famílias para que esse processo se torne focado no aluno, envolvendo o contexto familiar e escolar.

Então a gente faz o plano do AEE a partir das observações, a gente faz primeiro entrevista com as famílias, anamnese, investiga todo o histórico do aluno, independente se ele chega no médio ou não, a gente conversa com essa família. Essa família vem, a gente faz toda uma pesquisa, um levantamento.

De acordo com Cia, Borges e Christovam (2016, p.48):

Para realizar trabalhos com a família dessas crianças é necessário levar em consideração as especificidades de cada uma, para assim, evitar propor um critério que não se adeque a essa realidade tão diversificada. Diversas vezes, ao cobrar a presença dos familiares, pressupõem-se de um modelo com uma mãe disponível e dedicada e com capital econômico simbólico, esquecendo as variações e assimetrias que permeiam o núcleo familiar.

Cloro, psicopedagoga da clínica, confirma que a situação financeira influencia no tratamento e que eles precisam de terapia a vida toda.

No consultório, na psicopedagogia clínica, a média de idade dos pacientes que eu atendo são entre 6 anos mais ou menos até 14 anos, dos autistas, eu quero dizer. Atualmente, a maioria deles tem entre 6 e 10, porque é muito sazonal, né? E a gente sabe que o autista ele precisa de terapia, e por muito tempo. Porém, as famílias muitas vezes por questões financeiras, elas acabam não deixando aquele paciente muito tempo, realmente por questões financeiras, mas então por isso que muda muito. Mas, atualmente, entre 6 e 10 e 11 anos mais ou menos. E a nossa clínica também tem uma parceria com AMAR, então nós temos alguns pacientes de outras idades também, mas a maioria é entre essas idades.

Boro, psicóloga, comenta que sua técnica consiste na Análise Experimental do Comportamento Aplicada (ABA), que se baseia em observações e análises comportamentais, assim podendo aplicar intervenções mais assertivas. Ela procura promover habilidades sociais apesar de o autismo apresentar rigidez nesse sentido.

Principalmente essa parte, a gente trabalha com análise experimental do comportamento aplicada, principalmente essa parte de aprender as emoções, aprender comportamentos socialmente relevantes, né? Que eu não posso chegar, por exemplo, na tua casa e a gente falar um palavrão, não é, há, são essas coisas mais ou menos assim que a gente trabalha. Eles têm um cognitivo bem preservado assim, né? É bem bom de trabalhar essas coisas assim porque eles aprendem bem rápido, sabe? Mas, ao mesmo tempo, são muito rígidos com relação ao comportamento e tal, não consegue às vezes, há? Fazer aquele link não é que nem a gente que faz rapidinho assim. De uma coisa pra outra, não é, principalmente das emoções, não entendem muito.

Makhoul (2019, p.70) confirma:

O desafio para quem lida com esses sujeitos é exatamente olhar esses alunos, além das perturbações que produzem, e perceber que o transtorno e seus efeitos não apenas reduz, mas também inova: não apenas subtrai, mas também constrói.

Vanádio, mãe de autista, destaca sua maneira de entendimento e comunicação com autista não verbal, mas sempre procurou melhorar as situações corriqueiras do dia a dia para poder atender as necessidades de seu filho.

(...) mas desenvolver a verbalidade de a gente conversar nunca aconteceu. Só o que acontece, eu vivo com e sempre vivi assim, então eu entendi a forma de comunicação dele. Ele não é verbal, mas tem uma forma de comunicação muito ativa, porque por exemplo se ele quer alguma coisa, ele pega a minha mão e me leva, eu vejo

quando ele está com fome porque ele pega o prato dele, vai para a volta do fogão. Eu vejo que ele está com sede porque ele tenta, assim ele nunca foi de tentar me impedir. Ele sempre viu como é que eram as coisas e ele mesmo tentou fazer isso desde pequenininho. Então ele estava com sede, ele tentava pegar um copo, ele tentava ligar a torneira, ele queria comer alguma coisa e ele pegava e tentava abrir, abrir geladeira ele amava. Então ele é muito assim por ele, eu tenho que observar muito ele, o que que eu sei? Eu sei das coisas que ele gosta e eu trabalho em cima disso.

Teixeira (2016, p.20) concorda: “quanto mais cedo for dado o diagnóstico, melhores serão as possibilidades e oportunidades de tratamento para a criança.” É sempre vantajoso em qualquer situação descobrir o diagnóstico cedo para oferecer melhores condições de intervenção, possibilitando o aumento das chances de aprendizagem e desenvolvimento.

Na **segunda categoria**, as entrevistas relatam sua **Formação Profissional**, as vivências do seu dia a dia e como procuraram trabalhar com os desafios enfrentados em sala de aula, em seus consultórios ou em suas vidas particulares. De acordo com Oliveira (2019, p. 54) enfatiza a necessidade do profissional se qualificar: “A formação do professor é importante no processo de inclusão escolar. Aos professores da escola inclusiva não cabe regras prontas para o processo de ensino/aprendizagem.”

Molibdênio, fez muitas etapas de formação, conseguiu se qualificar para trabalhar com uma área abrangente de diversas deficiências, entre elas, o autismo. Com relação à sua formação, a psicopedagoga da escola nos diz:

Bom eu tenho magistério, fiz a Pedagogia e aí entrei no concurso pra área da educação. Aí surgiu a oportunidade de fazer um concurso pro estado na área da educação especial, na época era deficiência intelectual, nem existia educação especial. Era deficiência, aí eu fiz o concurso pra essa área e aí eu tinha feito uma formação na área da educação especial que era um curso de capacitação na época que tu poderia trabalhar com qualquer deficiência então era 360 horas no mínimo e tu poderia trabalhar e aí eu comecei com a classe especial.

Como Molibdênio também Cloro, psicopedagoga da clínica, percebeu que o sentimento era forte de não estar preparada para trabalhar com diversas situações de dificuldades de aprendizagem, sentindo a necessidade de continuar aprimorando-se para vencer aqueles desafios apresentados, pois via muita complexidade nas situações enfrentadas. Com os estudos, procurou melhorar sua capacidade de atender de forma mais eficaz.

Eu comecei a perceber que tinha alguns alunos com dificuldades. E a própria diretora e coordenadora na época me passaram alguns

transtornos desses alunos. E eu comecei a pensar como que eu vou atender esses alunos? Como que eu vou fazer? Eu não sei como fazer, porque eu era professora de ciências e biologia, eu não tinha ideia de como lidar com aqueles alunos. Então a gente tinha com dislexia, com TDAH, com autismo e eu não tinha a mínima ideia de como lidar com aquela situação, com as adaptações de provas e tudo mais e foi aí que, naquela época, eu resolvi fazer psicopedagogia.

A entrevistada expressa toda a sua preocupação em como trabalhar com alunos que apresentam algum tipo de problema de aprendizagem, mostrando que sentia necessidade de procurar entender e se aprimorar. Diante disso, ela conseguiu aprender estratégias de ensino mais adequadas, tudo pela decisão e a exigência que a situação lhe apresentou em dar um suporte mais eficaz aos alunos com algum tipo de transtorno.

Teixeira (2016, p. 09) explica que:

São inúmeras as propostas de tratamento, muitas com maior número de evidências científicas e outras sem praticamente nenhuma. Mas algumas questões no tratamento são fundamentais para um bom desfecho. A estimulação deve ser frequente e iniciada cedo, com o emprego de técnicas diversas. O apoio dos pais é fundamental no tratamento, e o cuidado de outras patologias (físicas ou mentais) que costumam estar associadas ao transtorno contribui muito na evolução clínica do indivíduo.

Vanádio, mãe de autista, compartilhou uma experiência importante no campo de procurar entender a inclusão, destacando a necessidade de se aprofundar sobre o assunto de pessoas com necessidades especiais. Mantoan (2004, p.31) nos diz: “A inclusão é uma inovação que implica um esforço em modernizar e reestruturar a natureza atual da maioria de nossas escolas.” E Vanádio ressalta:

Eu sou monitora de inclusão, me ajudou muito, sabe? Me ajudou a entender, me ajudou a ver que tem muitos casos, sabe? Estudar sobre o assunto também, eu sou bolsista da matemática, é matemática para todos. E eu vou fazer até formação agora para os professores, então quanto mais eu me aprofundo, mais eu tenho acesso, eu vejo aqui o laudo do meu filho não foi o fim foi o início de estar caindo na sociedade, só que ele está se enturmando. Eu tenho que vestir essa função de lutar e ter sempre argumentos, sempre estar estudada para ninguém vir com desinformação, querendo destruir meu filho. Isso é mais complicado, é quando as pessoas não vêem o “D” e elas veem um autista, entendeu?

Mostrou que, sendo mãe de autista, está extremamente comprometida, lutando pelos desafios que a vida lhe apresenta, enfatizando a importância do

conhecimento, da argumentação e procurando mostrar que ambientes mais incluídos nas escolas são eficazes para o desenvolvimento dos autistas.

Boro, a psicóloga, não trabalhava com crianças atípicas em sua clínica, mas devido à demanda crescente, viu a necessidade de uma mudança significativa em sua forma de trabalho. Procurou, então, a formação específica em autismo.

Eu tenho curso em ABA. E agora eu to fazendo a pós para trabalhar com autismo. Eu vi necessidade que eu precisava de ter o curso, não é? Na realidade eu não trabalhava com crianças atípicas. Comecei a trabalhar em 2022 e aí que me apareceu a demanda no consultório, né? E aí eu me vi obrigada a fazer o curso. E aí, consequentemente, no final do ano passado, eu entrei no instituto multitéia. Aí agora, realmente meu trabalho está sendo mais com crianças atípicas do que com típicas. Porque no consultório, eu nem tenho. Na realidade, crianças atípicas.

Teixeira (2016, p. 22) afirma que, “saber identificar as necessidades de cada criança com autismo é fundamental para criar um plano individualizado e personalizado, a fim de explorar todas as suas potencialidades.” Esse plano deve ser adaptado para cada criança, visando desenvolver todo o potencial, destacando sempre que cada autista tem suas particularidades, com esse suporte ele pode aprender.

A terceira categoria denominada **Família** desempenha um papel importante no apoio e desenvolvimento do autista em seu crescimento profissional e pessoal.

Para Cia, Borges e Christovam (2016, p.49):

Nessa parceria, quando há concordância sobre o conteúdo, método e qualidade de ensino, a relação entre família e a escola acontece harmoniosamente, mas quando os resultados obtidos são insatisfatórios ou há contradições entre o currículo escolar e a educação em casa, a relação torna-se conflituosa.

Ainda Cia, Borges e Christovam (2016, p. 49) explicam que “Contudo, a confiança nos professores não surge como um ato de fé, mas se constrói com a comprovação de seu profissionalismo e pela observação das atitudes em relação às crianças e à própria família”. Molibdênio, em sua fala, aborda a inclusão na escola, destacando que existem avanços e explica que existe uma necessidade de continuar as melhorias para que o autista consiga evoluir e receber o suporte necessário na escola, para que isso aconteça sempre com o apoio da família.

Eu acho, assim, que a gente está em uma caminhada, não é? Acho que eles conseguem incluir melhor hoje, eu acho que tem um movimento também dos alunos. Né? Quantas vezes, às vezes vem os alunos, aí o fulano está com mania de perseguição. Está com aquelas coisas de perseguição, então assim eu converso com ele porque a gente tem feito a nossa parte, então eu acho que já tem um movimento bem grande nesse sentido. Embora tenha que melhorar, porque a gente sabe que a função do dia a dia, o que mais peca, né? Da sala de aula ali, professor, às vezes deixa o aluno num cantinho, aquele que não incomoda, vai ficar ali e aí ele vai ficar ali mesmo, né? Então quantas vezes, às vezes vem os pais e diz o fulano não está vindo com. Né? Quer dizer, não está copiando nada. O professor não está dando o material adaptado, geralmente eu peço os professores, hã, fazerem folhas ou alguma coisa assim, não é? (Molibdênio, 2023)

Como vimos na fala de Molibdênio, ela aponta que houve muitos avanços na inclusão, principalmente pela escola que tem se mobilizado para atender os alunos que a cada ano querem ser incluídos dentro do ambiente escolar. E segundo a entrevistada, tem feito a sua parte para que os alunos recebam o melhor suporte às suas necessidades, buscando sempre a ajuda dos professores e da escola, para que o trabalho em equipe funcione.

Cloro, psicopedagoga da clínica, enfatiza que para a avaliação completa para chegar ao laudo de autismo, utilizando os protocolos necessários, é importante a intervenção correta para oferecer tratamentos eficazes. Os pais são desafios enormes, porque procuram agilidade nos tratamentos e não entendem muitas vezes do processo.

Então, o primeiro desafio é esse, porque as famílias procuram um psicopedagogo explicando, né? Que ele já vem de outro, então eles querem que a gente já comece a fazer intervenção antes da avaliação e a gente não pode fazer. Quando eu pego um paciente novo, eu preciso fazer toda a avaliação de novo, usando protocolos, que não são de psicólogo, somente psicopedagogos que podem usar e a gente tem que fazer a avaliação novamente para saber se aquela terapia anterior daquele paciente teve uma melhora, né? Que a gente possa avançar, porque aí o pai diz assim, ó, mãe, ó, ele tem problema na socialização, mas daqui a pouco a gente faz uma avaliação, ele melhorou um pouco porque ele fez avaliação anterior, né? E a intervenção anterior. Então a gente tem que fazer novamente. Esse é um desafio bem grande. (Cloro, 2023)

Ela afirma ainda que as intervenções que chegam às vezes com os pais precisam ser refeitas pois o protocolo diz que não podem pegar laudos de outros médicos e dar continuidade de onde outro profissional parou e sim entendendo o processo desde o início para que possa dar um tratamento adequado e direcionado, monitorando o progresso ao longo de todo o

processo. Sente que pode causar frustrações nas famílias, pois por muitas vezes eles não querem começar do início, tudo de novo, mas a psicopedagoga ressalta ser extremamente importante.

Para Teixeira (2016, p. 09.):

Apesar de mais de vinte anos de experiência na área de transtornos de neurodesenvolvimento, diagnosticar o transtorno do espectro autista (TEA) ainda me angustia muito, devido ao sofrimento dos pais ao receberem o diagnóstico dos filhos”.

Boro, psicóloga, explica que os pais estão sempre na defensiva e oferece uma perspectiva compreensiva para esse comportamento, pois tem um histórico de negligências sociais há muito tempo. Essa preocupação com o bem-estar de seus filhos é pertinente e compreensível.

Eu procuro, por mais que seja difícil às vezes, os pais. O pai de autista, ele tem uma característica. Tu vai notar assim, está sempre na defensiva. Tá? E aí, às vezes é até mal interpretado, não é? É porque, eu entendo assim é porque ele quer que o filho melhore daquela condição que ele evolua de alguma forma, há, ou que as terapias sejam bem feitas, né? Então, parece assim que eles estão sempre na defensiva, mas isso já por uma coisa socialmente assim, né? É construída socialmente, porque essas crianças foram muito negligenciadas por muito tempo, não é? Então ficou muito, e ainda são, né?

Teixeira (2016, p. 09) ressalta que “O transtorno se inicia precocemente (é muito comum a presença de sintomas no primeiro ano) e costuma persistir ao longo da vida do indivíduo.”

Vanádio, mãe de autista, busca promover uma compreensão mais positiva da situação do seu filho, combatendo a desinformação e mostrando que as Leis existem e devem ser respeitadas.

Mantoan afirma que:

Problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-a unicamente à inserção de alunos com deficiência no ensino regular (2014, pág. 20).

A autora afirma que a visão que se tem é que as escolas estão se resumindo a inserir alunos com deficiência, onde a palavra inclusão não se encaixa e procura argumentar que a verdadeira inclusão deve ser trabalhada de forma mais ampla, analisando vários aspectos como por exemplo respeito.

Criar na escola esse ambiente de entendimento e acessibilidade é importante para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva.

Segundo Vanádio:

(...) É preciso sempre lutar contra a desinformação, ele é uma criança, mas pra ele estar falando nisso, porque não está claro, porque o meu filho não é uma criança que não faz nada, ele é uma criança que tem muitas coisas só que é reservado, tipo, ele não fala, mas ele sabe o alfabeto, ele sabe as sílabas, ele sabe os números, ele anda a cavalo, ele faz natação, ele está aprendendo a nadar, então não é que ele não faz nada. Às vezes ouvir as coisas é cruel. Tem mais contras do que prós, mas assim a parte, a minha parte materna, eu me vejo muito feliz, eu amo meu filho, eu amo fazer as coisas com ele.

A mãe de autista expressa toda a sua vontade de que é necessário lutar contra a desinformação, pois sente dificuldade no dia a dia em relação às falas preconceituosas das pessoas. Esses comentários insensíveis refletem a falta de conhecimento sobre o que é o Autismo e com isso geram desafios para o dia a dia da socialização deles.

A última categoria é a Escola e abrange uma série de fatores relacionados ao ambiente educacional, como por exemplo Ensino de qualidade, inclusão e diversidade e o envolvimento dos pais, fazendo com que a educação se torne mais envolvente e de qualidade.

Mahl (2022, p.28) considera que:

Os professores que atuam nas salas de aula comuns podem não ser devidamente preparados para atuar com a diversidade por dois motivos, a saber: a formação docente tem mantido as discussões sobre o ensino e a aprendizagem da Pessoa com Deficiência (PcD) apenas no âmbito da teorização e promovendo poucas (ou nenhuma!) vivências com práticas educativas voltadas para este público escolar específico, implicando de forma negativa sobre a construção de conhecimento docente em relação à educação escolar destes sujeitos; os professores tendem a evitar trabalhar com turmas muito heterogêneas em razão de sua insegurança em lidar com o diferente, devido às lacunas de sua formação inicial, o que acaba por intervir também de forma negativa em sua formação em serviço.

A autora aponta as dificuldades em trabalhar na escola, pois a maioria dos professores não estão qualificados para enfrentar a diversidade das situações que a sala de aula oferece, principalmente pelas abordagens que muitas vezes são teóricas, criando diversas lacunas e propiciando que os anos passem e a discussão seja sempre a mesma, faltando a prática para que a insegurança não continue se espalhando.

Molibdênio acha necessário as adaptações de materiais e suporte para um desenvolvimento mais preparado do autista dentro da escola e também entende que o Professor em sala de aula não consegue dar o suporte necessário devido às suas demandas do dia a dia. Mahl (2022, p.30) nos diz que: “é urgente que as instituições de formação de docentes reconheçam a inexistência da heterogeneidade para a qual eles preparam os professores, pois a realidade das escolas públicas reflete a diversidade humana”.

Molibdênio confirma:

O professor não está dando o material adaptado, geralmente eu peço os professores, hã, fazerem folhas ou alguma coisa assim, não é? Aí a gente tem a monitora agora, porque isso foi uma conquista, porque anos não se teve. Então isso facilita as vezes, porque ela tá ali também, né? Embora o monitor do estado não seja para apoio pedagógico, para alimentação, pra locomoção, a gente acaba, aproveitando um pouco do monitor, quando ele tem boa vontade porque ele sabe das suas atribuições, mas às vezes também disso, de poder organizar ali o caderno, porque nem sempre o professor vai conseguir. Mas tem muito disso, não é? O professor às vezes não consegue. Aí é isso nessa questão, pega um pouco, mas eu acho que a gente tem feito um movimento bem legal.

Enfatiza que é importante que os professores pensem nos materiais adaptados para os alunos com necessidades especiais, mas que muitas vezes não é atendido dificultando a aprendizagem desse estudante. Uma conquista que chegou com o tempo, foi os monitores, eles têm um papel muito importante para o auxílio do profissional em sala de aula e do aluno com deficiência, garantindo que todos possam desenvolver um ensino de qualidade.

Cloro destaca na prática os desafios em ambientes escolares e a resistência que encontra, ressaltando a importância das Leis para que o autista permaneça no seu espaço e que seus direitos à educação sejam respeitados.

(...) E dentro da escola e com os pais, como é que funciona a prática clínica, também é uma dificuldade, porque muitas escolas não aceitam, não entendem. Não sei se por falta de profissionais acredito eu, por falta de monitores? Porque eu até agora um pouco eu tive um caso assim, anteontem, segunda-feira, eu fui em uma escola, né? particular, inclusive, maioria dos nossos pacientes são de escola particular pela questão do poder aquisitivo mesmo, né? Que a gente sabe que é complicado para as famílias que não têm condições, às vezes de colocar em uma clínica particular, mas também atendo pacientes de escolas públicas, mas é a minoria. Como esse paciente tem um laudo, meu, um laudo médico e o laudo psicológico, a escola disse que não tem monitora, não tem como auxiliar essa criança. E eu fui com a lei federal, tem uma lei federal que protege os autistas,

TDAH, a lei de TDAH é pouco tempo, é importante a gente levar as leis. Mas, pra tu ver como a gente tem que saber das leis, é o conjunto a gente saber das leis. E acabei não debatendo tanto o caso do paciente, mas sim a lei, porque a escola, foi até uma escola que negou um outro paciente meu, não aceitou esse paciente. Também é uma grande dificuldade. Como que ficou a versão da escola? Isso acontece bastante. Em não apoiar um psicopedagogo muitas vezes é também outra coisa que acontece com frequência é da gente escrever um laudo, meus laudos tem em média de 12 a 15 páginas, que eu coloco bem detalhado, mas bem detalhado, e no final eu coloco orientações para escola, muitas vezes eles nem leem. Tem essa dificuldade, daí tu leu o que eu coloquei?

E Oliveira (2019, p.52) a esse respeito: “Qualquer escola, pública ou particular, que negar matrícula a um aluno com deficiência comete crime punível com reclusão de um a quatro anos, segundo Art. 8º, da Lei nº 7853/89 (MEC, 2015).

Boro, psicóloga, sempre enfatiza que é necessário ter uma abordagem compreensiva de que é necessário o acolhimento dessa criança, em diversas situações e principalmente não deixar ela em uma bolha, ou seja, impor os limites necessários para o seu desenvolvimento, e deixar ele socializar.

Eu não tenho currículo adaptado muitas vezes, né? A criança ficar só ali, enfim, só ficam realmente não acontece, né? Então ele sempre tem que estar na batalha. O que eu recomendo pra eles, é de sempre tentar acolher. Né? por mais que seja difícil às vezes, acolher aquele sentimento que aflorou ali naquele momento, né? Hã, e também a questão do limite. Né? Porque como a gente entende, hã, é uma criança com autismo, é uma criança autista, muitas vezes os pais não querem dar limite porque vai atrasar o desenvolvimento ou vai prejudicar a terapia. E às vezes eles precisam desse limite, como qualquer outra criança. Tu entende? E principalmente, entender assim as questões deles, né? Porque às vezes é uma questão que para nós, é corriqueira e passa batido, não é? Mas há é porque tirou o carrinho do lugar ali ele ficou mega sentido. É acolher, né? De Oh, não, a gente vai conversar de alguma forma não é e tal. E principalmente assim, ter um bom relacionamento, assim, sabe, com os terapeutas e tal, a gente faz muita orientação parental. Faz muita orientação parental nessas coisas assim, nesses segmentos, por causa que às vezes os pais não sabem o que fazer, tão perdidos, não é? Ó, a gente vai trabalhar, isso, isso e isso pai, né? Continua trabalhando né? Que eu acho importante É isso, assim Não colocar essa criança numa bolha também. Mas conseguir entender ela.

Caramori (2016, p.23) garante que, “Isso mostra que o professor deve ser reflexivo sobre suas ações desde o início de sua formação, estabelecendo relação entre a forma como é ensinado e como virá a ensinar seus alunos.

Vanádio, mãe de autista, coloca suas frustrações em relação à educação, pois, segundo ela, sempre acham uma maneira de excluir seu filho.

A educação é para todos, para todos naquele horário, sabe? Eu tipo, eu gosto de entender como é que funciona as coisas. Porque se não vem e tentam me driblar. Eu fico pensando, são 3 pessoas naquela escola que não quer, ou 3 adultos bem formados, porque a professora dele é psicopedagoga com formação em autismo. Ela está fazendo uma formação, tinha psicopedagogo e tinha mais a orientadora. Então, são 3 pessoas bem formadas, 3 pessoas que estão há anos na educação infantil que não queria que meu filho tivesse ali. Então, para mim é muito frustrante. Não é nem a questão "Ah! Por quê? O que que acontece?" Eu trabalho ali em outra escola. E eu vejo que lá é assim. E eles não ficam, tipo, toda hora chamando a família. A criança pode se desorganizar, eles dizem: "Oh, a gente espera a criança se organizar e volta para sala e deu. Acabou". Outra coisa que nos ensinam, não fristem as coisas complicadas. Tudo bem, há tipo, por exemplo, eu vou te dizer, o meu aluno passou o dia correndo, por exemplo. Ele parou e fez uma atividade. Não vou frisar, daí ele não fez nada, não, eu vou frisar oh ele ficou um pouco meio agitado, mas ele ficou ali. Ele conseguiu fazer uma atividade comigo. Isso já está ótimo. Amanhã a gente tenta duas. Assim, que a gente faz ali na escola que eu trabalho.

Nesse momento, a fala de uma mãe, relata a frustração de sentir que existem profissionais que têm a qualificação necessária para atender seu filho autista, mas não tem a empatia de entender determinadas situações escolares, procurando fazer com que a inclusão aconteça, visando apenas em atender uma maioria e não as necessidades específicas de cada estudante autista.

Makhoul (2019, p.79) afirma ser necessário que:

A mediação do professor, principalmente na Educação Especial, é fundamental justamente para levar o aluno a negar o imediato, o que está presente naquele momento, levando-o à superação de um pensamento primitivo, para um pensamento superior, no sentido de saber utilizar os instrumentos mediadores disponíveis no ambiente.

Das entrevistas, o que se mostra é a necessidade de formação dos profissionais e o envolvimento da família para que o autista possa desenvolver suas habilidades. A escola, também, deve criar ambientes de inclusão, dando o suporte necessário para o aluno e a família, gerando uma qualidade de vida para todos os envolvidos.

Pensando na formação inicial, o tema poderia ser discutido, mesmo que sempre insuficiente dada sua complexidade. Lopes (2023), em seu trabalho de conclusão no curso de Licenciatura em Química na FURG, fez um levantamento de disciplinas em algumas universidades federais voltadas para a

inclusão no Ensino de Química. O trabalho teve como foco a compreensão sobre a formação acadêmico-profissional para a inclusão, porém ao estudar as mesmas, a autora pode afirmar que:

Apesar das instituições terem nos seus currículos a concepção de inclusão, isso não significa que os egressos do curso sejam “preparados” para atuar no ensino de Química na perspectiva inclusiva, porque isso vai além de introduzir aspectos teóricos sobre o tema. Para ser um professor inclusivo requer uma série de transformações que vão desde os estudos iniciais na graduação até a forma de planejar suas aulas, pensando na diversidade e heterogeneidade. (Lopes, 2023, p. 35-36).

Dessa forma, a formação oferecida na graduação deveria se adequar aos desafios que os profissionais da educação irão encontrar quando estiverem exercendo suas funções. Sabe-se que as dificuldades são muitas e nem sempre os professores poderão trabalhar com esses desafios, mas é importante conhecê-los desde a graduação.

As entrevistadas compreendem o indivíduo com autismo como um ser único e cheio de enfrentamentos e o tratamento que desenvolvem ao lidar com uma criança autista é centrado na individualidade. Essa compreensão auxilia no tratamento individualizado que vai impactar no seu desenvolvimento. Perceberam esse movimento em suas vidas profissionais e viram a importância de buscar formação para dar conta dos diversos desafios diferentes ao conviverem com crianças autistas. A pesquisadora deste trabalho, que também é professora de Química na Educação Básica e tem autistas em diferentes turmas, sentiu que devia procurar compreender melhor o autismo. Buscando assim, por conta própria, sua qualificação sobre o assunto.

A partir desses estudos que auxiliaram uma nova proposta para trabalhar a Tabela Periódica, ficou evidente que será sempre necessário analisar cada caso de autismo, pois suas características são únicas e somente assim conseguir promover um ensino de inclusão e uma aprendizagem de mais sentido para o aluno.

As experiências relatadas pelos profissionais mostraram ser eficientes em compreender as necessidades de adaptações e criar estratégias pedagógicas, o que influenciou na montagem do nosso trabalho com os alunos em sala de aula. O respeito com a individualidade fez com que a pesquisadora conseguisse o sucesso desta atividade.

E por último, percebeu-se a necessidade de que sempre será importante uma formação continuada para conviver com as complexidades desse processo de ensinar, em sala de aula, autista de grau 1.

A atividade da Construção da Tabela Periódica propiciou tornar os conceitos abstratos mais concretos e acessíveis, pois como já foi citado anteriormente, o autista tem dificuldades com o abstrato. Esses recursos visuais facilitaram a compreensão dos elementos químicos.

4.3 - A caminhada com um aluno Autista e os desafios das aulas de Química

O nome do aluno em foco será fictício para manter sua integridade e utilizaremos da Tabela Periódica o nome “Lantanídeo” para identificá-lo.

“Lantanídeo” foi diagnosticado aos 5 anos de idade com Autismo e de acordo com as suas características, as quais estão descritas abaixo, e referências bibliográficas, em razão da realização do mestrado, surgiu a ideia da construção da Tabela Periódica Gigante, pois com ela podemos ter uma interação de diversos assuntos do cotidiano do aluno, o que seria interessante para poder juntar a Química com o dia a dia dos estudantes.

Suas características encontram-se no quadro abaixo:

Quadro 13 - Características do aluno autista “Lantanídeo”

- Ele tem pouca dificuldade na interação social. E está nessa turma há dois anos, então consegue manter diálogos.
- Não tem nenhum padrão repetitivo com o corpo.
- Os interesses específicos são na área das Ciências Exatas, principalmente quando são exigidos cálculos matemáticos.

Fonte	- Não tem problemas com barulho, mas não gosta de surpresas, ou seja, não avisar de antemão sobre trabalhos a realizar em aulas próximas.
	- Nas aulas de Química é muito participativo, em todas às vezes é o primeiro a responder.
	- Gosta de regras e de rotina.
	- A fala é um pouco devagar, mas se entende muito bem. Ele é verbal, ou seja, ele fala.
	- A sua letra é perfeita, muito desenhada, gosta de detalhes e seu caderno é muito caprichado e organizado, mas demora muito na hora de copiar e desenvolver as atividades. Nesse sentido o professor ou traz a atividade em folhas com o conteúdo impresso, se quiser desenvolver a atividade em sala de aula junto com os outros colegas, ou diminui a quantidade de escrita na quadro para que ele possa acompanhar, porque o resultado disso é que na maioria das disciplinas seus os cadernos são incompletos.
	- Ele tem uma monitora que auxilia nas atividades de escrita ou em qualquer outra dificuldade que ele possa apresentar.
	- Gosta de jogos. Quando os colegas levam cartas para jogar nos intervalos, ele participa.
	- Ele tem uma memória excelente.

Elaborada pela autora

Estando em uma turma de segundo ano do ensino médio, “Lantanídeo” interage à sua maneira, ou seja, de acordo com as suas preferências, pois a turma o acolheu muito bem. Sabemos que, estando no espectro autista, ou

seja, ele foi diagnosticado com autismo, não podemos analisar sobre o olhar de regras, pois cada ser é único e por ter essas características principal, cada um tem suas particularidades e seus desafios.

Ao longo de dois anos, a pesquisadora tem ministrado aulas de Química para o aluno “Lantanídeo”, que é um aluno autista de grau 1. Durante esse período, a mesma vivenciou momentos desafiadores, inspiradores e resilientes. Desde o início dessa proposta evidenciou-se que seria necessário uma abordagem diferenciada de trabalho para atender as necessidades específicas deste aluno.

A Química trabalhada em sala de aula para estudantes neurotípicos e autistas precisa que seja importante atender as necessidades de todos, mas nem sempre é possível, pois os professores precisam de formação continuada, recursos e apoio da escola, porque trabalhar a Química com eles é importante buscar os elementos para o cotidiano e a cada ano que passa a inclusão ficou muito presente em sala de aula. Foi então que a reflexão começou: qual conteúdo poderia ser trabalhado de forma que contemplasse essa inclusão em sala de aula? Com base nas peculiaridades do lantanídeo surgiu possibilidades de trabalhar a tabela periódica

Para dar início a essa construção da Tabela Periódica Gigante foram observados os seguintes traços e características desse aluno na sala de aula, que são:

A socialização foi um dos primeiros pontos em que se pensou em trabalhar, pois a maioria dos autistas têm dificuldades em se relacionar com os colegas. Mas, o “Lantanídeo” não tem. Então não precisamos nos atentar para essa etapa e seria possível a construção dessa Tabela Periódica junto com ele e a turma.

Após a apresentação de conteúdos referentes à organização da Tabela Periódica, sua construção foi feita de forma a incluir todos na sala de aula. Foram adaptados os elementos visuais com cores vibrantes, respeitando seu tempo de aprendizagem. As habilidades de memória dele foram importantes

para o grupo, a comunicação direta e sem rodeios é comum para o autismo, pois eles não entendem ironias.

Foram 5 (cinco) aulas de 50 min cada para terminar de colar a Tabela na parede da sala de aula.

Dentre os objetivos específicos dessa atividade destacam-se:

- Identificar e nomear os elementos químicos da Tabela Periódica
- Compreender a estrutura da Tabela periódica, incluindo símbolo, número atômico e massa atômica
- Possibilitar que os alunos percebam as conexões existentes entre a tabela periódica e a vida cotidiana

Desde o início do processo, “Lantanídeo” se mostrou ativo, queria ser sempre o primeiro a ajudar na colagem dos elementos químicos, conforme figura 2 abaixo.

Figura 2 – A Colagem



Fonte: Elaborada pela Autora

No dia em que a atividade da Tabela Periódica foi proposta para o “Lantanídeo”, observou-se os seguintes fatores:

Quadro 14: Características Observadas na Atividade do lantanídeo

“Lantanídeo” foi comunicativo, colocando ordem nas gravuras, conforme a sequência de número atômico.
Queria que somente ele colasse as gravuras
Não aceitava que nenhuma gravura ficasse torta, reclamando com os colegas desse fator, nesse sentido se mostrou um pouco irritado.
Ele expressou seus pensamentos de forma verbal
Não se mostrou estressado, nem muito agitado, nenhum tipo de desconforto.
Ele se mostrou engajado e interessado na atividade
O ambiente da sala de aula estava tranquilo para o aluno
Sempre repetia a sequência de números que era solicitado para colagem
Foi respeitado o seu ritmo de colagem, não foi pressionado de nenhuma forma por todos que estavam participando da atividade

Ele interagiu com os colegas de forma a respeitar a sua vez de colar os elementos

Fonte: Elaborada pela Autora

Diante dessas observações concluiu-se que o ambiente da sala de aula foi incluso, pois contemplou todos os estudantes envolvidos na atividade. Além disso, a ilustração dos elementos químicos na forma de imagens tornou os mesmos mais conhecidos pelos alunos da turma. O aluno autista demonstrou muito engajamento em atividades interativas.

Então os dias seguintes de aula foram acrescidos de jogos. Procuramos explorar este universo dos Elementos Químicos de outras maneiras, de uma forma mais divertida, lúdica e significativa. Nesse sentido, trabalhamos o Bingo da Tabela Periódica e o Jogo Trilhando a Tabela Periódica.

A implementação de jogos, após a construção da Tabela Periódica Gigante, foi importante para a socialização e a interação da turma com o Lantanídeo, facilitando o entendimento que as diferenças existem e podem ser vividas em sociedade, como afirma Mantoan (2015, pág.12):

Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor, nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender é capaz de dar significado a objetos, fatos, fenômenos, à vida. Expressar, dos mais variados modos, o que sabemos implica representar o mundo com base em nossas origens, em nossos valores e sentimentos.

Foi observado que a maioria dos alunos, inclusive o autista, apresentou uma melhora significativa na socialização e na compreensão dos conceitos da Química.

4.4 – O Bingo da Tabela Periódica

O Bingo da Tabela Periódica foi uma maneira de retomar os estudos de aulas anteriores, além de ser uma atividade educativa onde procura-se revisar os conhecimentos sobre os elementos químicos bem como conceitos fundamentais de Química Geral.

Inicialmente, o Bingo pode ser utilizado para os alunos se familiarizarem com os elementos químicos de uma maneira mais divertida, conhecendo assim, como por exemplo: número atômico, número de massa, reconhecer os símbolos. Começa-se explicando o funcionamento do jogo, distribui-se as cartelas de bingo com símbolos de elementos em vez de números. Na sequência, os chamados são feitos por sorteio de cartas para que os alunos identifiquem o símbolo correspondente na sua cartela e os alunos marcam a medida que vai acontecendo o sorteio. A competição é amigável e o professor pode interagir compartilhando informações ou curiosidades dos elementos sorteados.

A avaliação foi feita com base na capacidade de identificação correta e na participação ativa dos alunos, que demonstraram maior envolvimento. Segue as ilustrações abaixo:

Figura 3- cartela do Bingo

Si	Be	Fe			Sn			At
	F		Ge	Zr		Nd	Ir	
	N		Sr			Tb	Pt	Pb

Figura 4 – Nome para Sorteio

Urânio	Laurêncio	Plutônio	Astato	Radônio
Frâncio	Tório	Actínio	Rádio	Polônio

A figura abaixo mostra o momento de interação da professora com a turma no jogo do Bingo da Tabela Periódica.

Figura 5 – Atividade do Bingo da Tabela Periódica



Fonte elaborada pela autora

Com relação ao feedback da turma eles acharam bastante interessante e divertido, conseguiu prender a atenção deles durante o jogo, conseguiram lembrar dos elementos químicos estudados em sala de aula, alguns perceberam que tinham dificuldades em achar o símbolo dos elementos, mas sendo parte da aprendizagem foi importante para aprenderem e o feedback do Lantanídeo em específico é que ele queria ser o vencedor.

4.5 – Trilhando a Tabela Periódica

O Trilhando a Tabela Periódica é um jogo educativo que pode ser utilizado para o ensino médio e objetivo é que os alunos percorrem a Tabela Periódica explorando os elementos químicos e desvendando seus conhecimentos.

Os jogadores começam na posição inicial da Tabela Periódica que corresponde ao Hidrogênio e avançam pelos períodos e grupos da Tabela, para que isso aconteça, os alunos devem responder aos desafios sorteados relacionados aos elementos onde estão posicionados.

As perguntas podem ser relacionadas ao número atômico, número de massa, entre outras, vai da criatividade do professor e o mesmo ainda pode acrescentar fatos curiosos desses elementos químicos procurando aplicar ao mundo real. As cartas apresentavam algumas estratégias para avançar como pulos, bloquear o avanço dos outros jogadores. Este jogo promove a competição saudável, pois induz à aprendizagem e ao conhecimento, além da interação entre eles, promovendo a socialização de alunos autistas.

A seguir o passo a passo do jogo e como foi desenvolvido em sala de aula:

Quadro 15 - Sequência do Jogo Trilhando a Tabela Periódica

O Tabuleiro é uma Tabela Periódica colocada ao centro dos estudantes, cada célula corresponde a um elemento químico
Os jogadores são os alunos e cada aluno tem uma peça
Para jogar os alunos jogam os dados e conforme o valor eles executam as ações que estão determinadas nas cartas exemplificada na gravura 6, somente então podem avançar
A pontuação é quando respondem corretamente
O Ganhador é quem chega primeiro no final do percurso da Tabela Periódica

Fonte: Elaborada pela autora

Os jogos são de suma importância para a consolidação de memórias duradouras pelos estudantes e, como “Lantanídeo” tem uma memória privilegiada, as atividades contribuíram para uma educação inclusiva nessa jornada escolar, os alunos conseguiram uma maior clareza e compreensão dos

assuntos estudados em sala de aula, como a localização do número atômico, as características dos elementos Químicos e houve bastante tempo para interação dos alunos.

De acordo com Chicon (2020, pág. 23)

A criança brinca e, brincando, ela apreende elementos da cultura, interage corporalmente com o meio, relaciona-se, expressa seus sentimentos, enfim, vai construindo sua personalidade. Além disso, entendemos que jogos e brinquedos fazem parte da cultura lúdica das crianças e que pertencem à categoria de experiências apreendidas no processo sócio-histórico.

A figura 6 mostra a interação dos alunos em sala de aula, é uma turma pequena, possibilitando que se faça apenas um grupo para jogar. Se a turma for maior é necessário dividir a turma em outros grupos.

Figura 6 – Atividade em Sala de Aula



Fonte Elaborada pela Autora

Figura 7 – Cartas do Trilhando a Tabela Periódica

H 1 O hidrogênio é o elemento mais abundante do universo. Na atmosfera terrestre é encontrado livre em pequena quantidade, combinado aparece principalmente na água (H₂O). • Cite um uso do hidrogênio.	H 1 O hidrogênio é usado como gás combustível, na produção de <u>amônia</u> (NH₃), de <u>metanol</u> (CH₃OH), na fabricação de margarina (hidrogenação de óleos vegetais). • AVANÇAR PARA O NITROGÊNIO (N).	He 2 O gás hélio é utilizado em balões e dirigíveis, tubos de anúncios luminosos; misturado com oxigênio (O) é usado como gás engarrafado para mergulho, etc. • PERMANECER NO HÉLIO (He).
Li 3 O lítio é utilizado na fabricação de medicamentos, bateria para marcapasso, alguns compostos são usados na fabricação de vidros e cerâmicas especiais, etc. • PERMANECER NO LÍTIO (Li).	Be 4 O berílio, na forma de ligas metálicas de alto ponto de fusão e baixa densidade, é utilizado em ogivas de foguetes, peças de computadores, etc. • PERMANECER NO BERÍLIO (Be).	B 5 O boro em pequenas quantidades ajuda no crescimento dos vegetais, já em grandes quantidades é tóxico. • Cite 3 elementos essenciais para a manutenção e crescimento dos vegetais.
B 5 O boro é utilizado na fabricação de vidros refratários, porcelanas, componentes elétricos, na produção de ligas metálicas de grande dureza, etc. • PERMANECER NO BORO (B).	C 6 Dureza é a maior ou menor resistência que um material oferece ao risco na sua superfície. O carbono sob forma de diamante é a substância natural de maior dureza que se conhece. • PERMANECER NO CARBONO (C).	C 6 O carbono é o segundo elemento em abundância no corpo humano (17,5%) e está presente em todos os tecidos vegetais e animais combinado com o hidrogênio (H) e o oxigênio (O). • PERMANECER NO CARBONO (C).

Fonte: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/03/npe-quimica-jogos-didaticos-de-quimica.pdf>

Considerações Finais

Podemos começar a rememorar? Essa pergunta surgiu a partir de um artigo escrito por Galiazzi, Lima e Ramos (2020) e que chamou bastante atenção pelos questionamentos de como começaram e como seguiram suas escolhas na educação.

Esta profissão de professora me escolheu e ser professora é uma vocação de muito amor, é muito mais que transmitir conhecimentos, envolve comprometimento sempre pensando que estamos fazendo a diferença na vida de alguém. E existem diversas razões pelas quais alguém escolhe essa profissão, mas sempre em primeiro lugar vem a paixão pela sala de aula.

Sempre tive bons exemplos e excelentes professores que cruzaram na minha jornada, talvez, por isso, me influenciaram de maneira positiva. Fácil não é, mas quando procuramos fazer o nosso melhor, mesmo que com situações adversas, existe o reconhecimento, tudo vale a pena. Ser escolhida, foi destino ou sorte? De qualquer forma, é uma escolha que precisamos ser gratos, pois sabemos que podemos fazer a diferença em uma educação melhor e de qualidade.

Sendo professora de Química e pensando nessa educação melhor, a Tabela Periódica surgiu em momentos de ter em sala de aula alunos com autismo. E a Tabela é importante para o professor no intuito de incentivar o raciocínio lógico, entender as propriedades da matéria e entender como tudo funciona ao nosso redor. Ensinar a Tabela Periódica é um grande desafio para alunos com esse transtorno.

A inclusão não somente desses alunos é um desafio enorme. Nos dias de hoje muito se fala em autismo e inclusão, na importância de uma ambiente acolhedor para esses alunos, mas a realidade diverge do contexto atual da sala de aula.

A compreensão do Autismo em ambientes escolares torna-se importante para que exista ambientes educacionais inclusivos. Criar ambientes que acolham e respeitem a diversidade ajuda a combater o preconceito.

Daxemberger concorda e enfatiza que é necessário (2018, p.21): “Aprender a conviver com todo o tipo de diferença, respeitando, ouvindo e não apenas tolerando, é uma tarefa cotidiana para a construção de uma sociedade mais inclusiva, saudável, acessível e humanizada.”

Ao conhecer o perfil do seu aluno, o professor consegue dar um suporte melhor, propiciando o bem estar do mesmo. Lidar com o desconhecido torna o ensino inclusivo complexo comprometendo a educação, a aprendizagem e a socialização desses estudantes. Ainda Daxemberger (2018, p.21) afirma que: “A inclusão sempre será um processo que depende da coletividade, e mesmo envolvendo vários indivíduos, cada um deve ser assistido de forma personalizada”.

À medida que foram reveladas as informações pelos entrevistados, percebe-se que abrange uma série de fatores que vão desde o entendimento dos níveis de autismo até as comorbidades que cada um apresenta. Cada um é um ser único dentro do espectro autista. Nesse sentido, é importante a detecção precoce e especializada dos pais e a formação específica de professores para entender as rotinas dentro de sala de aula e conseguir trabalhar no seu desenvolvimento.

A formação profissional surge como um ponto específico, pois profissionais qualificados são necessários, até porque esse suporte especializado é a escola que precisa dar durante a permanência desse aluno dentro do ambiente escolar.

As narrativas das entrevistas apresentam vários aspectos destacados nas falas sobre as perspectivas de convivência com o autismo, seja na escola, em uma clínica ou em casa. A importância do conhecimento do assunto leva a formação de profissionais capacitados para criar um ambiente de aprendizagem significativo e que faça efeito duradouro, sendo inclusivo. O papel da família é necessário em todos os ambientes para o apoio e suporte, entendendo que a família também necessita desses mesmos aportes.

Surgiu nas falas as questões financeiras e mostraram que influenciam bastante no tratamento do Autismo. São necessários diversos profissionais como psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, neurologista para que se possa criar estratégias de tratamento com qualidade e esses procedimentos são necessários ao longo da vida, necessitando de todos esses profissionais, o custo se torna elevado.

Os relatos sobre as estratégias de intervenção permeiam os desafios enfrentados pelos profissionais e pelos pais, as dificuldades acabam moldando toda e qualquer trajetória em busca do melhor para esse transtorno.

A escola é sempre um ambiente desafiador, tornando-se resistente em muitos aspectos tais como a aceitação do diferente. Para Zaniolo (2012, p.06): “Políticas públicas são desenvolvidas com o objetivo de efetivar esse direito inquestionável”.

É preciso uma equipe preparada e a escola com condições técnicas e de material específico para dar conta dos desafios. Ao mesmo tempo, a família precisa de apoio e, nesse sentido, em uma educação pública de qualidade, direito de todos, seria preciso implementar diversas atitudes que modificam a vida do autista, tais como:

- Políticas de apoio que promovam a inclusão, como por exemplo investimentos em infraestrutura escolar, campanhas de conscientização.

- Envolvimento com a comunidade escolar promovendo uma cultura de aceitação e conhecimento sobre o assunto;

- Adaptações curriculares visando atender às diversas necessidades desses alunos dando o suporte quando necessário;

- Informações e apoio às famílias. Esse suporte emocional é necessário para o auxílio de aprender a lidar com situações do dia a dia e o que é a educação inclusiva.

Teixeira (2016, p. 13):

Desta forma, o transtorno do espectro autista ilustra um grande problema de saúde pública que deve ser enfrentado com a participação e o apoio de toda a sociedade civil, além de representantes do poder público. Precisamos desenvolver estratégias e projetos na área da saúde e da educação que incluam essas crianças e suas famílias.

Paralelamente a isso, pensando na formação inicial dos profissionais, seria interessante, mesmo que insuficiente, a formação para esta especificidade, não apenas para os professores, mas também para os gestores e coordenadores e com apoio financeiro garantido, podendo assim gerar uma educação de qualidade para todos.

Caramori (2016, p. 28) enfatiza:

Talvez, com base em dados como esses, seja possível justificar o grande número de trabalhos científicos voltados à temática da formação inicial. Muitas lacunas precisam ser preenchidas, falhas serem solucionadas e as pesquisas na área estão a este dispor: buscar os problemas e oferecer sugestões para melhor formar os futuros professores.

Nos relatos sobre os desafios de cuidar e ensinar uma pessoa com transtorno do espectro autista, tornou-se evidente a urgência em procurar soluções para que a inclusão aconteça de forma mais efetiva. Zaniolo (2012, p.6): “Somente depois de alguns séculos de segregação desses sujeitos, a sociedade começou a discutir seus direitos de igualdade de oportunidades e caminhar em direção à inclusão de todos”.

O Autismo é para a vida toda, por isso são necessárias atitudes mais contundentes e rápidas, fazendo com que as Leis que já existem sejam cumpridas e o processo de uma construção de uma sociedade mais justa aconteça.

As entrevistas foram importantes para a construção da Tabela Periódica gigante no sentido de entender como adaptar esse trabalho de maneira que atenda as necessidades dos alunos autistas. As estratégias foram possíveis para garantir a todos os estudantes uma melhor compreensão do conteúdo e participação.

Diante de todas as informações coletadas, observadas e trabalhadas, percebe-se e fica muito evidente que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é um problema que toda a sociedade precisa ser responsabilizada e se envolver. A educação inclusiva para ser inclusiva é preciso infraestrutura, formação e a luta pela educação de qualidade para todos. Isso é um desafio a ser vencido.

8. Referências Bibliográficas

Bastos, A.R.B. (2016). **PROPOSIÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS ACESSÍVEIS: O ENSINO DE QUÍMICA E A TABELA PERIÓDICA**. J Res Spec Educ Necessidades, 16: 923-927. <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12232>. Acessado em 14/11/2022.

BOETTGER, Andréa Rizzo dos Santos – LOURENÇO, Ana Carla – CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **O professor da Educação Especial e o Processo de ensino aprendizagem**. Revista Educação Especial | v. 26 | n. 46 | p. 385-400 | maio/ago. Santa Maria, 2013. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/> acessado em 14/11/2022

CHASSOT, A. **A alfabetização científica: Uma possibilidade para a inclusão social**. Revista Brasileira de educação. N° 22, abril de 2003. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gZX6NW4YCy6fCWFQdWJ3KJh/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em 06/05/2023

COSTA, H. R.; CRUZ, D. M.; MARQUES, C. A. **Gamificação no ensino de ciências: desenvolvimento de uma plataforma de gerenciamento das atividades**. Revista Eletrônica Ludus Scientiae, Foz do Iguaçu, v. 5, n.1, p. 162-181, 2021.

DORNELES, Aline Machado; Galiazzi, Maria do Carmo. **Histórias de sala de aula de professoras de Química: Partilha de saberes e experiências nas rodas de formação do PIBID/FURG**. Química Nova na Escola, Vol. 34, N° 4, p. 256-265, NOVEMBRO 2012.

DUTRA, Alessandra. SOARES, José William Silva. FIGUEIREDO, Márcio Camillo e GOMES, Letícia Borges. **USO DO PEER INSTRUCTION NA APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS DE QUÍMICA: CONTRIBUIÇÕES PRELIMINARES**. CIÊNCIA EM TELA – Volume 12, Número 2 – 2019

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre, Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FERREIRA, V. F. **Química é sempre boa**. Química nova. V.30. N° 02, 2007. Disponível: em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/vXPkDrJ3VrqJTJygZK4swBw/?format=pdf&lang=pt> . Acessado em 06/05/2023.

GALIAZZI, Maria do Carmo, LIMA Valderez Marina do Rosário e RAMOS, Maurivan Güntzel. **A Fusão de Horizontes na Análise Textual Discursiva**. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo, V.08, n° 19, p.610-640, dez. 2020.

GODOI, Marcelo. IGNÁCIO, Patrícia. SOARES, Jéssica. **Práticas docentes que podem contribuir para a inclusão de alunos com síndrome de**

Asperger: Uma abordagem alternativa para ensino de Química. Química Nova. Vol. 42, N° 1, p. 68-76, fev. 2020.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm
Acessado em 06/05/2023

HALLOWELL, Edward M. **Tendência à distração: identificação e gerência do distúrbio do déficit de atenção (DDA) da infância à vida adulta.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2019.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Aparecida. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO** /4 ed-São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.

LIMA, José Ossiam Gadelha. **O ENSINO DA QUÍMICA NA ESCOLA BÁSICA: O QUE SE TEM NA PRÁTICA, O QUE SE QUER EM TEORIA.** Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista Vol. 6, n. 2. Jul./Dez. 2016. [Portal .periodicos. CAPES - Acervo](http://portal.periodicos.capes.gov.br/periodicos/CAPES-Acervo). Acessado em 29/04/2023.

LINO, Géssica Cristina de Lima e LINO, Thiago Henrique de Lima. **Como tornar a Aula de Ciências inclusiva para alunos com Transtorno de Espectro Autista.** Revista Insignare Scientia. Vol. 5, n° 05 Ago/ Dez 2022. <https://www.periodicos-capes.gov.br/ez40.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acessado em 09/05/2023.

LIMA, Geraldo M. de. BARBOSA, Luiz C. A. e FILGUEIRAS, Carlos A. L. **Origens e consequências da Tabela Periódica, a mais concisa enciclopédia criada pelo ser humano.** Revista Química Nova, 2019. Vol. 42, No. 10, 1125-1145,

MAHL, Eliane. **Inclusão Escolar na Prática: dos obstáculos do ensino remoto as possibilidades.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015

MOTTA, Cezar Soares e col. **Experimentação investigativa: indagação dialógica do objeto aperfeiçoável.** In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC. Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de Novembro de 2013

NININ, Maria Otilia Guimarães. **Pesquisa na escola: que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico?.** Educ. rev. [online]. 2008, n.48, pp.17-35. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a02n48.pdf>
NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Caderno de pesquisa, v.47, n. 16, p. 1

NOGUEIRA, Márcia Cristina Dejuli e SACHS, Luís Guilherme. **A Química do Cotidiano na Educação de Jovens e Adultos Mediante a Prática Social**. Revista: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde, 2013. Vol 1

PAIVA, Maria Mabelle Pereira. Fonseca, Aluísio Marque da, Colares Regilany Paulo. **ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS POTENCIALIZADORAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE QUÍMICA**. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 3, n. 7, p. 125.jan./mar.2022. Disponível em: [Portal .periodicos. CAPES - Acervo](#). Acessado em 29/04/2023

PEGO, Márcia Goulart Tozzi. **A representação simbólica na clínica psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2003

PIAGET, J. **El pensamiento Simbólico y el pensamiento del niño** (S.Pasternac, Trad.) Genebra: Archives de Psychologie, 1923.

PINTO RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Souza Neto VL, Saraiva AM. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Rev Gaúcha Enferm. 2016 set;37(3):e61572. [Autismo o que é? Definição e Características - Entendendo Autismo \(institutoneurosaber.com.br\)](#) . Acesso em 14/11/2022.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RIBEIRO, Eveline Borges Vilela e BENITE, Anna Maria Canavaro. **A Educação Inclusiva na Percepção dos Professores de Química**. LPEQI, Instituto de Química, Universidade Federal de Goiás. Ciência & Educação, v. 16, n. 3, p. 585-594, 2010.

RIBEIRO, Roberto Ananias. **Tem Química nesse texto**. 1º ed.. Curitiba: Appris, 2022.

RODRIGUES, Ronne Pereira e SAQUETTO, Diemerson. **Pedro e o poder da Inclusão: tornando o universo científico mais próximo das crianças autistas**. Vila Velha, 2020

ROGERS, S. J.; DAWSON, G. **Intervenção precoce em crianças com autismo: modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização**. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Ltda, 2014.

ROGERS, S. J.; DAWSON, G.VISMARA, Laurie A. **Autismo: Compreender e agir em família**. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Ltda, 2015.

SASSERON, Lúcia Helena. **Sobre ensinar ciências, investigação e nosso papel na sociedade.** *Ciênc. educ.* (Bauru), Bauru, v.25, n. 3, p. 563-567, Sept. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v25n3/1516-7313->

STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. **Autismo: um mundo singular.** São Paulo: Literate Books International, 2022

SILVA, Cristine Santos de Souza da - SOUZA, Denise Santos de - PROCHNOW Tania Renata. **As crianças e o interesse pela ciência: um estudo baseado em ações para promoção da aprendizagem significativa.** *R. bras. Ens. Ci. Tecnol.*, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 400-415, jan./abr. 2020. Acesso em 14/11/2022.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do Autismo: Guia dos pais para tratamento completo.** 1º ed. Rio de Janeiro: Best Seller. 2016.

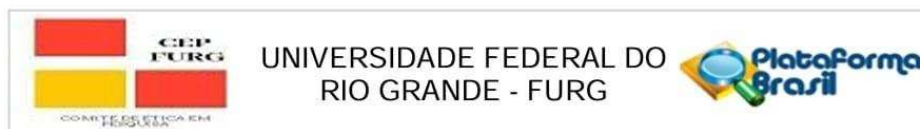
TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini e NETO Jorge Megid. **Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva.** *Ciênc. Educ.* Bauru, v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017.

VARGAS, Rosanita Moschini e SCHIMD, Carlo. **Autismo e Esquizofrenia: compreendendo diferentes condições.** UFSM, 2019.

ZORZI, Jaime Luiz. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem: dislexia e outros distúrbios – um manual de boas e saudáveis atitudes.** Linhais: Editora Melo, 2008.

_____. Lei n. 12.976, de 4 de abril de 2013. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 2013a.

Anexo 1 - Aceite do Comitê de Ética



Continuação do Parecer: 6.599.567

RESPOSTA: O aluno autista irá assinar o termo abaixo, pois é maior de idade e tem habilidades cognitivas suficientes para entender e assinar documentos legais, como o TCLE.

ANÁLISE: ATENDIDA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS 466/12 item XI.2.d. e Resolução CNS 510/16 Art. 28.V.

O modelo encontra-se disponível no site do CEP-FURG (<https://propesp.furg.br/pt/comites/cep-furg>) e o seu prazo é de 40 dias após a data final do cronograma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2216621.pdf	28/11/2023 16:32:15		Aceito
Outros	Carta_Respostadois.pdf	28/11/2023 16:31:45	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_responsaveis_fonte14.pdf	28/11/2023 16:26:32	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_responsaveis.pdf	28/11/2023 16:26:18	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_participantes.pdf	28/11/2023 16:26:05	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_alunos_18anos.pdf	28/11/2023 16:24:10	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	projeto_comite_monica.pdf	25/10/2023 18:07:47	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito

5

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.
Bairro: Campus Carreiros **CEP:** 96.203-900
UF: RS **Município:** RIO GRANDE
Telefone: (53)3237-3013 **E-mail:** cep@furg.br

Página 05 de 06



Continuação do Parecer: 6.599.567

Investigador	projeto_comite_monica.pdf	25/10/2023 18:07:47	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
Outros	carta_resposta.pdf	25/10/2023 18:07:09	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_alunos_menores_18anos.pdf	25/10/2023 18:06:23	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Monicaassinado_assina do.pdf	21/09/2023 10:42:52	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
Declaração de concordância	apresentacao.pdf	19/09/2023 14:35:15	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	19/09/2023 14:23:30	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	cre.pdf	19/09/2023 14:18:16	MONICA DE QUADRO SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO GRANDE, 22 de Dezembro de 2023

Assinado por:
Camila Daiane Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.
Bairro: Campus Carreiros **CEP:** 96.203-900
UF: RS **Município:** RIO GRANDE
Telefone: (53)3237-3013 **E-mail:** cep@furg.br

Página 06 de 06

6

APÊNDICE 1 - TCLE para os responsáveis dos alunos menores de 18 anos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS EXATAS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TCLE (Res.510/2016-CNS)

Para os responsáveis legais dos menores de 18 anos.

Esclarecimentos:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO (GRAU 1)”**, coordenada pela pesquisadora **Mônica de Quadro Silva**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas da Universidade Federal de Rio Grande - FURG, orientada pelo **Prof. Dr. MARCELO GODOI** e coorientada pela **Prof.^a Dr.^a PATRÍCIA IGNÁCIO** e **Dra. MARIA DO CARMO GALIAZZI**.

Queremos contribuir com o ensino da Tabela Periódica para alunos do 2º ano do Ensino Médio onde temos um autista, a partir dos diferentes significados associados ao seu conceito. Para tanto, utilizaremos uma sequência didática, com atividades em grupo e individuais, com o objetivo de possibilitar a aprendizagem do conceito da Tabela Periódica, através dos significados dos elementos químicos utilizados no cotidiano dos alunos.

Com isso, seu filho só participará da pesquisa se quiser. É um direito seu e dele e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 17 anos de idade.

Portanto, ele irá participar de 10 (dez) aulas, com duração de 50 (cinquenta) minutos cada, onde serão desenvolvidas atividades em sala de aula, utilizando a construção da Tabela Periódica e jogos. Durante esse período, as atividades poderão ser gravadas/filmadas/fotografadas e utilizadas na pesquisa. Por meio de análise do material colhido, serão produzidos textos acadêmicos sobre os resultados alcançados, objetivando qualificar o Ensino da Química.

Durante a execução da pesquisa, poderão ocorrer pequenos desconfortos e riscos à integridade moral, intelectual e emocional. O aluno pode se sentir desconfortável ao responder as questões, participar das aulas ou ao ser filmado/fotografado. Entretanto, não é obrigatório e não existe penalidade quanto a não participação. Para isso, todas as imagens serão editadas para minimizar o risco de identificação. A pesquisa não necessita de materiais físicos ou ações físicas que necessitem do uso de EPI (Equipamento de Proteção Individual). Como benefícios da pesquisa, ela poderá propiciar ao menor uma melhor aprendizagem de conteúdos Químicos, além de contribuir para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem de Química em um contexto geral, bem como para a coleta de dados relevantes para a produção acadêmica.

Você tem o direito de não autorizar ou retirar o seu consentimento da participação do menor em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para o mesmo.

Em caso de complicações ou danos à saúde que o menor possa ter relacionados com a pesquisa, compete aos pesquisadores responsáveis garantir o direito à assistência imediata, integral e gratuita.

Durante todo o período da pesquisa, você poderá tirar suas dúvidas ligando para Mônica de Quadro Silva, contato: (53) 984364510 ou enviando e-mail para o endereço monicaniel@yahoo.com.br

Você tem o direito de não autorizar ou retirar o seu consentimento da participação do menor em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para o mesmo.

Os dados resultantes dessa investigação (impressos e digitais) serão mantidos na Universidade Federal do Rio Grande, no Campus Santo Antônio da Patrulha, sob a guarda e responsabilidade da orientadora desta pesquisa. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para a execução desta pesquisa e serão guardados pelo período mínimo de 5 anos, sendo de responsabilidade do pesquisador fazer o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

Isso também será feito com os registros de consentimento livre e esclarecido e com as gravações de áudio. As informações geradas somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os participantes da pesquisa e a Instituição.

Não haverá despesas nem compensações financeiras ao aluno participante da pesquisa. Caso houver alguma despesa, será garantido aos participantes o ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa.

Se o menor sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, o menor será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa, você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa FURG (CEP - FURG) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande, nos telefones (53) 3237-3013 ou e-mail cep@furg.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, no prédio das PróReitorias segundo andar-Propesp, disponível nas segundas-feiras das 8 às 12h, nas terças-feiras das 09 às 13h, nas quartas-feiras das 13h30min às 17h30min, nas quintas-feiras das 9 às 17h30min, ou em outros horários mediante agendamento, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Avenida Itália, Km 08 - Campus Carreiros - Caixa Postal 474 - Rio Grande/RS - CEP: 96203-900.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável **Mônica de Quadro Silva**.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, representante legal do menor _____, autorizo sua participação na pesquisa **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO (GRAU 1)”**.

Esta autorização foi concedida após ter sido esclarecido sobre os objetivos, a importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos desconfortos e benefícios que ela poderá trazer para o jovem ou a criança e por ter compreendido todos os direitos que ele(a) terá como participante e eu como seu representante legal.

Autorizo, ainda, a publicação das informações por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificá-lo(a).

Rio Grande, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável legal

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO (GRAU 1)”**, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e garantir os direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente de que na inobservância do compromisso ora assumido infringe as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Rio Grande, _____ de _____ de 2023.

APÊNDICE 2 - TALE para os alunos menores de 18 anos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS EXATAS



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO(GRAU 1)”**, coordenada pela pesquisadora **Mônica de Quadro Silva**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas da Universidade Federal de Rio Grande - FURG, orientada pelo **Prof. Dr. Marcelo Godoi** e coorientada pela **Prof.^a Dr.^a Patrícia Ignácio** e **Dra. Maria do Carmo Galiazzi**. Seus pais permitiram que você participasse.

Queremos contribuir com o ensino da Tabela Periódica para alunos do 2º ano do Ensino Médio onde temos um autista, a partir dos diferentes significados associados ao seu conceito. Para tanto, utilizaremos uma sequência didática, com atividades em grupo e individuais, com o objetivo de possibilitar a aprendizagem do conceito da Tabela Periódica, através dos significados dos elementos químicos utilizados no cotidiano dos alunos.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 17 anos de idade.

A pesquisa será feita onde você estuda, onde irão realizar atividades utilizando a construção da Tabela Periódica e jogos. Durante o período de 10 (dez) aulas de 50 (cinquenta) minutos cada, as atividades poderão ser gravadas/filmadas/fotografadas e utilizadas na pesquisa. Por meio de

análise do material colhido, serão produzidos textos acadêmicos sobre os resultados alcançados, objetivando qualificar o Ensino da Química..

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos ínfimos à integridade moral, intelectual e emocional. Você poderá se sentir desconfortável ao participar das atividades ou ao ser filmado/fotografado. Contudo, nada é obrigatório e não existe punição quanto à não participação. Todas as imagens serão editadas para minimizar o risco de sua identificação. A pesquisa não visa denegrir os participantes, não necessita de materiais físicos ou ações físicas que pressuponham o uso de EPI (Equipamento de Proteção Individual).

Há coisas boas que podem acontecer como propiciar a você uma melhor aprendizagem de conteúdos Químicos, além de contribuir para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem de Química em um contexto geral, bem como para a coleta de dados relevantes para a produção acadêmica.

Você não terá despesas nem compensações financeiras ao participar da pesquisa, mas, caso houver alguma despesa, será garantido o seu ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa.

Se o menor sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, o menor será indenizado e os pesquisadores garantem assistência imediata, integral e gratuita aos participantes.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em trabalho de conclusão do mestrado e em artigos, sem identificar as crianças que participaram.

Qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa, você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa FURG (CEP - FURG) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande, nos telefones (53) 3237-3013 ou e-mail cep@furg.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, no prédio das Pró-Reitorias segundo

andar-Propesp, disponível nas segundas-feiras das 8 às 12h, nas terças-feiras das 09 às 13h, nas quartas-feiras das 13h30min às 17h30min, nas quintas-feiras das 9h às 17h30min, ou em outros horários mediante agendamento, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Avenida Itália, Km 08 - Campus Carreiros - Caixa Postal 474 - Rio Grande/RS - CEP: 96203-900.

=====

===== **CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu _____ aceito participar da pesquisa **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO (GRAU 1)”**. Você pode sair do estudo quando quiser, sem qualquer prejuízo a você. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com a pesquisadora responsável Mônica de Quadro Silva. Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Rio Grande, ____de _____de 2023.

Assinatura do menor

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 3 - TCLE para maiores de idade



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE -
FURG



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS EXATAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO (GRAU 1)”**, coordenada pela pesquisadora Mônica de Quadro Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas da Universidade Federal de Rio Grande - FURG, orientado pelo Prof. **Dr. MARCELO GODOI** e coorientado pela Prof.^a **Dr.^a PATRÍCIA IGNÁCIO** e Dra. Maria do Carmo Galiazzi

Queremos contribuir com o ensino da Tabela Periódica para alunos do 2º ano do Ensino Médio onde temos um autista, a partir dos diferentes significados associados ao seu conceito. Para tanto, utilizaremos uma sequência didática, com atividades em grupo e individuais, com o objetivo de possibilitar a aprendizagem do conceito da Tabela Periódica, através dos significados dos elementos químicos utilizados no cotidiano dos alunos.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm a partir de 18 anos de idade.

Você tem o direito de não autorizar ou retirar o seu consentimento da participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para o mesmo.

A pesquisa será feita onde você estuda, onde irão realizar atividades utilizando a construção de uma tabela periódica gigante. Durante o período de

10 (dez) aulas de 50 (cinquenta) minutos cada, as atividades poderão ser gravadas/filmadas/fotografadas e utilizadas na pesquisa. Por meio de análise do material colhido, serão produzidos textos acadêmicos sobre os resultados alcançados, objetivando qualificar o Ensino da Química.

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos ínfimos à integridade moral, intelectual e emocional. Você poderá se sentir desconfortável ao participar das atividades ou ao ser filmado/fotografado. Contudo, nada é obrigatório e não existe punição quanto à não participação. Todas as imagens serão editadas para minimizar o risco de sua identificação. A pesquisa não visa denegrir os participantes, não necessita de materiais físicos ou ações físicas que pressuponham o uso de EPI (Equipamento de Proteção Individual).

Há coisas boas que podem acontecer como propiciar a você uma melhor aprendizagem de conteúdos Químicos, além de contribuir para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem de Química em um contexto geral, bem como para a coleta de dados relevantes para a produção acadêmica.

Você não terá despesas nem compensações financeiras ao participar da pesquisa, mas, caso houver alguma despesa, será garantido o ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa.

Em caso de complicações ou danos à saúde que você possa ter relacionados com a pesquisa, compete aos pesquisadores responsáveis garantir o direito à assistência imediata, integral e gratuita

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em trabalho de conclusão do mestrado e em artigos, sem identificar os adolescentes que participaram.

Qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa, você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa FURG (CEP - FURG) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande, nos

telefones (53) 3237-3013 ou e-mail cep@furg.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, no prédio das Pró Reitorias segundo andar-Propesp, disponível nas segundas-feiras das 8 às 12h, nas terças-feiras das 09 às 13h, nas quartas-feiras das 13h30min às 17h30min, nas quintas-feiras das 9 às 17h30min, ou em outros horários mediante agendamento, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Avenida Itália, Km 08 - Campus Carreiros - Caixa Postal 474 - Rio Grande/RS - CEP: 96203-900.

=====

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa **“UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA A ALUNOS COM AUTISMO (GRAU 1)”**.

Você pode sair do estudo quando quiser, sem qualquer prejuízo a você.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com a pesquisadora responsável Mônica de Quadro Silva. Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Rio Grande, ____de _____de 2023.

Assinatura do Aluno

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE 4 - TCLE para os participantes da pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS EXATAS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: "**Uma Proposta Didática para o Ensino da Tabela Periódica a Alunos com Autismo grau 1**", coordenada pela pesquisadora Mônica de Quadro Silva, mestranda do Programa de PósGraduação em Ensino de Ciências Exatas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, orientada pelo Prof. **Dr. MARCELO GODOI e coorientada pela Prof.^a Dr.^a PATRÍCIA IGNÁCIO e Dra. MARIA DO CARMO GALIAZZI.**

Queremos contribuir com o ensino da Tabela Periódica para alunos do 2º ano do Ensino Médio onde temos um autista, a partir dos diferentes significados associados ao seu conceito. Para tanto, utilizaremos uma sequência didática, com atividades em grupo e individuais, com o objetivo de possibilitar a aprendizagem do conceito da Tabela Periódica, através dos significados dos elementos químicos utilizados no cotidiano dos alunos.

Estudos têm mostrado a potência formativa das Práticas Investigativas nos contextos escolares, sejam elas materializadas em atividades envolvendo o Ensino Por Investigação, o Educar pela Pesquisa, sejam em atividades experimentais e/ou exploratórias diversas. Contudo, o mapeamento das pesquisas com a referida temática aponta para insipiência de estudo voltados

para a Educação Inclusiva, o que sinaliza a importância de investigações nesta perspectiva investigativa.

Nessa abordagem, a presente pesquisa pretende desenvolver uma sequência didática de modo a proporcionar a aprendizagem do conteúdo de Tabela Periódica a turmas do Ensino Médio com alunos autistas de grau 1. Nesse sentido, essa pesquisa se utilizará da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, a qual regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Após o seu aceite, será feito o contato via telefone para acertar a data do primeiro encontro-entrevista. Além disso, para o desenvolvimento do estudo serão realizadas entrevistas as quais serão gravadas com uso de gravador de voz de celular.

É válido salientar que neste projeto estão previstos riscos mínimos, haja vista que as entrevistas que acontecerem via meet. Todos os dados no Meet são criptografados em trânsito por padrão entre o cliente e o Google para videochamadas em um navegador da Web. O Meet usa várias medidas de segurança para proteger suas videochamadas. Isso inclui controles contra invasão de videochamadas na Web e de ligações para reuniões.

As entrevistas presenciais na escola, serão em período de hora-atividades, de acordo com a rotina da instituição.

As duas formas irão envolver questões sobre formação inicial e continuada, tempo de docência, concepções dos professores acerca das práticas investigativas e sobre as práticas desenvolvidas na Educação.

Por se tratar de ações que envolvem interação, participação e diálogo - em 1 encontro para a entrevista de, aproximadamente, 1 hora - há a possibilidade de: constrangimento, algum desconforto, cansaço ao responder aos questionamentos e quebra de sigilo e/ou anonimato involuntária e não intencional de registros dos áudios das gravações, no plano individual e coletivo.

Para dirimir e/ou reduzir os referidos riscos, a pesquisadora, psicopedagoga e professora da Educação de Ensino Fundamental e Médio - estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto; restringirá e limitará o acesso aos dados à pesquisadora.

Será garantido que sejam respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes da comunidade escolar e/ou clínica.

Também será assegurado a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes; garantirá o arquivamento e a proteção dos dados e assegurará a não utilização das informações em prejuízo dos participantes.

O respeito será mantido aos participantes em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade e a prevalência de sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida.

Caso a pesquisadora perceba qualquer possibilidade de dano aos participantes, decorrente da participação na pesquisa, discutirá com os participantes as providências cabíveis, que podem incluir o encerramento da pesquisa. Oportuno destacar que todas ações da pesquisa tomarão como base os preceitos éticos em pesquisa com seres humanos. Ademais, a pesquisadora garantirá assistência imediata, integral e gratuita aos participantes, em caso de danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa sempre e quando necessário. De acordo com o levantamento de pesquisa com temáticas parecidas a esta, percebeu-se que não existem muitas discussões acerca do ensino de Química para autistas então as discussões apresentadas com o desenvolvimento desta pesquisa trazem como benefício, a possibilidade de (re)pensarmos não somente a prática docente na Educação, mas também a formação de professores neste segmento. Ademais, será um momento de aproximação à temática do estudo e de reflexão acerca das possibilidades de inserção de práticas investigativas em sua docência e/ou de compreensão das práticas já desenvolvidas.

Os dados que você fornecerá serão confidenciais e privados. Estes serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar, garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos envolvidos, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. Assim sendo, será mantido o sigilo, a confidencialidade e a privacidade dos participantes da pesquisa, durante todas

as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa.

Os dados serão mantidos em arquivo físico e digital, na Universidade Federal do Rio Grande, Campus Santo Antônio da Patrulha, sob guarda e responsabilidade da pesquisadora. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para a execução do projeto em questão e serão guardados por um período mínimo de 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa. As informações geradas somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os participantes da pesquisa e a Instituição. Ademais, ao perceber qualquer risco ou dano significativo ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a pesquisadora comunicará o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliará, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo. Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você e a plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum.

Assim sendo, informamos que:

- A sua participação é inteiramente voluntária e você poderá decidir sobre a sua participação ou não na pesquisa em qualquer fase do estudo;
- Você tem o direito garantido para retirar seu consentimento ou interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem que lhe traga prejuízo algum, antes da divulgação dos resultados, bastando para isso comunicar a pesquisadora;
- Você poderá se recusar a responder qualquer pergunta da entrevista ou qualquer outra solicitação que lhe seja feita, sem que lhe traga prejuízos;
- Caso ocorra algum dano decorrido da pesquisa, você tem direito à indenização nos termos da lei;
- Não estão previstas despesas ao longo da pesquisa. Contudo, em caso de despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa, você será ressarcido;

- A entrevista ocorrerá no momento e local de sua preferência;
- Em relação à entrevista, as perguntas serão voltadas para a sua formação e perfil profissional e as concepções e as práticas envolvendo práticas investigativas;
- Ao final, você terá acesso aos resultados da pesquisa.

Caso tenha dúvidas na ocasião da assinatura do Termo de Autorização ou durante todo o período da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Mônica de Quadro Silva pelo telefone (53) 984364510 ou pelo endereço eletrônico monicaniel@yahoo.com.br. Endereço: Rua Cel. Francisco Borges de Lima, 3005 Unidade - Bom Principio, Santo Antônio da Patrulha - RS, 95500-000. Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande, pelo telefone (53) 3237-3013, pelo e-mail cep@furg.br, ou, ainda, pelo endereço Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS. Bairro: Campus Carreiros. Rio Grande/RS. CEP: 96.203-900. Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você (participante) e a outra com a pesquisadora responsável Mônica de Quadro Silva.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, após ter sido esclarecido sobre a justificativa, os objetivos, a importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa "Uma Proposta Didática para o Ensino da Tabela Periódica a Alunos com Autismo grau 1", e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Rio Grande, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo " **Uma Proposta Didática para o Ensino da Tabela Periódica a Alunos com Autismo (Grau 1)**", declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido, infringirem as normas e diretrizes propostas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Rio Grande, _____ de _____ de 2023.

Assinatura da pesquisadora responsável

Apêndice 5 - Entrevista com Psicopedagoga na Clínica

- 1.** Como foi a sua formação?
- 2.** Qual a sua experiência profissional como psicopedagoga?
- 3.** Em poucas palavras, o que é o autismo de grau 1 e quais são suas principais características?
- 4.** Você atende alunos autistas de grau 1?
- 5.** Quais características são enfrentadas com esses alunos?
- 6.** Como você desenvolve trabalhos com esses estudantes?
- 7.** Como é feita a avaliação das necessidades e das habilidades específicas dos alunos autistas de grau 1?
- 8.** Como você planeja os seus planos de intervenção individualizados para atender às necessidades educacionais dos alunos autistas de grau 1?
- 9.** Como ocorre a colaboração com outros profissionais, professores, terapeutas e pais, para apoiar os alunos autistas de grau 1?
- 10.** Quais recursos e materiais você costuma utilizar para auxiliar o desenvolvimento dos alunos autistas de grau 1 em sua clínica?
- 11.** Já houve comportamentos desafiadores ou crises que surgiram durante o seu atendimento com alunos? Como você conduziu a situação?
- 12.** Quais são os principais benefícios da intervenção psicopedagógica para alunos autistas de grau 1?
- 13.** Você poderia compartilhar, sem citar nomes, um exemplo de sucesso de um aluno autista de grau 1 com quem você trabalhou e como a intervenção psicopedagógica foi benéfica para ele?

Apêndice 6 - Transcrição da Entrevista com a Psicopedagoga da Clínica

Questão 1 – Como foi a sua formação?

Tá. Então a primeira formação foi em Ciências Biológicas, eu me formei em 2004. Depois que eu fiz ciências biológicas eu comecei a dar aula, e na sala de aula, em escola particular, eu dei aula em duas escolas particulares de Rio Grande, eu comecei a perceber que tinha alguns alunos com dificuldades. E a própria diretora e coordenadora na época me passaram alguns transtornos desses alunos. E eu comecei a pensar como que eu vou atender esses alunos? Como que eu vou fazer? Eu não sei como fazer, porque eu era professora de ciências e biologia, eu não tinha ideia de como lidar com aqueles alunos.

Então a gente tinha com dislexia, com TDAH, com autismo e eu não tinha a mínima ideia de como lidar com aquela situação, com as adaptações de provas e tudo mais e foi aí que, naquela época, eu resolvi fazer psicopedagogia.

E nessa época quando eu fiz psicopedagogia eu me apaixonei muito pela questão clínica mesmo. Já era concursada da prefeitura, mas de outra área. Eu comecei a trabalhar na clínica, mas um tempo depois, assim não foi em seguida, foi um tempo depois, porque eu saí da sala de aula. Não dei mais aula e fui trabalhar na clínica em conjunto com os serviços da prefeitura.

Depois disso eu comecei a ler bastante coisa de psicopedagogia clínica e descobri que a psicopedagogia veio da psicanálise. Eu comecei a entender melhor assim algumas questões psíquicas desses alunos e pacientes, em função da psicopedagogia. E com isso uma coisa foi levando a outra. Eu comecei a atender crianças de 6 anos, 5 anos, e senti um déficit na questão do manejo mesmo com essas crianças, de como atender, de como lidar. Porque a minha formação era de séries finais de biologia, então não tinha muita

habilidade com criança eu não era pedagoga. Então eu resolvi fazer Pedagogia também. Eu me formei ano passado em pedagogia. Em pedagogia e algumas pós graduações também.

Questão 2 – Qual a sua experiência profissional como psicopedagoga?

Sou concursada da Prefeitura. Durante muito tempo eu trabalhei na questão da educação ambiental pela minha formação, mas com meu cargo de assessora. Só que eu trabalhei muitos projetos na questão da educação ambiental, assinava como bióloga e tudo mais, mas não como um cargo, mas como uma servidora que tinha aquela formação. E depois eu fiz também, eu ia te falar e acabei esquecendo, fiz Pós-Graduação em psicologia Clínica o ano passado, se eu não me engano, para poder também trabalhar bastante, entender, na verdade porque muitos pacientes tem esses transtornos. Sei lá com dislexia, TDAH, Tea. Mas, na verdade dislexia não é um transtorno é uma dificuldade de aprendizagem e eles também muitas vezes tem ansiedade. E outras coisa, eu queria entender melhor. Então eu fiz também Psicologia Clínica para conhecimento, porque pós-graduação não te torna psicólogo, e sim um pós graduado em psicologia.

Há então, o ano passado, além da clínica, eu fui chamada para trabalhar no IF na psicopedagogia institucional, isso eu ia falar na sequência, acabei esquecendo, e no IF eu tive bastante experiência com autista que a maioria é autista de grau 1,2 e 3. O 3 a gente considera um pouco mais difícil manejo, por outras características que eles possuem, Então basicamente as idades do IF, como é o ensino médio, é entre 15, 16, 17 até 23 e 24 anos, porque tem os da noite, do turno da noite.

Questão 3 – Em poucas palavras, o que é Autismo de grau 1 e quais são suas principais características?

Características de pessoas com autismo Nível 1 apresentam menos interesse ou dificuldade em iniciar interações sociais, respostas atípicas ou não sucedidas em interação social, baixa habilidade de conversar/interagir. Preferir

ficar sozinho e ter pouco interesse em conversas; Dificuldade em entender regras de jogos e brincadeiras, principalmente as que não estão escritas; Dificuldade em saber o que falar e como agir em situações sociais;

O que é autismo nível 1: autismo de nível 1 é descrito por pessoas e profissionais de saúde que usam o termo para descrever indivíduos que possuem alterações mais leves de autismo. A pessoa consegue fazer atividades diárias com mais facilidade e independente. Os principais sintomas de autismo nível 1 podem abranger características em 3 áreas diferentes, sendo elas: a Comunicação, a socialização e o Comportamental.

Questão 4 – Você atende alunos Autistas de Grau 1?

No consultório, na psicopedagogia clínica, a média de idade dos pacientes que eu atendo são entre 6 anos mais ou menos até 14 anos, dos autistas, eu quero dizer. Atualmente, a maioria deles tem entre 6 e 10, porque é muito sazonal, né? E a gente sabe que o autista ele precisa de terapia, e por muito tempo. Porém, as famílias muitas vezes por questões financeiras, elas acabam não deixando aquele paciente muito tempo, realmente por questões financeiras, mas então por isso que muda muito. Mas, atualmente, entre 6 e 10 e 11 anos mais ou menos. E a nossa clínica também tem uma parceria com AMAR, então nós temos alguns pacientes de outras idades também, mas a maioria é entre essas idades.

Questão 5 – Quais desafios são enfrentados com esses alunos?

Desafios são inúmeros, e são diários, e cada paciente tem uma característica. Por exemplo, né? Tem pacientes autistas de nível um que eles não olham no olho, eles tem dificuldades alimentares, eles têm questão social baixa, né? Então, dependendo de cada um a gente faz uma avaliação primeiro, né? Quando a gente faz avaliação a gente vê o que que tem de déficit naquele paciente. Por exemplo, nem todos os autistas têm a mesma característica geral, mas tem aqueles que têm mais déficit em alguma área, né? Então, esses desafios são de paciente para paciente. Então poderia citar vários. Vários

casos aqui, né? O primeiro desafio mais enfrentado por mim de forma profissional, no meu caso, é com as famílias. Né? É um desafio maior que eu enxergo assim, nesses anos que eu venho trabalhando na psicopedagogia clínica. Porque muitas vezes há negação dos pais, né? Então, o primeiro desafio é esse, porque as famílias procuram um psicopedagogo explicando, né? Que ele já vem de outro, então eles querem que a gente já comece a fazer intervenção antes da avaliação e a gente não pode fazer. Quando eu pego um paciente novo, eu preciso fazer toda a avaliação de novo, usando protocolos, que não são de psicólogo, somente psicopedagogos que podem usar e a gente tem que fazer a avaliação novamente para saber se aquela terapia anterior daquele paciente teve uma melhora, né? Que a gente possa avançar, porque aí o pai diz assim, ó, mãe, ó, ele tem problema na socialização, mas daqui a pouco a gente faz uma avaliação, ele melhorou um pouco porque ele fez avaliação anterior, né? E a intervenção anterior. Então a gente tem que fazer novamente. Esse é Um desafio bem grande.

Um outro desafio que eu enfrentei no IF e no consultório é questão da desorganização dos alunos e dos pacientes, porque eles se desorganizam, né? Então, esse é um desafio bem grande. Assim por exemplo, estão consultório e tu está atendendo e, por exemplo, tem uns que não gostam de barulho. E eu atendia numa clínica onde tinha uma aula de música perto, então eles ficam, tapando os ouvidos, eles se desorganizam. Então é um desafio bem grande a gente poder fazer com que eles voltem. Porque eles gritam, eles batem, eles mordem. Essa também é um desafio, muitos deles mesmo. Grau um, eles têm muitas vezes essa impulsividade. Então são basicamente de forma geral, são esses desafios.

Questão 6 – Como você desenvolve trabalhos com esses pacientes?

Como que a gente lida com isso? Primeiro com a experiência clínica e com os estudos que a gente tem que estudar, praticamente sempre, para poder atendê-los e com experiência é a primeira coisa, o segundo, com a característica de cada um desse paciente, e com a característica desse paciente eu sei que se eu fizer isso ele vai parar. Por exemplo, a gente sair do ambiente, a gente vai em outro ambiente. A gente faz algo que ele gosta, um

hiperfoco, o negócio de carro, então por exemplo ele gosta muito de roda de carro, então quando ele faz isso, eu vou lá e pego as rodas e faz um outro jogo ali naquele momento. Então a gente acaba tirando aquele foco e utiliza um hiperfoco dele para poder fazer com que ele se reorganize novamente.

Questão 7 – Como é feita a avaliação das necessidades e das habilidades específicas dos alunos de grau 1?

Bom, a avaliação clínica é feita assim, a gente faz até 10 seções, dependendo como eu digo, cada caso é um caso, mas a gente faz até 10 seções. Essa avaliação, como é que funciona? A primeira seção é uma entrevista com a família para saber quais são as dificuldades daquele paciente, a gente já sabe que ele é autista, porque muitas vezes a gente não sabe e muitas vezes a gente sabe porque às vezes já vem de outro psicopedagogo, já teve laudo do neurologista, então a gente parte do princípio, né? se a família não sabe, ela vai começar a falar, olha, ele tem dificuldade social, ele tem seletividade alimentar, ele caminha nas pontas dos pés, então a gente vai mais ou menos direcionando a nossa avaliação conforme as características, né? Porque a gente utiliza esse manual, que é chamado DSM-5, de transtornos mentais e ele tem todos os transtornos, inclusive o autismo, né? Como a gente acaba percebendo? Lendo através dele as características. Então a gente já sabe pela prática clínica, quando na anamnese, quando o pai fala ou a mãe, a gente já sabe mais ou menos pra que lado a gente vai. Se ele já vem com o laudo médico de qualquer forma a gente avalia. Mas se ele não vêm, a gente tem que partir do zero, né? Como é que a gente faz isso? A primeira sessão é anamnese e depois que a gente começa a usar os protocolos. E que a gente chama aqui que tem escores, né? Quais são eles? São vários. A gente usa muitos, quando a gente faz de autismo.

São protocolos específicos para autismo pela idade. Então assim eu não posso utilizar um protocolo de autismo de uma criança que tem 6 anos para uma que tem 10, né? Porque as habilidades delas são diferente, é por faixa etária e por nível. Então, por exemplo, eu utilizo esse aqui que é um protocolo de uma escala que a gente utiliza, são perguntas feitas para a família porque muitas vezes o autista nem fala, até então a gente não sabe se é nível 1, nível

2 ou nível 3? Então a gente precisa Utilizar essa escala. Depois que a gente utiliza que a gente descobre se é o nível 1, 2 e 3. Depois que utiliza ela, porque ela está bem certinha, tu coloca no computador, tu joga os dados ali, ele monta tudo pra ti, com gráfico, com tudo no nível um, porque a gente utilizava antigamente, leve, médio e severo, né? Hoje não é mais assim, né? A gente fala nível 2 e 3, não é? Depois disso que a gente faz toda essa avaliação a gente faz com a criança, faz momentos com a criança de jogos. A gente tem que fazer muitos cursos também pra avaliar, porque dentro do curso, eles não ensinam isso, pra gente fazer precisa de muito curso de formação. E são inúmeros para poder usar as escalas, escalas são pagas e a gente compra esses escalas e são vitalícios, a gente compra e vai só imprimindo, não pode pegar da internet. É todo um protocolo. Ao final dessa avaliação, como psicopedagogo clínico não dá diagnóstico, dá uma hipótese de diagnóstico, né? Porque muita gente não sabe, mas a psicopedagogia da área da saúde, da educação, muitos ainda não aceitam convênio, porque não tem esse conhecimento que é da área da saúde, né? Mas já está em discussão, né? Porque como a psicopedagogia também ainda não é uma área considerada da saúde, então a gente ainda não tem esse respaldo ainda da saúde, mas a gente dá uma hipótese de diagnóstico, após a hipótese diagnóstico a gente entrega esse documento pra família, e ela leva pro neurologista e o neurologista vai confirmar a nossa hipótese e aí sim a gente começa uma intervenção. É basicamente assim que é feita avaliação, cada sessão é de 50 minutos a gente pode passar um pouquinho mais. Menos nunca, né? Mas pode ser de 50 min até 1 hora. A gente trabalha de forma multidisciplinar, nas duas clínicas, temos nutricionista, temos psicóloga, e tem algumas avaliações que só o psicólogo pode fazer, que o psicopedagogo não pode, é restrito, nós temos TO's, que o TO também é muito importante na questão alimentar, né? Na questão da postura o Psicomotricista, então é um trabalho multidisciplinar.

Questão 8 – Como Você planeja seus planos de intervenção individualizados para atender às necessidades educacionais dos alunos autistas de grau 1?

Vamos falar um pouco do institucional pra fazer um parâmetro, né? Quando tu atende o aluno, né? Que no institucional a gente chama de aluno, né? Como que eu vou atender aquele aluno lá que é autista e a família me diz olha, ele tem autismo, né? Aí como no institucional, ele já veio com o laudo, é diferente. A gente não pode avaliar porque ela não é clínica, né? Então eu tenho que ir pelo laudo médico. Como assim? Esse aluno, eu preciso fazer uma anamnese com ele, de qualquer forma. A única coisa que a gente faz é uma anamnese que aí vou observar porque é uma prática clínica mesmo, sabe? De experiência. Bom, ele não olha no olho. Ele tem dificuldade Social como é que eu vou montar essa intervenção, né? Bom, o professor vai me dizer assim: olha, ele não gosta de barulho. Então Como é que a gente faz? A gente faz essa intervenção tanto no institucional quanto na clínica, conforme as necessidades, por isso que no Institucional a gente faz o PEI. Dentro do IF, eu fazia o PEI. O plano educacional individualizado para cada aluno e cada paciente, porque nem todos os autistas têm as mesmas características. Tem problema com barulho, outros tem problema com a questão da alimentação, que também interfere. Porque você está dentro do ambiente escolar isso vai interferir, porque vai incomodar.

Talvez ele não vá, porque ele vai se incomodar na hora do lanche ou da socialização na hora do recreio, porque a gente faz a intervenção escolar e a intervenção clínica, como assim? Por exemplo, é, eu tenho paciente que tem problemas sociais, né? Na clínica que eu trabalho, uma delas, eu estou buscando ajudá-lo nesse sentido, como assim na hora que ele chega, a gente acaba intervindo no momento que chega na clínica, já ele senta para esperar no sofá da clínica e a gente começa já intervir ali, né? Chega um outro paciente aí eu vou observando, se ele consegue socializar, conversar, a gente vai fazendo a intervenção, né? olha vamos fazer um trabalho às vezes, o paciente que se atrasou para ir embora e o outro já começou, e aí naqueles dez minutinhos eu faço eles interagirem um pouco. Quer dizer, uma atividade juntas naquele momento que está esperando isso é uma forma de intervenção, né? Porque ele tem uma questão de déficit de socialização, claro que com respeito pelo paciente, né? Se ele começar a se desorganizar a gente tem que parar.

Por exemplo uma outra questão se ele tem problema com barulho né? Dentro da escola, a gente pede para os pais comprarem aqueles protetores auriculares, né?

Hiperfoco, Como que na intervenção a gente utiliza o hiperfoco dele, né? Como assim? Ele tem dificuldade na escola, em matemática o pai diz para mim, o que que eu faço? Ele gosta de roda de carro, a gente pega um monte de roda de carro, eu faço cálculos com roda de carro. Então a gente utiliza o hiperfoco deles para fazer uma intervenção, para que não fique chato para eles, eles saem daquele ambiente que se desorganizaram com barulho, porque eles vão focar naquela habilidade, né? Até porque, de forma geral, não quer dizer que seja para todos, né? Sempre tem uma comorbidade, né? Autismo tem comorbidade, muitas vezes um TDAH, junto uma dislexia, então a gente precisa observar isso para poder avaliar. Por exemplo, a criança às vezes eu vou até o adulto e ele tem autismo e ele tem a postura de escrita, não é? Então o psicopedagogo faz essas atividades dentro consultório, utilizando o hiperfoco dele, mas aí, por isso que a gente tem que avaliar para intervir, porque daí eu sei que ele é autista mas já não sei qual é a comorbidade. Quero e preciso avaliar. Ah ele é muito agitado, ele têm déficit de atenção, então é a partir daí que a gente monta a intervenção. A partir da análise clínica, né? da avaliação que a gente consegue montar a intervenção. E eu, particularmente gosto de 3 em 3 meses reavaliar, não utilizando todos os protocolos, mas, por exemplo, eu faço uma avaliação e eu coloco que ele tem dificuldade social, ele caminha na ponta dos pés, enfim, ele tem dificuldade alimentar, aí a gente vai colocando tudo ali e eu começo a avaliar aquelas habilidades, fazendo a sua intervenção através dos déficits, né? E daí em 3 meses eu reavalio e falo para a família, olha ele melhorou nisso, então, é uma coisa particular minha. Eu posso fazer assim, mostrar para família aí a importância de uma intervenção.

Questão 9 – Como ocorre a colaboração com outros profissionais, professores, terapeutas e pais, para apoiar os alunos autistas de grau 1?

É, eu trabalho em duas clínicas. Cada uma opera de um jeito, com profissionais diferentes, porém, de forma geral, é parecido. É que eu gosto de trabalhar sempre de um jeito que eu achei por bem nesses anos, e funcionou. Primeiramente, quando um neurologista encaminha, começa assim o neurologista encaminha para o psicopedagogo, então vamos supor, encaminhou para mim, o que eu vou fazer com essa avaliação? A partir dessa avaliação, como eu não posso fazer alguns testes psicológicos, né? Eu passo para um outro profissional que trabalha comigo na clínica. Olha, eu gostaria que fizesse o WISC, né? Porque eu acho que tem um problema aqui no QI, como é que tá, então ele faz assim essas avaliações. Se ele disser que aquele paciente não tem só problema na questão na psicopedagogia e na psicologia e a gente percebe que ele precisa de algo mais, aí precisa bater uma fono, e está com problema na fala e então a gente encaminha pra fono também, então dependendo do caso, caminha muito na ponta dos pés, cai muito, já tinha manda pro psicomotricista, então é assim que acontece, né?

E dentro da escola e com os pais, como é que funciona a prática clínica, também é uma dificuldade, porque muitas escolas não aceitam, não entendem. Não sei se por falta de profissionais acredito eu, por falta de monitores? Porque eu até agora um pouco eu tive um caso assim, anteontem, segunda-feira, eu fui em uma escola, né? particular, inclusive, maioria dos nossos pacientes são de escola particular pela questão do poder aquisitivo mesmo, né? Que a gente sabe que é complicado para as famílias que não têm condições, às vezes de colocar em uma clínica particular, mas também atendo pacientes de escolas públicas, mas é a minoria. Como esse paciente tem um laudo, meu, um laudo médico e o laudo psicológico, a escola disse que não tem monitora, não tem como auxiliar essa criança. E eu fui com a lei federal, tem uma lei federal que protege os autistas, TDAH, a lei de TDAH é pouco tempo, é importante a gente levar as leis. Mas, pra tu ver como a gente tem que saber das leis, é o conjunto a gente saber das leis. E acabei não debatendo tanto o caso do paciente, mas sim a lei, porque a escola, foi até uma escola que negou um outro paciente meu, não aceitou esse paciente. Também é uma grande dificuldade. Como que ficou a versão da escola? Isso acontece bastante. Em não apoiar um psicopedagogo muitas vezes e também outra coisa que acontece com

frequência é da gente escrever um laudo, meus laudos tem em média de 12 a 15 páginas, que eu coloco bem detalhado, mas bem detalhado, e no final eu coloco orientações para escola, muitas vezes eles nem leem. Tem essa dificuldade, daí tu leu o que eu coloquei? são orientações específicas para aquele paciente. E aquele paciente autista, ele tem essas dificuldades, então quem sabe tu faz assim. É mais ou menos isso que eu coloco no final e não utilizam, né? A gente sabe que tem falta de verbas, né, das escolas, falta de profissionais, sabe, teve um corte, e grande agora na questão municipal, né? Mas é lei, né? Então é uma dificuldade que a gente tem, né? bem grande.

Tu Perguntou como que funciona o trabalho multidisciplinar? A escola faz parte do trabalho multidisciplinar, mas a gente tem essa dificuldade, não é com todas as escolas, mas acontece bastante também. Então a gente acaba ficando um pouco solitário nesse trabalho, né? Porque a gente solicita para escola utilizar certas coisas e acaba que ele não faz lá e faz só com a gente no consultório, isso faz com que não tenha eficácia.

Questão 10 – Quais recursos e materiais você costuma utilizar para auxiliar o desenvolvimento dos alunos autistas de grau 1 em sua clínica?

A gente utiliza muitos jogos, tá? A gente utiliza bastante jogos, né? E dependendo da habilidade de cada um. Por exemplo. Temos paciente autistas, vou dar exemplos, é bom a gente dar exemplos, que daí fica mais fácil de visualizar, cada um, cada caso é um caso, né? Esse paciente, ele tem dificuldade na concentração também, ele não concentra. E a gente tem que trabalhar as funções executivas, né? Atenção seletiva, atenção compartilhada. Ele tem dificuldade de atenção o que a gente faz, a gente trabalha, quebra-cabeças, né? Porque daí a gente vai trabalhar. E como é que a gente trabalhar? A gente trabalha as questões pedagógicas e essas questões também do transtorno. Por exemplo, ele tem TDAH com autismo, então, tem uma dificuldade de atenção, então vou trabalhar num jogo de atenção, vou trabalhar as funções executivas.

Então são muitos jogos, muitos protocolos de formação que a gente compra a gente precisa estar sempre fazendo formação continuada, então a

gente compra protocolos específicos, que é geral para funções executivas, porque, por exemplo, esse autista, ele tem dificuldade nas funções executivas e o que são funções executivas? É quando eu penso e executo aí que acontece nesse mesmo meio tempo, eu tenho um controle inibitório. Eu não consigo fazer aquilo, então eu me travo de fazer, e muitos tem essa dificuldade, então são protocolos específicos para controle inibitório. Funções executivas são específicas para aquele paciente. O autista, que tem essa dificuldade Junto com TDAH com esse transtorno, a gente trabalha, é mais ou menos assim que é muita coisa, né? Não daria para descrever tudo aqui. São protocolos, né, que a gente compra, que estão restritos a psicólogos, que são folhinha que eles fazem, atividades, são com jogos, a gente utiliza muito jogo muito, muito, cada um com uma habilidade. Então dependendo da avaliação é um jogo que a gente vai utilizar, é um instrumento, a gente não fala jogo, porque infelizmente as pessoas acham que psicopedagogia e psicólogo, também só fica jogando no consultório. E não é assim, a gente usa cada instrumento específico para cada habilidade, então às vezes a gente constrói também alguns. São Vários, são inúmeros instrumentos que a gente utiliza. Né? Entre quebra-cabeça, por exemplo, soletrar, se ele tem dificuldade na escrita, na leitura de fazer jogos para soletrar. A gente, até então, olhando ali atrás, estou falando contigo, então, enfim, dependendo da habilidade que a gente precisa trabalhar, porque eu tive um paciente que a mãe já, ele já fazia muito tempo intervenção com outros psicopedagogos, e foi trocando, e é uma coisa que não é bom, porque eles se apegam. Eles gostam de rotina, o autista, ele tem essa dificuldade de troca de rotina, né? E aí, quando ela trocou pra mim, né, a gente ficou uns 2 anos juntos, né? Depois, ela parou por falta de questão financeira mesmo. Ela me disse, olha, não quero que fique fazendo coisinha de pareamento, porque isso ele já sabe.

Então essa, justamente essa dificuldade que a gente tem com as famílias, eu não quero, mas a gente tem que perceber a gente conversar no início que eu não conhecia, é que nem uma criança ler, né? Tu começa do início e tu vai avançando com ele. A gente faz muito pareamento, é de cores. Enfim, poucos pacientes também, dependendo das habilidades precisam trabalhar de forma geral dos meus pacientes, eu digo meus, porque são

inúmeros. Eles tem muita habilidade na questão de montar Legos, quebra-cabeças que são muito rápidos, a maioria dos meus pacientes e com isso eu já sei que não preciso fazer, porque é algo que não vai prender a atenção, e já constou que já sabem, que eles tem uma inteligência. Algo assim ó. às vezes a gente precisa trabalhar a leitura e a escrita, né? Porque eles são disléxicos também. Então a gente usa protocolos de dislexia, trabalha leitura com eles que é importante também de trabalhar a leitura. Então dependendo de cada caso a gente trabalha com um trabalho específico né? Mas sempre usando instrumentos de escrita e também de jogos, né?

Então também porque a minha intervenção, ela tem 3 momentos de intervenção que é o início que a gente conversa um pouquinho, né? Para saber como é que foi o dia da criança, do paciente, porque se não fica chato, a gente já chega fazendo atividade, né? depois é o segundo momento, eu escolho uma atividade mais pedagógica, dependendo do caso, não é e depois a gente vai trabalhar intervindo naquela questão lá do déficit dele lá da avaliação, mas não vai ter dificuldade e seletividade alimentar. A gente trabalha até leva também para o consultório alimentos e começa a testar e ver o que a gente pode melhorar, né? De forma, então basicamente são três momentos, sempre os instrumentos interventivos, de forma a sanar as dificuldades que eles têm.

Questão 11 – Já houve comportamentos desafiadores ou crises que surgiram durante o seu atendimento com alunos? Como você conduziu a situação?

Sim, já teve. Várias vezes meu primeiro paciente, quando eu abri a clínica, foi autista e foi um desafio, porque eu ganhei de presente um autista, né? Eu nunca pensei em trabalhar com autismo, não foi algo que eu pensei. Quando eu comecei a trabalhar na clínica. Porque quando a gente faz o curso a gente pensa que legal, sou psicopedagoga e agora, né? A gente faz um monte de outros cursos para poder avaliar. Mas tu não tem muita noção de como lidar com essas situações de manejo da clínica mesmo. Uma coisa que me ajudou muito. É como eu te falei, foi esse manual aqui, porque aqui ele fala tudo de forma geral, porque fala em cada tipo de transtorno. Então o DSM 5 eu comecei a estudar muito sobre. E quando aconteceu a primeira vez lá atrás, o

paciente tentou furar o meu olho, com lápis. Nós estávamos de frente um do outro. A gente fazendo Uma atividade, se eu não me engano, escrito porque ele tinha muita dificuldade na escrita, então a mãe me solicitou. A gente faz avaliação, realmente precisava e utilizando jogos e naquele momento ele pegou lápis e tentou furar meu olho, né? E eu não estava esperando porque era o primeiro paciente. Não tinha experiência em né? Naquele momento, vamos falar quando eu não tinha experiência, depois com a experiência. Naquele momento eu fiquei pensando, o que que eu faço agora? Porque foi uma situação primeiro paciente autista, né? Não sei o que fazer, eu pensei na hora. A minha atitude no momento foi ficar em silêncio. Observando ele? E conversei com ele, né? Porque como ela era de grau um. Um pouco mais calmo, mais tranquilo. Eu conversei com ele e perguntei porque ele também tinha se desorganizado e estava balançando na cadeira, quase caiu da cadeira nesse momento. Porque ele ficou nervoso quando eu fiquei em silêncio e fiquei olhando para ele, e não gostou do meu olhar e eu também não tinha muita experiência naquela época, e eu fiquei olhando pra ele e esperando uma resposta dele naquele momento. Mas esperando, né? Quer dizer, ele vai fazer alguma coisa e analisando realmente porque a clínica no desafio essa é análise, né? Como que eu vou lidar com esse paciente, e aí eu percebi que ele pediu desculpa, passou assim uns minutos, e ele me disse me desculpa. E aí eu comecei a entender como ele funcionava. Por isso que eu digo é uma prática clínica mesmo, é. Consegue lidar observando, tu estuda nos livros, mas é a Observação, e eu entendi que ele funcionava assim. o que eu comecei a fazer, comecei a deixar ele sem os lápis, era só na hora de utilizar, aí eu comecei a ficar longe dele e comecei a ficar com um pouco de medo, né? Naquele momento que no primeiro paciente, a gente bem sincero, porque a gente no início, a gente se assusta, tem medo, não está acostumado, né? mas eu me apaixonei por Ele, foi ele que fez esse quadro que eu te mostrei, foi meu primeiro. Eu guardo para sempre, né? Porque ele era um querido e a gente começou a criar um laço. Outra coisa que ele fazia muito. Então eu estou falando dele, você vai a primeira experiência ali, que foi com ele que eu aprendi tudo de autismo, de pacientes autistas. Ele não queria ir no banheiro sozinho. É um desafio muito grande. Ele já tinha 12 anos. E eu não podia entrar no banheiro com ele porque é ética, sim, ele tinha medo. Foi uma intervenção

também que eu fiz. Entende de começar a dar uma autonomia para ele, porque a mãe dizia que eu quero que ele tenha autonomia ele tem 12 anos, então era uma intervenção, até mesmo o ir ao banheiro era uma intervenção. Porque todo o nosso trabalho é pensado em todos os momentos. Se ele quiser no banheiro, se ele quiser tomar uma água, como é que eu vou fazer? E ele gritava que ele queria que eu entrasse com ele e eu explicava pra ele que eu não podia entrar no banheiro com ele. Que eu ia ficar na porta? Ele podia deixar a porta aberta porque não tinha ninguém passando era no andar de cima. Que eu ia ficar do lado de fora. Isso foram muitos meses assim, até ele entender. Ele gritava muito, e a mãe lá embaixo, eu dizia deixa, fica tranquila que eu vou conseguir lidar com ele não precisa vir, porque se a mãe vem ele já se desorganizar, e aí já sai fora.

Esse foi o desafio bem grande e o segundo desafio grande foi uma menina. Por isso que eu fiz pedagogia que eu não tinha habilidades com crianças menores, ela tinha 4 anos e aí eu decidi que eu ia atender só de 5, 6 anos para cima, né? Ela batia e mordia. Uma vez ela mordeu meu braço, com muita vontade. Ela não largava, e porque isso aconteceu? Porque a mãe estava junto, ficou nervosa, eu combinei com a mãe o seguinte, foi uma forma de como eu vou lidar com isso assim, mãe, deixa ela comigo e sai, porque se tu ficar junto, ela vai querer fazer, porque ela não fazia quando estava Eu e Ela. Mas quando a mãe estava junto ela fazia. Então eu comecei a entender como lidar com ela, né? Nós duas juntas, ela não era agressiva, ela não batia, mas nesse dia realmente ela deu um tapa no rosto da mãe com muita força e me mordeu, mas mordeu com muita vontade de não largar. E o que que eu fiz em relação a isso? Naquele momento, eu só pude deixar, não tinha que fazer, eu não tinha como tirar porque eu ia machucar ela, então eu tive que deixar. Ela me mordeu e ficou doendo bastante, eu fiquei dias muito roxa, doendo bastante meu braço. Só que aí eu conversei com família de novo. Não é questão da família, de que por que que isso aconteceu? Porque a mãe prometeu para ela, que iria dar um sorvete para ela. Depois da sessão. Daí combinei com a mãe, não promete nada. Faz depois que eu sair, porque ela vai querer sorvete antes e ela vai se desorganizar, que foi o que aconteceu. E não vai querer ficar, e aí ela se jogava no chão e a mãe muito preocupada. Tu tens

que confiar, deixa comigo que ela vai fazer as atividades. Ela realmente fazia, então aí era um desafio com a família também, né?

Então, foram inúmeros desafios. No IF também já apanhei, entre aspas, assim de alunos, maiores do que eu, inclusive de 16 anos, mas maior. Tapas, enfim, e o que a gente faz nesse momento? Se retira dali, tu não pode enfrentar aquele paciente, aquele aluno, né? Tu tenta deixar e se acalmar, porque ele está desorganizado e no momento que ele começar a se organizar novamente. Tu utiliza algo que ele gosta, foco dele, conversa com ele, deixa passar um pouco, né? E conversa com ele, sobre que machuca, que eles entendem, eles só se desorganizam. Parece que eles não estão entendendo, mas eles entendem. Só que naquele momento tu não pode fazer muita coisa. E, por exemplo, na escola, eles gritam tanto que assuntam os outros alunos, e eles também. Já apanharam de outros alunos. Então, é mais ou menos isso. São inúmeros casos.

Questão 12 – Quais são os principais benefícios da intervenção psicopedagógica para alunos autistas de grau 1?

A primeira coisa é a questão social. É muito importante a gente se conhecer para gente poder lidar com isso, né? Tanto a família lidar com eles quanto eles mesmos com eles, né? Então a intervenção é muito importante para isso, porque no momento que eles estão indo ao consultório, eles começam a perceber que precisam de uma ajuda, né? Então primeiro ponto é esse. E tem vários outros pontos, né? A questão social, a questão de regras, porque eles não conseguem mudar de rotina, então a gente acaba ajudando muito eles nesse sentido, né?

A família fazendo psicoeducação com a família, né, explicando, olha, procura ter rotina, né? Com ele, com ela, né? Porque isso desorganiza. Então, é importante também na questão das rotinas, a interação social, né? Como eu disse na escola, né? A questão da socialização, porque, por exemplo, esse paciente precisa de socialização. Os professores vão tirar ele da sala quando ele se desorganiza, então isso é um ponto positivo, né? Não vais expor aquele aluno aos outros ali daquela forma. Então é muito importante uma intervenção

por isso, porque primeiro que traz esclarecimento para a família e segundo, o que eles conseguem lidar com algumas situações, né?

A questão das estereotipias também a gente ajuda bastante, né? Algumas atividades, né? Conversando bastante também, né? A questão também dos barulhos, né? A gente sabendo, intervindo com a família do consultório, mais consegue entender por que que ele não gosta de barulho. Então lá na escola tira quando tem muito barulho. Por exemplo lá no IF à nossa sala era do lado de uma aula de música, então quando eu tinha que atender os alunos autistas, eles se desorganizavam porque é muito barulho, eles não gostam, então? Então a gente intervindo nesse sentido, porque tudo é adaptação. Então não é? Então vamos tirar ele aqui para colocar em outra sala, né? Então é por isso a importância de uma intervenção, né? Trabalhar também o hiperfoco deles é importante porque, por exemplo, né? Eu estou falando de escola e clínica porque uma coisa não está separada da outra, né? Porque a maioria deles eles estão em idade escolar Né? Por exemplo, quando a gente vai na escola, a gente intervém dessa forma para falar com os professores, coordenadores ele tem performance em roda de carro, eu te falei, né? Um dinossauro. Então vamos fazer a prova e voltado a isso, né? Vamos colocar ali questões figuras que tem rodas de carro que tem um dinossauro. Entende. Então essa é a importância da intervenção.

Com os professores na escola, que também é uma forma de intervenção. São muitas coisas, né? Isso é eles são muito literais, né? Então a gente ajuda eles nesse sentido, né? Eles entendendo isso também, por exemplo, muitas vezes nas escolas eles não sabem que aquele aluno autista. Isso acontece muito. Eles não tem laudo, então no momento que há a intervenção o pessoal fica sabendo porque a gente vai na escola, é isso. Eu não falei até esqueci de te falar que dentro da minha intervenção eu vou na escola sempre que necessário e procuro ir de 2 em 2 meses para ver como é que está. Isso é uma parte da intervenção, que é muito importante. Eles são muito literais, por exemplo. Vou te dar um exemplo de um paciente que eu amo que eu te falei, eu falei um dia assim na clínica: Ah, eu vou sair voando agora que eu estou com pressa, ele me disse você tem asas. Então eles são muito literais, porque eu falei que ia sair voando. Falei com o colega, né? Então eles

são muito literais, então a intervenção também serve pra isso, a gente vai trabalhar no consultório coisas mais literais, né? Pra aqueles que sejam mais direto, não é? E auxiliar os professores também fazer provas mais diretas, perguntas mais diretas não tão subjetivas né? E como eu falei também ele, muitos deles tem comorbidades. Né? Uma atenção compartilhada TDAH, uma atenção seletiva, enfim, e a gente trabalha também essas questões do consultório a questão da atenção, então são protocolos diferentes do autismo, né? Porque cada habilidade são protocolos diferentes. Então são inúmeras intervenções. Ela tem inúmeros benefícios,

Questão 13 – Você poderia compartilhar, sem citar nomes, um exemplo de sucesso de um paciente autista de grau 1 com quem você trabalhou e como a intervenção psicopedagógica foi benéfica para ele?

Sim. Tem um que começou comigo com 8 anos e até a adolescência ele ficou comigo. Por questões financeiras a família acabou que tinha que escolher, pagava neurologista, enfim, muita coisa, então a família naquele momento não teve como continuar. Mas comecei desde o início com ele, assim, desde pequeno, ele era uma criança que não falava muito, me olhava muito no olho, né? Era mais reservado. E até a gente tem um vínculo afetivo, porque o meu trabalho na época da pós-graduação e da psicopedagogia, foi a relação da afetividade com aprendizagem, né? Que a psicopedagogia nada mais é que a terapia da aprendizagem, né? E eu comecei a tentar criar esse vínculo afetivo. Com ele? Pra poder auxiliar mais, porque eu sentia que ele ficava muito arredo no consultório, assim, eu não consegui entender porque aquilo acontecia. Então aos pouquinhos eu fui ganhando a confiança dele. Ele não olhava muito no olho, não falava, quase comigo, ele não queria fazer as atividades, na escola tinha muita dificuldade, não fazia as atividades. Eu tinha que ir na escola muitas vezes e aos pouquinhos eu fui ganhando a confiança dele e a rotina também do consultório, que eles também tem essa questão da rotina, porque a mãe era uma mãe que levava sempre. E não era uma mãe que não levava, ela não atrasava. Ela buscava no horário, ela tinha aquela rotina. Ele começou a melhorar muito nas atividades, tirar notas ótimas, porque ele estava já em idade escolar. As notas na escola melhoraram muito, assim foi um Salto, sabe? Mas levou um tempo pra isso acontecer. Porque no primeiro momento assim a

gente tem uma dificuldade, porque não conhece eles, eles não nos conhecem, a gente também não conhece. Então não é só a questão do autismo, é questão pessoal mesmo, né? De não conhecer aquela pessoa aquele indivíduo, né? Não saber como funcionar e aí comecei a achar coisas que ele gostava. Por exemplo, eu gosto de pintar as unhas, eu pintava cada vez de uma cor, e chamava a atenção dele e ele gostava. Hoje está tal cor, e ele ficava ali, que era muito de analisar, ele era muito detalhista. Aí é bem colorida, e eu ia com roupas bem coloridas no dia que eu ia atender ele, e aí meu cabelo estava amarelo e preto, como está agora? Eu dizia meu cabelo está amarelo e preto e assim, ele gostava das duas cores, né? E eu comecei a utilizar isso também para trabalhar com ele. Utilizava das cores das minhas unhas para ajudar ele, para ele ficar feliz e gostar de ter um assunto além do consultório. E começou a funcionar, começou a funcionar e com ele eu usava outras habilidades. Assim, por exemplo, ele tinha dificuldade de Geografia. Eu comprei quebra cabeças de geografia, pra fazer com ele. E ele é muito bom em quebra-cabeças, era muito bom, mas ele não era bom naquela área então, como ele já estava lá no terceiro ano, ele já estava aprendendo algumas coisas de Geografia, sei lá, não lembro agora era importante a gente trabalhar alguma coisa de conteúdo. Não fazer, porque a gente não faz as atividades da aula no consultório e sim auxilia o professor. Com habilidade, né? Ele melhorou e a mãe dizia ele está muito melhor, está tirando notas ótimas. Ele começou a dar um Salto, não precisava nem de monitor. Foi um salto muito grande, aquele especificamente foi, mas isso porque? porque ele tinha o apoio da família, se não tem o apoio da família, não funciona, isso assim é pra mim, é primordial o apoio da família. Não há a negação da família, porque quando há a negação e ao contrário quando acontece. Eu atualmente eu tenho paciente com outro transtorno que não é autismo. E eu vou na escola, escola me diz exatamente o que eu percebo no consultório e a mãe não enxerga. E aí se torna difícil, porque eu fiz tudo para ela. Eu faço, psicoeducação. Inclusive é uma coisa interessante, que eu chamo a família assim, de ver assim, eu faço seções, de chamar a mãe. Hoje a gente chama psíquicoeducação para explicar, olha essas habilidades aqui a gente tem que melhorar, vamos tentar isso. E eles não fazem, né? Então acaba que não temos sucesso. Muitas vezes na

intervenção por esse motivo porque a família tem que também nos auxiliar, né? Vou parar.

Apêndice 7 - Entrevista com Psicopedagoga na Escola

1. Como foi a sua formação?
2. Qual a sua experiência profissional como psicopedagoga?
3. Em poucas palavras, o que é o autismo de grau 1 e quais são suas principais características?
4. Você atende muitos alunos de grau 1? Quais desafios são enfrentados com esses alunos e como é sua abordagem?
5. Como é feita a avaliação das necessidades e das habilidades específicas dos alunos autistas de grau 1?
6. Como você planeja os seus planos de intervenção individualizados para atender às necessidades educacionais dos alunos autistas de grau 1?
7. Como ocorre a colaboração com outros profissionais, professores, terapeutas e pais, para apoiar os alunos autistas de grau 1?
8. Quais recursos e materiais você costuma utilizar para auxiliar o desenvolvimento dos alunos autistas de grau 1 na escola?
9. Já houve comportamentos desafiadores ou crises que surgiram durante o seu atendimento com alunos? Como você conduziu a situação?
10. Quais são os principais benefícios da intervenção psicopedagógica para alunos autistas de grau 1?
11. Como é feita a inclusão e a interação social dos alunos autistas de grau 1 na escola?

Apêndice 8 - Transcrição da Entrevista com a Psicopedagoga da Escola

1. Como foi a sua formação?

Bom eu tenho magistério, fiz a pedagogia e aí entrei no concurso pra área da educação. Aí surgiu a oportunidade de fazer um concurso pro estado na área da educação especial, na época era deficiência intelectual, nem existia educação especial. Era deficiência, aí eu fiz o concurso pra essa área e aí eu

tinha feito uma formação na área da educação especial que era um curso de capacitação na época que tu poderia trabalhar com qualquer deficiência então era 360 horas no mínimo e tu poderia trabalhar e aí eu comecei com a classe especial na época então eu tinha 16 alunos entre eles deficiência intelectual, deficiência auditiva, o autismo e até algumas deficiências que a gente não sabia nem classificar na época, então a minha formação foi voltada então pra uma área de educação especial e depois conforme eu entrei no concurso eu fui buscando. Aí eu fui fazendo o curso de AEE, aí eu fui fazendo o curso de autismo, cada deficiência que vinha especificada com uma formação ia fazendo, até porque na época eu tinha todas as deficiências aí depois eu fui me dedicando mais ao AEE, até então era classe especial, aí depois eu tinha sala de recurso, o que é sala de recurso aí fui indo, então eu tenho vários cursos eu voltados pra área da educação especial. Eu tenho AEE, o que é atendimento educacional individualizado, então o aluno está na sala regular quando o aluno ele chega na escola já com o laudo uma coisa assim ele já automaticamente ele vem pra sala de recursos, então a família é chamada não é um trabalho obrigatório, mas a gente oferece, e caso tenha algum aluno que o professor suspeite, por exemplo lá nas séries iniciais, quando eles chegam suspeitos de que a família então não tem, então se faz todo o encaminhamento e ele passa a ser aluno da sala de recurso.

2. Qual a sua experiência profissional como psicopedagogo Escolar?

Tenho vários alunos autistas, tanto no estado quando no município. Também tenho município e também a sala de recursos, então aqui na nossa escola eu atendo 4 alunos autistas. Temos mais alunos que a sala de recurso atende. Então a gente tem um aluno que vai se formar agora, está no terceiro ano do médio. Temos alunos muitos do médio, né? Eu atendo mais os do médio, mas temos alunos no ensino fundamental também com autismo. Temos 2 de grau 1.

3. Em poucas palavras o que é o autismo de grau 1 e quais são suas principais características?

Pensando no nosso aluno aqui de grau um é aquele autista que ele tem dificuldade na interação, mas ele tem um bom cognitivo, é preservado. Ele consegue acompanhar, tanto a parte de aprendizagem como as, vamos se dizer assim: Apesar das interações ele consegue fazer o seu trabalho, seguir a rotina da escola, mas tem algumas limitações, principalmente nas questões de interação. Ele funciona super bem, mas na interação ainda tem alguma coisa.

4. Você atende muitos alunos de grau 1? Que desafios são enfrentados com esses alunos? Como tu faz essa abordagem?

O que a gente percebe, assim, os desafios são na sala de aula, por exemplo, os desafios que a gente encontra, então aqui enquanto sala de recurso. Os alunos vem para cá, eu faço um atendimento quase individualizado, então, às vezes em dupla, grupos é mais tranquilo, porque aí a dinâmica porque aqui, é um ambiente diferente. Quando eles estão na sala de aula, que aí entra a questão do conteúdo, particularmente na química, na física, na matemática, para eles, a questão é mais difícil, porque o autista ele precisa muito do concreto, então às vezes a disciplina não propõe algumas situações. A função do dia a dia do Professor. O professor faz o planejamento, mesmo que ele pense naquele aluno fazendo aquela adaptação, às vezes é complicado. Porque a gente sabe que o professor, ele tem quinhentas demandas. Então, assim, a questão maior, os desafios que eu encontro e a questão de adaptação curricular, porque quem faz é a adaptação é o professor regular, a gente, até auxilia, mas o professor da sala de recurso ele não domina o conteúdo das disciplinas. Então, para mim, esses são os maiores desafios, da própria sala de aula.

5. Quais características são enfrentadas com esses alunos?

Geralmente assim, como eu atendo mais os do médio eles já chegam com laudo, eles já passaram por todo o processo, mas há casos assim, aqueles que entram para a escola, a família não fala nada, porque às vezes a família tem muita negação, aí o professor, primeiro quem identifica é o professor da sala regular dos anos iniciais, o que é muito bom, porque eles estão dia a dia ali com o professor, não é? Aí esse professor, ele percebe alguma coisa, aí ele passa pro orientador, aí o orientador chama a família pergunta alguma coisa e faz um processo investigativo e encaminha e depois quando esse aluno tem um laudo, ele vem pra mim. Só o que a gente faz, a gente tem uma parceria. O professor chega, ele pede uma observação e aí eu vou na sala de aula, eu observo aquele aluno lá, eu observo na sala de aula, eu vou no recreio, eu trago ele pra cá, aí ali eu faço várias intervenções que também auxiliam, né? Olha, bom esse caso, não acho que é só uma dificuldade ali na aprendizagem, alguma coisa mais deficiência do meio que a gente sabe que tem um monte então a gente faz isso, e agora aqui na escola eles chegam já com laudo.

6. Como você planeja os seus planos de intervenção individualizados para atender às necessidades educacionais dos alunos autistas de grau 1?

Então a gente faz o plano do AEE a partir das observações, a gente faz primeiro entrevista com as famílias, anamnese, investiga toda o histórico do aluno, independente se ele chega no médio ou não, a gente conversa com essa família. Essa família vem, a gente faz toda uma pesquisa, um levantamento. Geralmente você entra em contato com a outra escola para ver, né? Como que é feita com esse aluno, como que era as intervenções. E aí, a partir daí a gente pensa nas possibilidades para trabalhar com esse aluno. Aí se faz o plano de AEE direcionado para cada um. Então é um plano individualizado do aluno. A gente faz um plano de acordo, né? Pra trabalhar com aquele aluno naquele ano vamos supor, aí só que assim vai se modificando, porque aquele aluno também vai se modificando, aí nesse plano tem as intervenções com os professores, também de direcionar, de poder

auxiliar também professor na questão do currículo adaptado, é de poder auxiliar ele no sentido de ó professora, eu tô precisando trabalhar tal conteúdo com esse aluno, o que que tu acha? Embora a gente não domina o conteúdo e a disciplina do professor, a gente pode pensar numa estratégia para trabalhar com o aluno, né? Então são adaptações.

7. Como ocorre a colaboração com outros profissionais, professores, terapeutas e pais, para apoiar os alunos autistas de grau 1?

A gente está sempre fazendo uma troca, né? Na verdade, a gente está sempre querendo saber como está esse aluno e querendo também que o professor além de dar essa resposta, como é que o professor está fazendo, como que ele está conseguindo, não é? A questão da avaliação também. A gente trabalha muito a partir disso, porque a avaliação com aluno é totalmente diferente, porque não adianta fazer um plano adaptado, seguir uma rotina ali adaptada e chegar na avaliação e tu propor a mesma avaliação. Então essa parceria, essa troca, tem que ter entre sala de recursos e a sala regular. Que é muito difícil, é, às vezes não consegue chegar no professor e aí às vezes tem essa questão do atropelamento, que às vezes a gente não consegue. Então, por exemplo, eu sou da sala de recursos e trabalho no turno da tarde, mas geralmente eu venho numa manhã que é onde eu consigo olhar, os alunos. Claro que como tem o médio, agora tem esse integral, facilita e até com o contato com os professores, mas tem professores mesmo que eu não conseguia ver.

8. Quais recursos e materiais você costuma utilizar para auxiliar o desenvolvimento dos alunos autistas de grau 1 na escola?

Vai mesclando, porque assim eles gostam muito assim, geralmente os que eu tenho aqui, gostam muito do computador, é jogos, é na verdade esses alunos é de grau um que eu tenho eles são extremamente tecnológicas, né? Arruma um computador. Eles, até então a gente parte sempre assim das tecnologias. Na verdade, sempre é maioria, tecnologias.

9. Já houve comportamentos desafiadores ou crises que surgiram durante o seu atendimento com esses alunos? Como você conduziu a situação?

Sim, sim, sim. Já vários. Vários casos teve um, não este ano, mas uma aluna é também que uma vez porque a professora foi falar as notas na sala e falou dela, também que ela não tinha, nem era nota, eu acho que é foi no trabalho e aí, é claro, professor, com a postura, de que todos os alunos. Então, assim. A professora foi colocar como no trabalho e aí chegou nessa aluno e falou também, e ela não gostou. Ela saiu da sala e veio aqui, aí aqui ela, ela surtou. Ela deu um soco na parede e quebrou o dedo e outras coisas assim tem um aluno, por exemplo, autista, agora desse ano, ele não suporta criança menor. Assim, criança menor que eu digo lado do currículo, né? Das séries iniciais, então o atendimento dele é sozinho, ele estava aqui, estava no computador, eu em um computador e ele em outro, e aí uma aluna ia chegar e ele ia sair, e tinha uma diferença de 15 minutos. E aí a menina chegou antes e aí o que que aconteceu? Ela bateu e entrou, conforme ela entrou e ele olhou para mim e ele disse, me desculpa, professora, mas eu tenho que sair correndo porque ela e ele surtou. E aí tive que sair correndo atrás dele. Então tem várias questões.

10. Quais são os principais benefícios da intervenção psicopedagógica para alunos autistas de grau 1?

Na verdade eles precisam, não é? É na verdade, essas intervenções são todas para organização deles, né? Porque eles, por exemplo, tem um aluno autista que ele pode nem precisar de um apoio em termos de adaptação, ele consegue dar conta, ele se destaca mais, né? A gente tem um que ele se destaca mais que os outros alunos, em termos cognitivos. Mas é, se não é intervenção, ele não consegue se organizar na sala de aula, ele tem de mania de perseguição, então esses tipos de terapia ou da psicóloga ou do AEE, ou outros tipos de intervenções, ele precisa para se organizar, não é porque ele tem o cognitivo totalmente preservado, ah esse aluno não precisa então ele vai pra sala de aula regular e não seja mais nada, não, porque ele tem outras defasagens em outros aspectos que geralmente o grau 1 tem. É rotina, a

organização da própria escola. Aí a gente sabe que, por exemplo, uma escola não é? Tem escolas particulares que seguem uma rotina mas, a gente sabe que escola pública já que não tem, né? Cada dia é um flash, tem dia que tem alunos, tem dias que não tem. E aí, assim, ó, nós aqui mesmo passando por toda essa função de organização, é por causa dos espaços, daí tu imagina. Eu tenho uma aluna também que não podem trocar a sala, só trocar ela se desorganiza. Aí quando eu estou aqui ela vem para cá. Se eu não estou, tem que ligar para a mãe. Tu Imagina a confusão, é difícil.

11. Como é feita a inclusão e a interação social dos alunos autistas de grau 1 na escola?

Eu acho assim, que a gente está em uma caminhada, não é? Acho que eles conseguem incluir melhor hoje, eu acho que tem um movimento também dos alunos. Né? Quantas vezes, às vezes vem os alunos, aí o fulano está com mania de perseguição. Está com aquelas coisas de perseguição, então assim eu converso com ele porque a gente tem feito a nossa parte, então eu acho que já tem um movimento bem grande nesse sentindo. Embora tenha que melhorar, porque a gente sabe que a função do dia a dia, o que mais peca, né? Da sala de aula ali, professor, às vezes deixa o aluno num cantinho, aquele que não incomoda, vai ficar ali e aí ele vai ficar ali mesmo, né? Então quantas vezes, às vezes vem os pais e diz o fulano não está vindo com. Né? Quer dizer, não está copiando nada. O professor não está dando o material adaptado, geralmente eu peço os professores, hã, fazerem folhas ou alguma coisa assim, não é? Aí a gente tem a monitora agora, porque isso foi uma conquista, porque anos não se teve. Então isso facilita as vezes, porque ela tá ali também, né? Embora o monitor do estado não seja para apoio pedagógico, para alimentação, pra locomoção, a gente acaba, aproveitando um pouco do monitor, quando ele tem boa vontade porque ele sabe das suas atribuições, mas às vezes também disso, de poder organizar ali o caderno, porque nem sempre o professor vai conseguir. Mas tem muito disso, não é? O professor às vezes não conseguiu. Aí é isso nessa questão, pega um pouco, mas eu acho que a gente tem feito um movimento bem legal.

Apêndice 9 - Entrevista com a psicóloga

1. Qual é a sua formação?
2. Qual a sua experiência profissional como psicóloga?
3. Em poucas palavras, o que é o autismo de grau 1 e quais são suas principais características?
4. Que tipo de características iniciais os pais ou cuidadores podem observar em uma criança com autismo de grau 1?
5. Como é feito o diagnóstico do autismo de grau 1 e qual é o papel do psicólogo nesse processo?
6. Após o diagnóstico, como é o tratamento para autismo de grau 1?
7. Que recomendações você daria aos pais ou cuidadores de uma criança com autismo de grau 1?

Apêndice 10 - Transcrição da Entrevista com a Psicóloga

1) Qual é a sua formação?

Eu tenho curso em aba. E agora eu to fazendo a pós para trabalhar com autismo. Eu vi necessidade que eu precisava de ter o curso não é? Na realidade eu não trabalhava com crianças atípicas. Comecei a trabalhar em 2022 e aí que me apareceu a demanda no consultório, né? E aí eu me vi obrigada a fazer o curso. E aí, consequentemente, no final do ano passado, eu entrei no instituto multitéia. Aí agora, realmente meu trabalho está sendo mais com crianças atípicas do que com típicas. Porque no consultório, eu nem tenho. Na realidade, crianças atípicas.

2) Qual a sua experiência profissional como psicóloga?

Bom eu comecei a trabalhar com crianças atípicas foi no início do ano passado com uma criança no consultório, e aí eu vi a necessidade, comecei a fazer avaliação também de autismo, e fiz a avaliação da irmã dele. A irmã também era atípica e a mãe também a gente encaminhou para uma colega que também era, então? Aí depois, no finalzinho do ano, eu comecei a trabalhar no instituto, não é? E eu comecei a trabalhar, tipo com uns 8 pacientes, mais ou

menos. E a gente trabalha a questão de comportamento mesmo. Muito mesmo assim sabe, de modelação de comportamento. Porque eles aprendem, né? Só não aprendem da forma natural que as outras crianças aprendem, não é? Então, a gente vai modelando esse comportamento. Eu Principalmente essa parte de emoções, de sentimentos, a parte social não é, hã, envolve muito meu trabalho assim, né? Enquanto psicóloga, tento trabalhar modelando o comportamento óbvio, mas dentro dessa parte. Principalmente com atividades diárias, né? Ensinar a eles, como funciona e como não funciona e vem assim, apresentando um bom resultado, assim, sabe. Agora eu estou trabalhando na coordenação com os acompanhantes terapêuticos também. Eu estou coordenando eles junto com a supervisora ABA e fazendo as supervisões, elencando habilidades para eles desenvolverem, e a gente vai fazendo os gráficos e apresentando para os pais. É, questões assim, olha o fulaninho antigamente não sentava, né? Lá em agosto agora ele já está sentando. Agora ele já está atendendo pelo nome, está fazendo mais contato visual. Um adulto por criança não é de rastreio. Assim a gente está. Estou começando nessa área, não é, Mônica? faz duas Semanas que eu comecei nessa nova função. Mas Eu vejo assim que é um trabalho bem consistente, sabe? Assim que a gente consegue resultados rápidos e eficientes assim, sabe? Mas eu vou te dizer, eu não tenho nenhum severo por enquanto não, mas tem os graus de suporte 1 e 2 tenho, enquanto psicóloga, né? Porque eu continuei atendendo, depois do meu horário da supervisão, eu continuei atendendo os meus pacientes normalmente.

3) Que tipo de características iniciais os pais ou cuidadores podem observar em uma criança com autismo de grau 1?

Bom. De início assim, a gente percebe coisas simples, né? Assim, tipo não atender pelo nome, né? Quando é chamado, faz alguma estereotipia, não é? Geralmente faz, né? E às vezes, a mãe não é, ou é uma criança quietinha, né? A gente vê muito disso. Há. É um bebezinho quietinho, sempre foi. Mas essas características são mais específicas assim, né? Principalmente as estereotipias, né? E não fazer contato, não buscar o contato no outro, né? Essa

parte social que quando a gente ri para o bebê e ele ri de volta, geralmente a criança com autismo, ela não busca isso. Né? Então são coisas bem iniciais, assim, que às vezes até para nós passa batido, não é? Mas é são características assim, bem iniciais. Assim, principalmente essa reciprocidade de contato mesmo, né? Quando tu sorri, a criança não sorri de volta, não é? Ou seja, eu estou brabo e a criança tipo, não tem nenhuma reação quanto a tua reação, ela não esboça reação nenhuma. Isso são assim, são coisas mais sutis, né? Que às vezes a gente precisa prestar atenção, principalmente essas coisas de sentimento, grau suporte um, ele tem um pouco de dificuldade na socialização e em reconhecer as emoções no outro e em si. Né? Então, para eles, ainda é um pouquinho mais complicado é óbvio que eles vão aprender. Mas eu te digo assim, essas características assim são, eu acho que para mim, na minha visão, são mais sutis, mais já pode ser um início ali, né? E tal, atraso no desenvolvimento, é óbvio? Atraso na fala, às vezes suporte um não tem atraso na fala, né? Então, às vezes até demora mais o diagnóstico por causa disso, né? Ou não tem atraso no desenvolvimento. Correu, rolou, caminhou, tudo no tempo certo, engatinhou, não é? E aí vai desenvolver, vai ver mesmo nessa parte assim de social, quando vai para escola, não é que não consegue lidar com a frustração, por exemplo. Com o colega e tal. Porque os pais às vezes eles demoram um pouco a perceber. Porque ou é a criança quietinha ou é a criança aqui que é muito agitada, não é? Então eles acabam demorando um pouquinho, suporte um sim.

4) Como é feito o diagnóstico do autismo de grau 1 e qual é o papel do psicólogo nesse processo?

Eu sempre faço a avaliação em testes e avaliação de desenvolvimento, também. Principalmente na parte social, né, que é uma parte bem afetada em relação às emoções também. A gente sempre tenta fazer avaliação mais fidedigna possível né? Porque é o suporte que a gente tem. E o meu papel é eu levantar as hipóteses. Tá e passar para o neuro ou para o pediatra, pro neuropediatra. Porque mesmo assim, a gente não pode dar o diagnóstico, não é? A gente só levanta a hipótese e passa e encaminhar essa criança para esse suporte, médico e tal. Para depois essa esse médico vê as terapias, né? O que que essa criança precisa. Se ela precisa de psicólogo ou se precisa de

psicopedagogo também, se ela precisa de fono ou de TO, todas as outras terapias.

5) Após o diagnóstico, como é o tratamento para autismo de grau 1?

Principalmente essa parte, a gente trabalha com análise experimental do comportamento aplicada, principalmente essa parte de aprender as emoções, aprender comportamentos socialmente relevantes, né? Que eu não posso chegar, por exemplo, na tua casa e a gente falar um palavrão, não é, hã, são essas coisas mais ou menos assim que a gente trabalha. Eles têm um cognitivo bem preservado assim, né? É bem bom de trabalhar essas coisas assim porque eles aprendem bem rápido, sabe? Mas, ao mesmo tempo, são muito rígidos com relação do comportamento e tal, não consegue às vezes, hã? Fazer aquele link não é que nem a gente que faz rapidinho assim. De uma coisa pra outra, não é, Principalmente das emoções, não entendem muito. Sei lá, uma emoção? deixa eu Colocar aqui uma emoção, como estar confuso, hã, eles não entendem dessas coisas mais subjetivas. Então a gente tem que ir explicando, não é, e moldando isso de uma forma com que eles, mesmo que ele não consigam sentir que eles consigam entender no outro Né? Alguns o sentimento é indiferentes mesmo. Eles têm a capacidade assim de entender que aquela pessoa, por exemplo, a mãe ou cuidador, que aquela pessoa tem um cuidado, não é com ele que isso pode ser uma forma de gostar, né? Mas às vezes, a criança não entende. Eu tinha mesmo paciente que ele não entende isso sobre a questão da mãe, por exemplo. É para ele, tanto faz como tanto fez. Inclusive ele disse para mim que não queria ter nascido. Ai ele disse que ele é uma criança que não queria ter nascido. Porque ele era um problema para a mãe e tal assim, né? Porque ele não consegue entender esse amor incondicional, vamos dizer assim, dessa mãe. E ele realmente, ele não esboça muita afetividade assim, sabe? Mas, por agora ele anda gostando de uma coleguinha da escola não é? Então é muito relativo eu te dizer assim, ó, não, ele não tem, não é. Mas daqui a pouco ele pode desenvolver isso. Às vezes o que acontece, não é, Mônica? não sabem explicar o que está sentindo, e não sabe explicar o que está sentindo, mas, sente. É até esse meu paciente agora está gostando de uma coleguinha, então, provavelmente ele começou a aprender o que que é o sentimento que que é o gostar e tal.

6) Que recomendações você daria aos pais ou cuidadores de uma criança com autismo de grau 1?

Eu procuro, por mais que seja difícil às vezes, os pais. O pai de autista, ele tem uma característica. Tu vai notar assim, está sempre na defensiva. Tá? E aí, às vezes é até mal interpretado, não é? É porque, eu entendo assim é porque ele quer que o filho melhore daquela condição que ele, evolua de alguma forma, hã, ou que as terapias sejam bem feitas, né? Então, parece assim que eles estão sempre na defensiva, mas isso já por uma coisa socialmente assim, né? É construída socialmente, porque essas crianças foram muito negligenciadas por muito tempo, não é? Então ficou muito, e ainda são, né? Tu sabe que tu trabalha como professora, tu sabe que sim. Eu não tenho currículo adaptado muitas vezes, né? A criança ficar só ali, enfim, só ficam realmente não acontece, né? Então ele sempre tem que estar na batalha. O que eu recomendo pra eles, é de sempre tentar acolher. Né? por mais que seja difícil às vezes, acolher aquele sentimento que aflorou ali naquele momento, né? Hã, e também a questão do limite. Né? Porque como a gente entende, hã, é uma criança com autismo, é uma criança autista, muitas vezes os pais não querem dar limite porque vai atrasar o desenvolvimento ou vai prejudicar a terapia. E às vezes eles precisam desse limite, como qualquer outra criança. Tu entende? E principalmente, entender assim as questões deles, né? Porque às vezes é uma questão que para nós, é corriqueiro e passa batido, não é? Mas há é porque tirou o carrinho do lugar ali ele ficou mega sentido. É acolher, né? De Oh, não, a gente vai conversar de alguma forma não é e tal. E principalmente assim, ter um bom relacionamento, assim, sabe, com os terapeutas e tal, a gente faz muita orientação parental. Faz muita orientação parental nessas coisas assim, nesses segmentos, por causa que às vezes os pais não sabem o que fazer, tão perdidos, não é? Ó, a gente vai trabalhar, isso, isso e isso pai, né? Continua trabalhando a né? Que eu acho importante É isso, assim Não colocar essa criança numa bolha também. Mas conseguir entender ela. É, e realmente eles estão sempre na defensiva, porque eles estão muito castigados, coitados, sabe, é todo mundo. É as terapias às vezes que não dá certo. Né? Ou está fazendo com uma pessoa que não foi pra frente e aí tem que trocar. Já aconteceu comigo também. A criança às vezes não faz vínculo e

aí tu não tem o que fazer. E realmente tem que trocar, e tá tudo bem, Eu digo assim, às vezes é isso mesmo que tem que fazer mesmo. Até uma mãe tirou a criança do meu acompanhamento, né? E colocou em outra psicóloga, esses dia eu passei por ela e aí ela ficou muito sem graça. Mas tá tudo bem, tá tudo certo. Às vezes, a criança realmente não faz vínculo, né? E aí a terapia não ocorre porque a gente precisa desse vínculo para que a gente consiga trabalhar com aquela criança. Mas eu vejo assim que eles estão sempre na defensiva coitados, mas por uma razão que é concreta, não é sim, porque na escola não tem inclusão né? Ou não, eu tive mesmo relato de pai agora mesmo que vai até na Secretaria da educação, sabe, tipo umas coisas bem punks assim, sabe Mônica não é uma coisa de dizer assim, hã, é, é o pai que está fazendo fiasco na escola. Não é sabe, são relatos assim. Até eu recebi um parecer de uma professora que a criança tinha. Ela deu um diagnóstico de depressão para criança, porque a criança se isola. Agora tu imagina a criança tem autismo, É Ela vai se isolar em algum momento, até mesmo para se auto regular, não é?

Apêndice 11 - Entrevista com a mãe de autista

1. Quando e como você percebeu que seu filho(a) poderia estar no espectro autista? Quais foram os sinais iniciais que chamaram sua atenção?
2. Desde a suspeita inicial até o diagnóstico oficial do seu filho(a), quais foram os passos? Quais profissionais você buscou para obter um diagnóstico claro?
3. Como é o dia a dia da sua família? Quais são os aspectos mais desafiadores e gratificantes de ser mãe de uma criança com autismo?
4. Pode nos explicar como é a comunicação com ele? E como é que ele se comunica e interage com você?
5. Que estratégias você tem utilizado para apoiar o desenvolvimento e as necessidades do seu filho(a)?
6. Como você lida com o preconceito ou falta de compreensão em relação ao autismo na sociedade? Você já teve experiências desafiadoras nesse sentido?
7. Que conselhos você daria a outras mães de filhos autistas?
8. Que desejos você tem para o futuro do seu filho(a)?

Apêndice 12 - Transcrição da Entrevista com a Mãe de Autista

1. Quando e como você percebeu que seu filho(a) poderia estar no espectro autista? Quais foram os sinais iniciais que chamaram sua atenção?

O primeiro sinal foi que ele começou a falar, aí ele parou. Ele tinha 2 aninhos, ele já falava algumas palavrinhas e aí foi que ele parou. E aí o outro foi que eu vi que ele adorava ficar na volta de criança e ele não brincava diretamente com criança. Esses foi os dois sinais e com dois anos comecei a procurar e teve o diagnóstico.

2. Desde a suspeita inicial até o diagnóstico do seu filho(a), quais foram os passos? Quais profissionais você buscou para obter um diagnóstico claro?

Na época foi bem na pandemia. Então o que aconteceu, na época eu decidi começar no particular eu fui no pediatra e o médico falou: ah ele não é autista ele só está no tempo dele. Eu disse: ah mas eu quero ir num neuro e pedir já um encaminhamento pro fono pra ela já começar, ele já tinha dois anos e não falava. Ai ele me deu pra ir no neurologista. E como fui na neuro ela me disse realmente ele tem algumas características e me mandou pra psicopedagoga pra fazer uns testes e aí nesse meio tempo ela pediu uns exames. Tipo um checapezinho. Ela disse que tem que descartar que ele não tenha nenhuma outra coisa e pra ter certeza que é autismo, me pediu um que era o ouvidinho, pra ver se realmente ele não tinha alguma surdez, e aí eu comecei, depois disso eu comecei a fazer os exames de sangue. Fiz esse teste, o exame do ouvido eu não consegui fazer porque era só em Pelotas na época e tinha que fazer dormindo e na época não estavam dando nada de anestesia, e eu fui 3 vezes e chegava lá e ele acordava, aí então eu não fiz. Mas ela disse à eu tinha feito esse teste do ouvidinho quando ele nasceu que ele prestava a atenção quando chamava. Tinha vez que ele não ligava, mas prestava a atenção. Aí, tipo, ligando um desenho, ele saiu correndo. Aí ela pegou e me deu o diagnóstico depois disso. Porque demorou um ano, porque a gente estava no meio da pandemia e tudo foi muito difícil. Eu tentei fazer

também 3 vezes esse exame do ouvido, e demorou tipo cada marcação era pra 1 mês. E foi isso e depois eu voltei com os testes da psicopedagoga que ali pelo que eu tinha lido e já dava de dizer que ele era autista e já estava com os exames de sangue e voltei na neurologista e saí de lá já com laudo.

3. Como é o dia a dia da sua família? Quais são os aspectos mais desafiadores e gratificantes de ser mãe de uma criança com autismo?

Tá eu passei pelo luto, aquele luto, mesmo sabendo que meu filho era diferente, foi muito difícil. Porque o que que aconteceu? A princípio ele é o primeiro autista da família. Então foi uma surpresa muito grande e eu tinha uma perspectiva muito grande em cima do meu filho porque eu sempre amei criança, então o que que eu pensava: Ah daqui a pouco ele vai estar conversando comigo e a gente vai conversar sabe, foi mais difícil que ele era um autista não verbal, ele ainda é. Então eu sempre tive esse sonho de conversar, porque ah a mamãe te ama essas coisas, é o meu sonho. Desde pequena eu gostava de, sou estudante e eu tinha matemática e eu gostei, eu queria ser professora né? Eu sempre gostei de, tipo, eu vou ensinar o meu filho. E então foi muito difícil. Eu, pra te dizer a verdade, eu demorei 2 anos para aceitar dentro de mim. Tipo eu comecei com as intervenções antes de ter o diagnóstico, eu chorava, mas eu estava levando ele nas terapias. Então foi bem difícil. Um pouco pra mim e fora Que tipo as pessoas, externamente, as pessoa são muito difíceis, vamos dizer eu não tinha argumento porque eu estava recém estudando sobre autismo, então se vinha alguém dizer coitadinho, essas coisas, isso me deixava muito frustrada, porque ele é só uma criança. Porque quando vem o diagnóstico as pessoas não enxergavam mais o meu filho eles chegavam “ah o autista”, entendeu? E isso me entristecia porque eu dizia, ele é uma criança incrível. Então foi a parte do luto, foi o desafio, o preconceito e também entender que ele era diferente, porque tipo, às vezes não era só uma saída tranquila, porque conforme ele foi crescendo, foi intensificando as estereotipias, então aquela questão do barulho sempre ficar preocupada, porque aí o autista estereótipo é que ele, que fica sempre com a mãozinha, só que ele não tinha, não tinha essa sensibilidade assim. A sensibilidade dele era outra, como muita gente, ele fica muito nervoso. Então eu tive que começar a prestar muito mais atenção, estudar sobre o assunto. Aí

depois de 2 anos assim, depois de eu, aí teve uma situação assim que eu tive que sair do meu trabalho, porque ele não ficava na creche muito tempo porque na escola, eu tive muito estresse, porque reduziram o horário dele. Eles reduziram sem conversar comigo. Ah é porque não tem monitor, mas porque no diagnóstico do meu filho como é que ele seria enxergado pela sociedade e eu vi que ele estava sendo excluído em todos os âmbitos, entendeu? Tipo, aí é ir numa festinha ele nunca ficava muito bem, é ir na escola e ele era o horário reduzido. Tudo era complicado, foi e ainda é. Porque hoje se eu mantenho ele na escola, por exemplo, é porque eu tenho informação, eu tenho que sempre estar sempre pronta para lutar, pra ele se manter na escola, pra não reduzirem o horário dele, para entenderem a condição dele. Porque não é aquela questão de porque meu filho é autista, mas eu vou ignorar os fatos, não, eu não ignoro os fatos, eu acho assim, que meu filho ele tem que se manter na escola, porque se tem um monitor e se tem um professor, ele tem que estudar. Ele faz tudo que terapias, eu faço, eu movo céus e o mundo para ele ter as terapias e falo para escola, não é aquela criança que é ignorada pela família, ele tem medicação também. Então ele tem que ter a chance de ter a educação, que é um direito dele, não é? Aí tem essa questão que eu tenho que estar pronta pra luta, é muito difícil. E a parte gratificante, é que eu vejo assim com as terapias, às vezes as coisas são mais complicadas. As coisa são complicadas porque ele tem crises ainda. É bem difícil para mim. Porque, tipo por exemplo, ele me morde, eu tenho que pensar assim, ah ele está me mordendo porque ele está desorganizado, é uma coisa dentro dele. Ele está sofrendo tanto no interior dele que ele está tentando externa. Eu não posso levar aquilo para o lado pessoal só que aí tu pensa, é difícil passo o dia todo correndo. Eu estudo, trabalho, e levo ele nas terapias. Na parte da manhã é só de terapia com ele. De tarde eu trabalho ele está na escola e de noite, eu tenho que estudar, e eu tenho que ficar na função dele também. Então às vezes eu fico sem dormir, eu tenho que estar sempre atenta, sabe? Eu sempre tenho que estar atenta que a qualquer momento ele pode se desorganizar, aí eu tenho que estar pronta, sabe? Essa é a parte difícil, eu sei, tem mais fácil negativos do que positivo. Mas assim, ter acesso a informação, isso me fez um lutar muito pela causa. Eu sou monitora de inclusão, me ajudou muito, sabe? Me ajudou a entender, me ajudou a ver que tem muitos casos, sabe? Estudar sobre o assunto também,

eu sou bolsista da matemática, é matemática para todos. E eu vou fazer até formação agora para os professores, então quanto mais eu me aprofundo, mais eu tenho acesso, eu vejo aqui o laudo do meu filho não foi o fim foi o início de estar caindo na sociedade, só que ele está se enturmando. Eu tenho que vestir essa função de lutar e ter sempre argumentos, sempre estar estudada para ninguém vir com desinformação, querendo destruir meu filho. Isso é mais complicado, é quando as pessoas não vêem o Diogo e elas vem há um autista, entendeu? E na maioria das vezes eu vejo que tem muito do externo, muitas vezes, ele tem 5 anos aí eu fui na escola e um gurizinho, colega dele olhou pra ele, ele estava junto com o pai dele, ele falou assim, ah porque eu nem sei porque o Diogo vem pra escola, porque o Diogo nem faz nada, ele só fica num canto, ele nem deveria estar na escola, nem deveria estar aqui, tipo uma criança jogando tudo isso, sabe, para mim aquilo foi bem difícil. É preciso sempre lutar contra a desinformação, ele é uma criança, mas pra ele estar falando nisso, porque não está claro, porque o Diogo não é uma criança que não faz nada, ele é uma criança que tem muitas coisas só que é reservado, tipo, ele não fala, mas ele sabe o alfabeto, ele sabe as sílabas, ele sabe os números, ele anda a cavalo, ele faz natação, ele está aprendendo a nadar, então não é que ele não faz nada. Às vezes ouvir as coisas é cruel. Tem mais contras do que prós, mas assim a parte, a minha parte materna, eu me vejo muito feliz, eu amo meu filho, eu amo fazer as coisas com ele. Eu amo quando eu, eu não consigo ensinar ele de forma tradicional, mas estou sempre estudando, também tô fazendo um curso de assistente terapêutica aplicador ABA pra desenvolver ele e eu sempre aplico com ele é muito gratificante, tipo, eu sempre estou me informando e fazendo informações para desenvolver ele melhor. E isso dá certo, isso é grande e gratificante para mim.

4. Pode nos explicar como é a comunicação com ele? E como é que ele se comunica e interage com você?

Olha, eu tenho que ir assim. Essa comunicação nossa é tipo assim, foi desde que ele nasceu. Ele começou a falar, mas não foi aquela fala verbal. Foi mamãe, papai, banana. Foi coisinhas aleatórias, mas desenvolver a verbalidade de a gente conversar nunca aconteceu. Só o que acontece, eu vivo com e sempre vivi assim, então eu entendi a forma de comunicação dele. Ele

não é verbal, mas tem uma forma de comunicação muito ativa, porque por exemplo se ele quer alguma coisa, ele pega a minha mão e me leva, eu vejo quando ele está com fome porque ele pega o prato dele, vai para a volta do fogão. Eu vejo que ele está com sede porque ele tenta, assim ele nunca foi de tentar me impedir. Ele sempre viu como é que eram as coisas e ele mesmo tentar fazer isso deste pequenininho. Então ele estava com sede, ele tentava pegar um copo, ele tentava ligar a torneira, ele queria comer alguma coisa e ele pegava e tentava abrir, abrir geladeira ele amava. Então ele é muito assim por ele, eu tenho que observar muito ele, o que que eu sei? Eu sei que das coisas que ele gosta e eu trabalho em cima disso. E gente já tem uma rotina, já tem uma função. Então eu tento seguir isso, porque ele é muito preso na rotina, mesmo. Uma coisa que organiza ele é, então ele continua desorganizado. Mas assim, ele quer alguma coisa, é isso, ele tenta pegar o ele começa a me chamar. Até uma das funções de ele ter crise é por ele não ter essa comunicação tão clara, então tem coisas que às vezes ele quer, é complicado de desvendar. Teve uma vez que ele fez, chorava, chorava, chorava. E eu tipo, 4 horas chorando e aí eu te levar no médico. Aí ele de início, eu não achei que era crise. Depois, eu não sabia o que que era e quando eu cheguei lá no médico, era o dor de ouvido. Às vezes dá certo, às vezes não dá. Eu fico observando e atenta. Ele tem tipo umas funções quando ele quer chamar a atenção, na mordida. Ele se esconde pra chamar a atenção. Então tudo isso eu tenho que estar sempre atenta para a parte não verbal. Aos sinais que ele me dá, sabe?

Assim nunca me disseram grau, eu sempre perguntei. É, é certo, não existe grau. Sei que existe, porque lá no DSM tem os 3 graus e pelo que eu leio e estudo eu acredito ser o 2. Muito mais pela parte da não verbalidade. Então por ele ser não verbal, e o que tipo social que ele não é de brincar com os coleguinhas. Ele Gosta de ficar no meio das crianças, mas ele não gosta de fazer brincadeiras, ele gosta de brincar com adultos tipo comigo, a gente pega e brinca de correr, de cosquinha, isso ele gosta, na Pracinha, mas ele não gosta de ficar perto de criança. Ele é o nível 2, porque ele precisa de um suporte moderado. É um nível que precisa de suporte, mas não tanto. O Diogo não precisa de um suporte todo o tempo.

5. Que estratégias você tem utilizado para apoiar o desenvolvimento e as necessidades do seu filho(a)?

Ele tem o fono, a psicóloga, mais a psicopedagoga, a terapia ocupacional. Tentando agora saber se eu consigo a terapeuta da parte sensorial, tudo ele busca o muito sentir então ele precisa da terapeuta sensorial e uma assistente terapêutica pra essa mudança de escola. Ele estava há dois anos em uma escola, e agora eu preciso que ela participe dessa intervenção. Mas o que ele faz hoje são 5 terapias. E também as coisas que eu trabalho em casa. Eu sempre estou tentando trabalhar com ele, são coisas simples, mas para ele é muito. Tipo a ele está comendo algo, ele tem que botar o prato no lugar ou botar a casca no lixo do que ele estava comendo, hã? A gente senta para eu tentar trabalhar, fazer desenho com ele. E eu cozinho bastante com ele, eu tento fazer com que ele cozinhe comigo, ver a ordem. Tudo isso assim tem um significado maior por prazo, então ele tem terapia com os terapeutas e tem terapia em uma certa terapia comigo. É importante para desenvolver outras habilidades.

6. Como você lida com o preconceito ou falta de compreensão em relação ao autismo na sociedade? Você já teve experiências desafiadoras nesse sentido?

É horrível mesmo, a gente sabe que é puxado mesmo? De início eu ficava muito frustrada, né? Eu Não tinha informação quando tu não tem informação, tu não tem, tu até concorda com a desinformação. No início era assim, só que conforme eu fui estudando, eu fui tentando me informar, uma das coisas que eu mais detesto e quando, a gente paga muito ônibus pela função das terapias, e tem muita gente que tenta falar com ele, aí eu digo ah ele é não verbal, ah coitadinho é doentinho. Aí eu já fico de cara e aí só que eu não sou grossa, eu sou bem calma. Aí eu falo, não, ele não é doentinho, ele está muito bem de saúde e aí a pessoa meio que se ah tipo, ai falei besteira né? Aí ele está bem, ele só não fala, mas ele está ótimo. Também essa questão da escola, eu tenho que estar lutando com a escola, por exemplo, eu vou nas Quintas-feiras, a gente sair de casa 7 horas da manhã e chegava em casa 12h40 e 13h25 a gente estava saindo para a escola, e o que eu busco fazer,

assim? Eu sempre busco informar quem lida com ele, antes mesmo de todas as todas as famílias conversarem com os professores eu fui lá e marquei uma conversa com a professora dele, só eu e ela, e expliquei a rotina dele, expliquei como ele lida com as coisas. Eu já nesse mesmo ano eu descobri que eles não podem mais reduzir o horário das crianças, que tipo? Pra reduzir os horários das crianças, só se for algo do tipo permanentemente, mas se for algo que acontece às vezes, não pode. Tem que ter uma informação, não é que nem ano passado, a gente vai reduzir a isso e a gente tem esse poder, não, mudo isso. E aí o que que aconteceu, meu filho teve aquela semana de porque as crianças, elas tem 2 semanas que vai um dia sim e um dia não, e aí depois que começou a ir todos os dias. Quando ele foi toda aquela semana, na segunda, na terça, na quarta, aí na quinta, que tinha conversando com o professor dele, o que que acontecia na quinta, que a gente saía de casa às 7:00 que a gente acordava 6h30 que era tipo quinta-feira, era um dia bem pesado pra ele, e eu sempre acompanhando a agenda, toda semana ela dizia ah o Diogo está bem, estava muito bem, ele estava OK. Quando chegou na quinta-feira, ele teve uma crise e aí na quinta-feira mesmo ela já mandou um recado, na agenda: tá quero conversar com você? Na sexta, eu fui, quando eu fui na sexta, o que que eles queriam reduzir o horário dele? E isso eu fiquei muito chateada. Eu peguei, tá porquê? Ah, porque ele se desorganizou, porque acho que tem que ir com mais calma, aí eu disse: mas como assim? Ele foi 3 dias bem e por um dia, que ele não foi muito bem, vocês querem reduzir o horário dele? Mas eu penso assim, meu filho, eu faço tudo para ele ter as terapias dele, eu faço tudo, eu trabalho noite dia para isso, e ao mesmo tempo eu tenho que cuidar ele o tempo todo, então eu não aceito isso. Outra coisa, ele tem a medicação. Vocês podem me passar o que está acontecendo e eu passo para os terapeutas para ver o que está acontecendo. Mas eu não acho justo ele ter passado três dias bem, ter passado toda duas semanas que ele passou de adaptação e agora que começou o horário, e por 1 dia que não estava bem vocês virem querer reduzir o horário. Foi três pessoas pra falar comigo, isso me deixa muito de cara porque pareceu que eu não sou uma pessoa acessível, foi muito difícil essa parte de aparecer três pessoas, pra mim é muito difícil pra mim. Porque eu fico pensando, eu sou uma pessoa tranquila, eu fui conversar com a professora sozinha, gostaria de ter esse retorno assim, mais tranquilo. Mas pareceu que

queriam me reprimir. Eu me senti reprimida porque era 3 pessoas tentando me convencer do horário do meu filho, só que eu fiquei bem de cara, assim, o que eu pensei, poxa eu expliquei, eu mostrei. Não foi uma desinformação. Porque eu falei que quem pudera toda a quinta-feira eu puder ficar com meu filho. Gostaria só que eu tenho que trabalhar porque eu tenho que pagar as terapia dele. E se eu não pago terapia, ele não desenvolve. Se ele não desenvolve e o que que eu faço? Eu expliquei toda a nossa dinâmica familiar. Eu sou uma pessoa que não tem uma rede de apoio e aí eu deixo isso bem claro. O pai dele fica com ele 3 noites por semana, das 7 às 10, esse é o único momento que o meu filho não está longe de mim na escola, enquanto eu estou trabalhando. E eu deixei tudo isso bem claro, como é que funciona as coisas aí depois disso elas realmente ah é verdade. Depois disso? Agora que ele está agora depois do retorno das férias, que foi bem difícil para ele, que ele está tendo alguns problemas. Mas pra tu ver, se eu estivesse sentado, ele foi bem, até as férias de julho ele foi bem, não teve mais situações. Aí quando ele retornou que ele teve. E agora querem conversar comigo de novo, mas eu penso assim, eu sempre tenho que estar armada de argumentos, eu tenho que tá sempre estudando a Lei, porque lá na lei está bonitinho que ele tem o direito de alguém todo o tempo com ele, ele tem o direito de se manter em sala de aula, ser tratado como todos. A educação é para todos, para todos naquele horário, sabe? Eu tipo, eu gosto de entender como é que funciona as coisas. Porque se não vem e tentam me driblar. Eu fico pensando, são 3 pessoas naquela escola que não quer, ou 3 adultos bem formados, porque a professora dele é psicopedagoga com formação em autismo, ela está fazendo uma formação, tinha psicopedagogo e tinha mais a orientadora. Então são 3 pessoas bem formadas, 3 pessoas que estão há anos na educação infantil que não queria que meu filho tivesse ali, então para mim é muito frustrante. Não é nem a questão ah porque o que que acontece? Eu trabalho ali em outra escola, E eu vejo que lá é assim, eles não ficam, tipo, toda hora chamando a família. A criança pode se desorganizar, eles dizem, Oh, a gente espera a criança se organizar e volta para sala e deu acabou. Outra coisa que nos ensinam, não fossem as coisas complicadas, tudo bem, há tipo, por exemplo, eu vou te dizer, o meu aluno passou o dia correndo, por exemplo. Ele parou e fez uma atividade. Não vou frisar, daí ele não fez nada, não, eu vou frisar oh ele ficou

um pouco meio agitado, mas ele ficou ali. Ele conseguiu fazer uma atividade comigo. Isso já está ótimo. Amanhã a gente tenta duas. Assim que a gente faz ali na escola que eu trabalho. Eu até não passei para a escola que eu trabalho, porque eu queria ir trabalhar na escola dele e disseram que a gente não podia, poderia por causa da que a gente era mãe e filho. A família não podia. Aí depois, agora que eu estou na escola, que eu estou, ele vai no ano que vem, para lá. E aí, disseram não existe isso, a escola só não queria que eu fosse trabalhar lá e aí eu não troquei ele por essa questão de troca é sempre difícil com ele. Então essa é a parte, é parte complicada, essa é a luta com a escola. Outra coisa também é a luta com SUS, porque o SUS não tem as coisas. Eu tenho que estar desembolsando todas as terapias dele, tipo, não é uma coisa que eu vou ah por direito, ele tem o direito lá por lei, a ter toda as terapias bonitinhas. O que ele precisasse pelo SUS, mas não acontece. Ele está na fila de espera há anos. Eu tô na fila de espera desde os 6 anos. Eu estou na fila de espera para o neuro desde que eu estava tentando descobrir o autismo. Tem isso. Então não funciona as coisas que deveriam funcionar, não funciona. Tem que estar sempre correndo atrás. E isso é difícil. E a parte do preconceito, é isso, sempre tenho que estar pronta, assim. Ter um argumento, tem que estar de cabeça fria. Eu vou te dizer, eu fui mãe com 18 anos, eu tenho 24, então ainda me sinto muito. Não me sinto tão adulta suficiente, sabe? Então, para mim é difícil. Às vezes eu tenho que me convencer que, por exemplo, foi que eu te disse que na escola dele, poh são pessoas que tem muito mais informação do que eu, que tenho um tempo de carreira menor, maior. Então pra mim, o que que era? Elas têm razão, só que eu tenho que me convencer ao mesmo tempo, que nem todo mundo que tem mais Informações em certa área não tem tanta informação no autismo, então estou sempre tem que estar munida dos direitos do meu filho e de argumentos assim, porque se não vão prejudicar ele, isso é complicado. Essa parte mais complicada ele só é tipo, não eu já passei muitas, eu tipo, eu tenho a visão de escola porque eu sou monitora e eu tenho a visão de mãe. E eu vejo assim que a escola, ela tem que tentar manter, tipo, uma das empatias que eu tenho com a mãe dos meus alunos, tem um que tem suporte maior que meu o meu filho, os 3 que eu fico são verbais, só que eles precisam de muito suporte. E é muito mais complicado que o Diogo, entendeu? E eu fico vendo, uma das situações é que eu penso

assim, e se tem mãe que está na mesma situação que eu, que precisa daquele tempo que a criança está na escola aprendendo. Entendo que a escola, não é uma creche, mas é um tempo que ela está aprendendo, que ela está vivendo em sociedade. Esse tempo que ele está na escola é o que eu tiro para trabalhar, eu dependo disso, entendeu? Aí eu fico pensando, eu tenho essa empatia, porque eu às vezes que falta é a escola ter empatia da família, não ter empatia em chegar nessa visão da família. Eu entendo daquela família fechada aqui, tipo tem famílias que não aceitam autismo, não aceita a diferença do seu filho nessa situação minha, sabe, eu entendo que meu filho é diferente, mas eu também entendo que ele tem os direito dele. Eu não vou querer, por exemplo, não vou chegar lá e todo mundo, todo mundo da turma dele, vai estar escrevendo o nome dele. Eu não vou querer isso porque eu sei que se ele não, ele tem uma rigidez que ele não gosta da caneta, mas eu vou entender o que que ele não com alfabeto móvel, ele sabe escrever o nome dele, ele sabe botar o nome dele e isso para mim é incluir, sabe, tentar tirar ele da sala de aula, tentar tirar ele da escola por mais tempo. Eu já vejo isso como excluir, porque eu penso assim, se fosse questão de todos os autistas, não é, porque na minha escola tem autista. Que são mais complicados e se mantém todo horário, entendeu? É com isso que eu fico chateada. E essa situação. Mas hoje, até a minha família eu falo, o que eu gosto da minha família é que eles veem o Diogo. Eles não veem o autismo, sabe. E já na família do pai dele é complicado, porque eles o Diogo não é o Diogo, ah é o autista, ele está fazendo isso, porque ele é um autista, ele está fazendo aquilo, sabe como eu não tenho contato eu espero que o pai dele tenha essa sensibilidade de informar a família dele, que o Diogo é uma criança, é uma criança incrível sabe e não só o gurizinho autista.

7. Que conselhos você daria a outras mães de filhos autistas?

Ah, o primeiro conselho, por mais difícil que seja, é o primeiro conselho, é estudar. Eu acho que no primeiro momento que tu está estudando tu entende o que teu filho é, como a sociedade enxerga ele, os direitos dele. Tudo isso te faz saber como funciona. Uma coisa para mim que foi difícil, foi fazer essa não comparar o Diogo com outra criança. Eu hoje comparo o Diogo com o Diogo mesmo e eu acho que as mães têm, alguma mães tem dificuldade. Tipo, por

exemplo, meu filho tem que estar fazendo as mesmas coisas que as crianças da idade dele. Eu já não penso mais assim. Eu penso assim, o Diogo ele começou na escola assim, ele tem que terminar de outro jeito, mais evoluído. Então essa comparação que eu acredito que as mães têm que fazer com seus filhos autistas. É por eles ter um jeito totalmente diferente, o cérebro diferente, né? Outra coisa é sempre começar terapia o quanto antes. Ah vai entrar na fila do SUS. Tenta há tem lá a Anhanguera, por exemplo, disponibiliza terapia gratuita. Tem também uma entidade que disponibiliza. Tipo, tudo isso é essencial. A criança está indo 1 hora por dia, aí deveria 20h, assim porque os autistas precisam de no mínimo 20 horas de terapia semanal. Não, vamos começar nessa 1 hora, só 1 hora, vai mudar alguma coisa. E buscar sempre, tipo, buscar também o nosso lugar, porque o que que acontece? Eu não sou uma pessoa, como mãe do Diogo, eu não, eu entendi, eu não posso trabalhar, 44h, eu trabalhava 48 horas semanais antes do autismo. Antes de vim as características, sabe? Então eu não posso ser mais essa pessoa que trabalha tanto. Eu tento buscar trabalhos que incluam as necessidades do meu filho, tipo, eu sou estagiária. O tempo que ele faz, que ele tá estudando, eu trabalho. Eu sou bolsista, uma vez na semana, de manhã, por 2 horas, eu tenho que estar na escola do trabalho, mais é em casa, fazendo os planejamento, também eu sou bolsista e sou voluntário em outro projeto, nesse projeto eu tenho que estudar mais em casa, então sempre estou buscando trabalhar mais em casa, sabe? Estou fazendo o curso para ter mais condições, depois até ter mais oportunidade de trabalho, mas eu sempre tenho que entender que eu nunca vou poder trabalhar mais de 20 horas semanais. Porque 8 horas o Diogo faz de terapias por semana, mas 20 horas é de manhã é dele porque só de deslocamento é isso. Eu financeiramente é complicado, tem que ser. Tem que tentar driblar, assim eu driblo o sistema porque tem que ter. Então eu acho que a família, porque tem muitas mães não tem uma família e não tem alguém que ajude, assim como eu, não tenho uma rede de apoio, é tentar procurar o seu lugar também, sabe, tentar dá um jeito de driblar o sistema. Hã? E as terapias, os sistemas, sempre se informar. Informação acho que é a parte mais importante, ter sensibilidade, essa relação de comparar a criança, o filho ele é diferente, tem que aceitar essa diferença, sabe? Eu já não vejo uma filha como igual aos outros e também sempre ter troca com a escola. Eu penso assim um

erro, hoje eu penso que é um erro. Mas, aonde meu filho não cabe na escola, que não esteja disposta. Porque a escola é essencial, e se não está disposta a incluir o meu filho, eu não vou mais insistir na escola, aí eu penso assim, eu não vou mais. O ideal era insistir, ok, mas eu, eu não vou estar gastando a minha energia, minha força com isso. Outra coisa, também que eu tô lutando é com a FURG. Eu entrei pra mudar a legislação deles, e eu estou num processo, porque o que acontece? Faço aula 3 vezes na semana, até porque é as 3 vezes que o pai dele fica com ele. E também porque eu não posso. Eu não sou uma estudante que nem os outros eu tenho que ir no meu ritmo e no ritmo do Diogo, é sobre saber o meu lugar, sabe? E saber até aonde eu consigo ir, na realidade que eu me encontro hoje. E uma das situações que está acontecendo na FURG é que ele está em crise de noite, como é que eu justifico uma crise? Não é todo professor que aceita isso, então tem que ter lá uma legislação, tem que ter algo que me contemple para isso, para não ficar dependendo dos outros, então sempre estar pronta pra lutar. Sempre estar pronta pra mudar as coisas também. Isso é essencial, sempre ter troca sabe? Sempre ter troca com os professores. Hoje o Diogo tem uma professora, eu sempre tento trocar com ela. E tem empatia que eu entendo assim, aí aquela professora, ela não vive a minha realidade, mas eu vou tentar até o último ela entender. Eu não brigo, eu não chego a nenhum lugar brigando. Eu chego assim munida de informação. Eu olha, munida assim me prove o contrário, porque o que tá escrito em uma lei e que isso não está certo, me prova o contrário, que a minhas vivências. Que eu estou vivendo a mesma coisa na escola, em outra escola, então porque é tão diferente? Então tudo isso assim eu não eu não brigo, mas eu vou com as informações. E acho que é isso? É isso que eu tento sempre procurar.